

# O Segredo de Carol

Sergio S. Santos

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



O Segredo de Carol

Sergio S. Santos

# Dia 1

O corpo da jovem deitada no chão daquela maneira mostrava que ela não tivera tempo de preparar um canto para dormir. Talvez tivesse caído e batido com a cabeça, ou então simplesmente desmaiado.

Ela se levantou devagar, meio atordoada. Olhou para sua roupa rasgada sem imaginar como aquilo acontecera. Talvez por algum animal que a tivesse atacado durante a noite. Isso explicaria também alguns cortes na pele e um pouco de sangue pelo corpo. Sua única sensação naquele momento era de sede, como se não bebesse água há bastante tempo.

O cheiro do orvalho era bem presente naquele momento e uma luz difusa amarela indicava que um novo amanhecer estava por chegar.

A garota passou a mão no rosto, retirando a poeira e as pequenas folhas que estavam coladas em sua pele. Nem precisava de um espelho para saber o quanto seu cabelo estava embaraçado. Tentou, com os dedos, como se fossem um pente, ajeitar um pouco os fios compridos que insistiam em se rebelar.

Sentia a cabeça girar em todas as direções. Não sabia para onde ir, ficou parada durante algum tempo, esperando que alguém passasse por ali e a encontrasse.

Depois de um tempo sozinha e sem nenhum sinal de ajuda, resolveu andar pelo meio da mata.

A garota começou a gritar, na esperança de que se houvesse alguém por ali pudesse ouvi-la.

—Socorro!

Esperou por alguma resposta, mas não houve resposta alguma. Repetiu o grito.

—Socorro.

Depois passou a gritar em intervalos regulares, cada vez em uma direção. Com a mão em volta da boca como se pudesse amplificar o som da sua voz.

Nem mesmo um eco para sua voz recebia de volta, não parecia haver qualquer pessoa nas proximidades. Precisava andar em busca de ajuda e decidiu percorrer os caminhos próximos do ponto onde estava.

Sorria para si mesma, sentindo-se esperta. Não estava mais com sono, na verdade, a caminhada pela mata estava sendo restauradora, ainda assim recostou em uma árvore e ficou quieta.

A garota aparentava ter entre catorze e quinze anos, magricela, de cabelos lisos e longos, pele clara e uma cicatriz no braço, não chegava a ser uma cicatriz grande, mas devia estar incomodada com o fato de não se lembrar como a havia conseguido, mas talvez nem fosse importante.

O dia já havia rompido definitivamente, e a floresta estava bem clara agora, havia muitas árvores, parecia estar em uma selva fechada. Com o sol um pouco mais alto as cores começavam a aparecer e um calor gostoso percorria seu corpo.

As árvores não eram tão altas quanto imaginara mais cedo. Um pouco mais a frente notou um pé de goiaba, coisa estranha no meio de uma floresta, mas ficou contente, pois indicava que aquela trilha já havia sido percorrida antes, então tinha mesmo esperança de ser encontrada.

A garota foi andando em direção ao pé de goiaba tentando lembrar o que havia ocorrido, dessa forma seria mais fácil decidir o que fazer em seguida. O esforço estava sendo em vão, não conseguia lembrar-se de nada que pudesse ter acontecido para parar ali, no meio da floresta.

Pensou que talvez tivesse conseguido fugir de um cativo, mas então, estaria correndo perigo, parada ali. Com esse raciocínio resolveu correr.

Como não sabia de que lado estava vindo resolveu correr na direção do pé de goiaba, pelos menos teria alguma referência. Correndo o mais rápido que podia, deixou o pé de goiaba para trás e continuou correndo. Algumas vezes pensava estar ouvindo alguém vindo e apressava ainda mais o passo.

Os galhos e pedras na floresta machucavam seus pés descalços. Várias vezes pensou em parar, mas apenas reduzia o

ritmo, quase caminhando rápido.

Para uma garota que não tinha um corpo atlético, corria muito bem. Nunca soube se havia mesmo alguém atrás dela, nem quis ficar para descobrir.

A sede e o cansaço aumentavam a cada passo. Já não agüentando mais correr, diminuiu o ritmo e depois de umas passadas parou de repente sem acreditar no que via.

Esfregou os olhos e olhou novamente. Na sua frente estava o pé de goiaba pelo qual tinha passado no começo da corrida.

“Seria o mesmo?” — Pensou incrédula.

Não podia perder seu tempo pensando naquilo, chegou perto daquela goiabeira e retirou uma goiaba, havia várias, algumas já maduras. Não sabia quando iria comer novamente, então era melhor aproveitar.

Colocou algumas no bolso grande na frente do seu vestido e pareceu não se importar com o fato de que não estava usando nenhuma peça por baixo do vestido.

Não tinha qualquer noção sobre as horas, e sentia uma vontade urgente de ir ao banheiro, sua única certeza naquele momento era que não haveria um banheiro próximo. Ficou escondida atrás de uns arbustos, levantou o vestido e se abaixou.

Enquanto o líquido quente escorria, trazendo alívio para sua necessidade, olhou em volta, mas não viu ninguém, depois se levantou rapidamente e foi andando até uma árvore próxima.

Parou para pensar no que faria para sair daquela floresta sem depender da sorte de alguém passar e a encontrar.

Olhou para o céu, o sol já estava mais alto, mas ainda longe do seu ápice. Resolveu, então, seguir sempre para leste, na direção do sol, as chances de chegar a algum lugar certamente aumentariam dessa forma. Sorriu novamente para si mesma, a garota esperta estava de volta.

Enquanto caminhava, pôde contemplar as espécies presentes, muitos tipos de pássaros e plantas faziam aquele lugar parecer um parque público. Todo o conjunto de flores parecia ter sido plantado ali só para que pudesse contemplá-lo. O canto dos pássaros em

conjunto com o colorido daquelas flores a ajudou a esquecer por alguns momentos o lugar onde estava.

Conseguiu esquecer a sede e fome, embora de vez em quando comesse uma das goiabas que trazia no bolso do vestido. Conforme a tarde avançava, a floresta ia ficando mais escura. Já não conseguindo enxergar direito o caminho, parou próxima a uma árvore com tronco bem largo, ali poderia se encolher num canto qualquer. Ficou sentada ali, encolhida. Aquele dia havia sido muito longo e ainda não fazia idéia de como havia chegado lá.

Finalmente, o cansaço a venceu e ela dormiu.

## Dia 2

A garota se levantou no dia seguinte com o corpo doendo devido à noite de sono dormida de qualquer jeito. Esticou todo o corpo espreguiçando-se.

Não tivera uma noite tranqüila. Vários sons estranhos atrapalharam o seu sono, embora já tivesse andado bastante pela floresta e não tivesse visto nenhum animal que pudesse oferecer perigo.

Uns sonhos estranhos a perturbaram durante a noite. Parecia ver ao longe uma cabana que devia ser onde morava. Planejava andar mais rápido para tentar achar a saída daquele lugar, mas a tarefa começou a parecer mais difícil quando olhou para o lado e viu a mesma goiabeira do dia anterior.

Na primeira vez não havia reparado, mas à tarde no dia anterior notou o formato peculiar daquela goiabeira e agora tinha certeza de que era a mesma.

Pelo visto fora uma caminhada perdida a da tarde anterior. Ela realmente ficou irritada com a descoberta.

“Como poderia ter errado tanto o caminho no dia anterior?”  
—A garota se questionou.

Talvez as árvores tivessem atrapalhado sua visão do sol, mas isso parecia improvável. A constatação de que andara em círculos foi bastante desanimadora.

Começava a se sentir fraca, não havia comido nada no dia anterior e agora parecia cada vez mais distante o momento que tomaria um banho e faria uma refeição decente.

A garota foi andando até a goiabeira, sempre olhando para os lados e começou a pegar mais goiabas, elas não seriam suficientes para satisfazer sua fome, mas eram tudo de que dispunha naquele momento.

Parecia incomodada por alguma coisa estranha na floresta, mas não sabia o que era. Algo parecia prestes a acontecer e não estava percebendo, foi quando sentiu os grossos pingos de chuva caindo.



Parada ali embaixo, nem havia se dado conta das nuvens carregadas no céu, pensava apenas que ainda estivesse muito cedo e o sol não houvesse despontado ainda.

Ali não era um bom abrigo, pois a chuva escorria entre as folhas caindo em cima dela.

Aproveitou que acabaria por se molhar toda mesmo e foi para a chuva tomar o banho que estava precisando, não se importando com o fato de que ficaria com o vestido molhado por algum tempo, a sensação de se sentir limpa era, naquele momento, a coisa mais importante.

Tirou o vestido já molhado e o enrolou, usando-o como uma esponja para esfregar seu corpo.

De toda forma, outros pensamentos tomavam conta da sua mente naquele momento. Imaginava se havia sido assaltada, e que, por isso não tinha um relógio nem documentos, depois do assalto podia ter entrado na floresta e se perdido, embora fosse apenas uma suposição já que não lembrava mesmo como havia parado ali.

A garota estava cercada de sentimentos contraditórios, embora estivesse perdida em uma floresta sem saber como havia chegado até lá, acabou cantando e dançando na chuva como tinha visto em um filme antigo.

Antes de voltar para debaixo da goiabeira, a garota pegou algumas folhas de árvore mais largas e usando-as como um copo, bebeu o máximo de água que agüentava.

Parou próxima a goiabeira, esse era seu porto seguro naquele momento.

—Olá! —Falou com a árvore.

Os galhos da goiabeira se mexeram levados pelo vento.

—Meu nome é Carol, vou ficar aqui um pouco.

Entrou embaixo da goiabeira e torceu o vestido para tirar o excesso de água, depois o usou como se fosse uma toalha para secar-se o máximo possível. Torceu o vestido novamente e o recolocou de volta. Os pingos que passavam entre as folhas iriam incomodá-la, mas provavelmente menos do que estar com o vestido completamente encharcado.

—Espero que você não se importe de dividir suas goiabas comigo, você tem tantas e elas acabam mesmo espalhadas pelo chão.

Carol disse isso, mas ao olhar em volta não conseguiu encontrar qualquer goiaba no chão. Meio sem graça, continuou.

—Embora as suas pareçam ainda não terem começado a cair. A árvore apenas balançava seus galhos e folhas ao sabor do vento.

Enquanto terminava seu lanche, falou.

—Parabéns. Essas são as maiores e melhores goiabas que já comi, adoro goiabas, então já experimentei muitas e embora eu prefira as brancas, mas nada contra as suas que são vermelhas.

Pegou mais uma e comeu calmamente sentada sobre suas pernas cruzadas e com as costas no tronco da goiabeira.

—Espero que você também não se importe de eu recostar assim no seu tronco.

O pé de goiaba tinha galhos bem próximos ao chão, o que permitia que ela pegasse seus frutos mesmo estando sentada.

—Eu andei um bocado ontem e não vi qualquer outro pé de goiaba, aliás, não vi pé de coisa alguma.

Olhou para as frutas que havia pegado, escolheu uma que pareceu maior e continuou.

—Para mim é estranho você estar aqui, você não parece pertencer a esse lugar e parece tão perdida quanto eu, embora bem menos assustada.

—E não é para menos, você já está aqui há tanto tempo e eu só cheguei ontem. Quer dizer, acordei ontem. Na verdade, não sei dizer desde quando eu estou aqui, mas já parece muito tempo.

Terminou outra goiaba e encolheu as pernas passando o vestido por cima delas. Uma lufada de vento frio fez com que sua pele ainda úmida ficasse arrepiada.

Os galhos acima da sua cabeça balançaram com o vento, fazendo as gotas de água das folhas caírem sobre ela, que soltou um gemido de frio.

—Nossa, parece que aqui embaixo chove ainda mais. — Comentou rindo.

Depois respirou fundo soltando um suspiro em seguida, aí comentou de forma séria.

—É uma pena que você não possa responder minhas perguntas, gostaria tanto de saber quem trouxe você para cá.

—Sabe, você é a única coisa nesse lugar que não me dá medo. Olho para cada árvore, cada arbusto e penso se não há algum perigo oculto, algum animal escondido ou algum malfeitor pronto para me pegar. Acho que nem precisava ter corrido tanto ontem, estava tão desesperada que nem pensei direito. Mas se eu achar novamente que estou em perigo, saio correndo até me sentir em segurança. Você não acha que estou certa?

Carol espirrou e disse.

—Droga, será que vou ficar resfriada? —E então espirrou novamente.

—É, parece que sim.

Ficou quieta durante um tempo, de vez em quando esfregando as mãos no corpo tentando se aquecer. Enquanto isso, a chuva forte deu lugar à outra, essa bem fraca, quase um sereno.

—A chuva diminuiu. — Comentou Carol.

Saiu de debaixo da goiabeira e deu uma volta até algumas árvores próximas, mas a chuva fina incomodava muito e voltou para onde estava.

—É melhor eu ficar por aqui, essa chuva vai acabar me fazendo ficar pior. Eu tirei algumas conclusões sobre o fato de eu estar aqui. Quer ouvir?

Fez uma pausa e depois completou.

—Acho que sim.

Então se ajeitou melhor para contar suas teorias e começou.

—Primeiro, eu devo ter batido com a cabeça, e forte, senão porque eu não lembraria como cheguei aqui?

—Talvez tenha sido algum trauma. — Falou uma voz grave.

Carol olhou para os lados procurando quem dissera aquilo, mas a voz veio de dentro da sua cabeça, como se seu inconsciente soubesse algo de que ela não lembrava.

Desconsiderou a voz e continuou.

—Segundo, eu estava sozinha. Porque se estivesse com alguma amiga ela teria me socorrido e se estivesse com algum bandido, aí bem... talvez eu nem estivesse aqui. Terceiro, o mais provável é que eu estivesse fugindo de alguém ou de alguma coisa, afinal, nem tive tempo de colocar uma roupa direito.

—Falta descobrir por que eu estaria sozinha e fugindo no meio de uma floresta. Sobre isso eu também tenho algumas teorias, mas por enquanto, é melhor parar com essas idéias, elas estão me fazendo mais mal do que bem.

O dia foi passando lentamente. O seu vestido já havia secado no corpo, mas ela continuava sentindo muito frio e espirrava o tempo todo. O banho na chuva acabara custando caro.

—Você gostaria de ser minha amiga? — Perguntou em algum momento da tarde.

Certa de que não haveria qualquer contestação, continuou.

—Você vai ser minha amiga enquanto eu estiver aqui. Dizem que as grandes amizades duram por muito tempo, mas espero que a nossa chegue logo ao fim, nada contra você é claro, mas quero sair daqui o mais rápido possível.

Segurou em um galho da goiabeira e o balançou como se fizessem um aperto de mãos.

Apenas no fim do dia o tempo ficou mais firme e parou de chover, mas já era muito tarde para andar pela floresta. Ela estava exausta com toda aquela situação. Deitou ali mesmo próxima a Goiabeira e dormiu profundamente.

## Dia 3

A manhã desse dia trouxe uma surpresa para Carol.

Logo ao acordar ela percebeu que seria um dia de sol. Estava torcendo pra que fosse um dia mais produtivo e pudesse seguir em frente na sua busca pela saída da floresta, mas não estava preparada para o que veria ali bem próximo.

Um prato com biscoitos variados e uma caneca com café e leite. Essa era, provavelmente, a última coisa que esperava encontrar naquela floresta.

Olhou fixamente para o prato antes de se aproximar, era um prato comum, de plástico, sem qualquer marca ou nome que pudesse levá-la a descobrir de onde teria vindo.

—Oi! Tem alguém aqui? — Gritou.

Muito estranho. Pensou, olhando em volta do lugar onde passara a noite sem perceber nada de anormal ou fora do lugar. Aquele prato era completamente surreal, parecia pertencer a outro mundo e não àquela floresta.

—Você que deixou o café, apareça!

Os gritos ecoavam ao longe sem resposta alguma.

Embora estivesse com muita fome, não fez menção de comer os biscoitos ou tomar o leite. Poderia ser uma armadilha.

Seu único pensamento naquele momento era de que se havia um prato na sua frente, alguém o havia colocado ali, e não devia fazer muito tempo, pois o leite ainda tinha fumaça subindo pela caneca.

Ela olhou para a Goiabeira e perguntou.

—Você viu alguma movimentação estranha durante a noite, algo que pudesse me dar alguma pista?

A árvore não respondeu. Carol deixou o prato e a caneca onde estavam e tratou de dar uma volta.

Embora houvesse árvores por todos os lados, a partir dali havia quatro caminhos bem definidos por onde podia passar, e coincidiam com os pontos cardeais. Um caminho ao norte, outro ao sul, um a

leste e o último a oeste, fora por esse que havia chegado até ali, então por segurança tentaria evitá-lo o tempo que fosse possível.

Deixando a proposta de café da manhã no local onde o encontrara, resolveu explorar as proximidades do lugar onde estava para certificar-se de que ninguém estava por perto.

Andava cerca de cem passos em alguma direção e depois voltava até o ponto de origem. Repetiu o processo várias vezes até estar certa de que não havia mesmo ninguém nas proximidades.

Ela gostaria de estar apenas participando de alguma brincadeira ou trote de amigos, que a qualquer momento sairiam de detrás das árvores para surpreendê-la. Por alguns instantes ficou mais tranqüila, imaginando que a qualquer momento eles chegariam e a levariam embora.

Com esse pensamento, sentou-se próxima ao prato e comeu todos os biscoitos e tomou o café com leite, agora já frio.

O café fora ótimo, realmente revigorante. O tempo passou e ninguém saiu das árvores para comprovar sua teoria de que estava participando de uma brincadeira, mas agora estava preparada para uma caminhada pelas redondezas. A idéia de seqüestro voltou à sua mente, mas uma floresta inteira não seria um bom cativo, ou seria?

Antes de sair dali, pensou no que deveria fazer com o prato e a caneca e achou melhor deixá-los onde os havia encontrado. Começou andando para o norte, talvez tivesse mais sorte.

As árvores naquela direção pareciam diferentes das outras que havia visto por ali, ouviu uma revoada de pássaros ao longe e pôde vê-los passando por cima da sua cabeça entre as folhas mais altas das árvores.

Olhando para cima se deu conta do que ainda não havia tentado. Por que não pensara naquilo antes? Subir em uma árvore para ter uma visão geral do lugar.

Andou um pouco procurando o que pareceu ser a árvore mais alta do lugar, não se lembrava de ter subido em uma árvore antes, mas esperava que não fosse muito difícil.

Os primeiros galhos começavam em uma altura considerável, de modo que para atingi-los precisou fazer um esforço maior, depois

foi só continuar a subir agarrando nos galhos que estavam mais fáceis.

A árvore não oferecia muita resistência e pôde subir aos poucos, enquanto tentava não olhar para baixo para não se sentir tonta ou tentada a desistir. De galho em galho conseguiu chegar ao topo.

Realmente a visão do lugar foi muito esclarecedora, árvores por todo lado, um mar enorme, todo verde. O vento movia as copas das árvores formando ondas que quebravam em alguma praia imaginária.

A subida teria sido totalmente decepcionante, não fosse por uma ilha formada no meio daquele mar, ao longe viu uma clareira, parecia uma área desmatada bem no meio da floresta.

Um pouco mais além dessa área aberta, uma montanha parecia ter uma série de trilhas nas suas encostas. Agora, bastaria seguir naquela direção e continuar sua busca por uma saída.

Cuidadosamente, apoiou os pés, começando o caminho inverso. Infelizmente um galho estava meio fraco e não suportou o peso dela, quebrando e fazendo-a cair da árvore.

Carol conseguiu segurar no galho seguinte, usando as mãos como se fossem um alicate.

—Socorro! — Gritou Carol, não se importando com quem iria chegar para salvá-la.

Repetiu o grito diversas vezes enquanto o suor das suas mãos fazia com que escorregasse vagorosamente pelo galho da árvore.

A queda foi inevitável.

Os galhos mais frondosos amorteceram sua queda, ainda assim, desmaiou e ficou desacordada por algum tempo.

Acordou com a cabeça doendo, mas sabendo que poderia ter sido pior, afinal, não parecia ter se machucado na queda.

Naquele momento uma sensação de *deja vu* percorreu sua mente, uma lembrança traiçoeira mostrava que já havia passado por aquilo antes. Uma queda de árvore. Agora não sabia mais o que era real ou era lembrança, mas enquanto caía pensou ter visto uma cabana em algum lugar da floresta.

Forçou o quanto pôde a memória buscando mais informações e não conseguiu nada de novo, mas agora não estava disposta a subir na árvore novamente para tentar ver a cabana, afinal nem sabia quando a tinha visto de verdade.

Seguiu em direção à clareira que havia visto, não parecia muito distante vista de cima.

O caminho estava tranqüilo e o clima ameno, enquanto andava assobiava um trecho de uma música antiga.

Conforme se aproximava do lugar onde seria a clareira, novos sons chegavam até ela e de repente depois de uma árvore mais espaçosa, pôde ver a origem dos sons. O pequeno lago à sua frente era mais uma surpresa naquele lugar, embora imaginasse já ter andado bastante por aquela floresta em momento algum pensou que haveria um lago.

Andou ao redor do lago procurando por alguma indicação de que alguém tivesse estado ali antes. Não havia qualquer lixo ou pegadas em volta do lago, o que definitivamente a fazia imaginar que ninguém passara por ali antes.

O sol brilhava sobre a clareira, refletindo muitas cores na água, a cena era realmente convidativa, sentou na beira do lago e mexeu na água. No meio do lago uma resposta ao movimento que havia feito chamou sua atenção, pelo visto havia peixes ali. Ainda estava em dúvida se entraria ou não na água, mas resolveu aproveitar o sol e a solidão.

Carol tirou o vestido e mergulhou-o na água. Aquele vestido estava precisando de uma limpeza, lavou-o rapidamente e colocou sobre uma pedra para secar enquanto entrava no lago para tomar banho.

O lago era bem raso, o que era bom visto que não lembrava se sabia nadar ou não, era melhor não arriscar. Uma pedra maior ficava quase no centro do lago e havia várias pedras em volta.

A água do lago era bem limpa e como não era muito mexida era possível enxergar seu fundo. A sensação de estar ali era muito boa e esse seu segundo banho estava sendo muito relaxante.

Enquanto brincava com a água pôde ver um peixe passeando também ali na água, procurou por outros, mas parecia só haver



mesmo aquele. O peixe foi nadando para o outro lado do lago.

Mergulhou o corpo todo no lago molhando bem o cabelo, que a essa altura estava horrivelmente sujo. Ao passar as mãos pelo cabelo notou um curativo na nuca, um pequeno adesivo estava colocado, provavelmente cobrindo algum corte.

O curativo não estava ali antes. No dia anterior com certeza ele não estava lá e mesmo pela manhã não se lembrava de qualquer curativo, então só poderia ter sido colocado lá enquanto estava desmaiada depois de cair da árvore.

Todos os seus sentidos ficaram aguçados naquele momento, olhou em volta procurando por olhos a vigiando, não tinha certeza se era mais seguro continuar dentro do lago ou sair naquele momento e correr o risco de alguém vir até ela. Todas as direções pareciam oferecer algum perigo, então resolveu permanecer dentro do lago.

Quando sua pele começou a ficar muito enrugada, o que não era bom, decidiu sair da água.

Mais uma vez certificou-se de que ninguém estava por perto. Saiu do lago, próxima de onde havia deixado o vestido que agora já estava seco. Retirou o excesso de água do corpo e do cabelo antes de colocar o vestido.

Um sentimento de urgência a percorria e não queria passar mais tempo ali. Se alguém estivera próximo o suficiente para colocar o curativo, o que mais poderia ter feito? Pensou.

Por outro lado, se havia colocado o curativo é por que não a queria mal.

—Então porque não me acordou? —Falou em voz alta, sabendo que ninguém iria ouvi-la.

Talvez tenha tentado e não conseguindo saiu pra buscar ajuda. Se não tivesse vindo até o lago talvez já tivesse saído da floresta. Ela se lamentou.

Agora enfrentava um dilema, voltar para onde estava e encontrar quem a havia ajudado ou ir para o lado oposto, fugindo de alguém que, seja lá quem for, poderia querer o seu mal.

Ficou com a primeira opção, melhor a certeza do cárcere, onde teria ao menos alguma comida e proteção à incerteza do retorno

para casa.

Conseguia lembrar bem o caminho de volta e retornou o mais rápido que pôde. Esperava encontrar alguém próximo à árvore, mas não foi o que aconteceu. Talvez fosse apenas um desencontro. Mais uma vez só podia esperar.

O tempo ia passando e nada acontecia, a impaciência só aumentava. Carol estava transtornada por ter ido até o lago. Talvez aquela tivesse sido sua última chance de ser ajudada. A mente dela estava confusa, estava cansada, e seu corpo estava doendo.

Já estava sentada há horas, impassível, esperando pela ajuda que não vinha. A esperança era reencontrar a Goiabeira, embora nunca visse nada nem ninguém pelo menos algumas goiabas ela daria. Sabia que sua companheira estava por perto e não foi difícil reencontrá-la. Ao contrário de Carol, ela fazia questão de permanecer sempre no mesmo lugar.

Ela não agüentava mais aquele pingue-pongue, indo e voltando por caminhos que não a levavam para lugar algum, apenas a enchendo de esperanças e frustrações cada vez maiores. Andava por labirintos verdes sem ter um velo de ouro para ajudar e em algum lugar devia existir um monstro a esperando.

Tudo que gostaria naquele momento era ter alguma certeza, pois o mais difícil era manter a sanidade sem ter certeza de que suas lembranças eram mesmo reais ou apenas fragmentos de sonhos anteriores. Nem sobre o próprio curativo tinha certeza. Não lembrava se já estava com ela ou não antes da queda.

Era tudo um tanto duvidoso, mas não havia em lugar algum aquela névoa que emoldura os sonhos. Mas quem era ela para entender de névoas e sonhos, aquilo tudo era um pesadelo sem fim do qual não podia acordar.

Carol gritou. O mais alto e forte que pôde, nem imaginava que pudesse gritar tão alto e então descobriu que não estava em um pesadelo, pois neles o som da nossa voz nunca é ouvido.

Triste constatar, mas era a verdade.

Os pássaros revoaram assustados. Gritou de novo. Quanto mais gritava menos adiantava. A voz foi enfraquecendo aos poucos, o seu pulmão já ardia.

Só queria alguma certeza. Voltou a sentar e nem se deu conta de que o prato e caneca do café da manhã não estavam ali. O curativo ainda incomodava a nuca e a memória. Resolveu tirar o pedaço de adesivo.

Puxou de uma vez só.

Gritou de dor, era como se tivesse se cortado naquele momento. O sangue começou imediatamente a escorrer, não muito, mas o suficiente para deixá-la com medo.

Péssima idéia.

Sangue a deixava apavorada e naquele momento um filete escorria pelo seu ombro. Tentou colocar o curativo de volta, mas agora ele não fixava mais. Segurou o curativo por cima da pele o quanto pôde, esperando o sangramento diminuir.

A reação fora até meio exagerada, mas assim como há pessoas que se apavoram diante uma simples barata, ela não gostava de sangue.

Jogou o curativo para um canto qualquer, imaginando que não precisaria mais dele.

Aquela foi outra noite que passou muito devagar, com Carol acordando o tempo todo. Entre um e outro sonho que teve com a cabana no meio da floresta, imaginou ter ouvido uma voz dizendo:

—Volta, Carol. — Dizia uma voz firme e grave, que não havia como desobedecer.

Isso deve ter acontecido bem no fim do seu sono, pois não se lembrava de ter sonhado nada depois disso.

## Dia 4

Aquela voz ainda ecoava na mente de Carol e não era, com certeza, uma voz conhecida. Voltar era exatamente o que queria, mas não sabia como. Será que durante a noite alguém estivera procurando por ela. Talvez a pessoa do café e do curativo do dia anterior.

Passou a mão no pescoço procurando pela marca do ferimento e inesperadamente saiu correndo feito louca. Tropeçou no prato de biscoitos e na caneca com leite que estavam próximos.

O curativo estava novamente no lugar.

Não queria ficar ali nem mais um segundo para descobrir quem fizera aquilo e por quê. Aquela tortura psicológica só podia ser obra de algum lunático-psicótico-esquizofrênico. Tudo que importava agora era manter a maior distância possível daquele lugar, infelizmente não poderia ajudar sua amiga a escapar dali, quem sabe em outra hora voltaria para buscá-la.

Enquanto corria, seus pensamentos voavam ainda mais rapidamente e a levavam para longe daquele lugar numa velocidade que nunca iria alcançar. Pequenos galhos no chão machucavam suas pernas, mas ainda assim continuava a correr sem se deter por nada. Não olhou para trás. O que ficara para trás não era importante naquele momento. Continuava a correr sem prestar atenção no que acontecia a sua volta.

Só parou muito tempo depois, já sem forças para continuar. Encontrou alguns arbustos e ficou escondida ali. Durante a corrida pensou ter ouvido passos atrás dela quase todo o tempo, mas agora se sentia protegida. A respiração estava bem irregular e demorou ainda um bom tempo até recuperar completamente o fôlego, não pretendia sair correndo de novo, não até ter pensado bastante sobre a situação.

De repente começou a rir sem parar, como se estivesse ficando histérica, ao menos uma coisa havia conseguido com toda essa confusão. Uma certeza. Agora estava certa de que alguém havia mesmo aproveitado do seu sono e repetido o curativo do dia

anterior. Nesse momento lembrou que havia atropelado o café da manhã deixado para ela. Sentia falta dele agora.

A confusão em sua mente era cada vez maior. Embora ficasse contente em ter alguém preocupado com ela, trazendo um café e fazendo curativos, algo parecia errado. A presença dela naquela floresta parecia cada vez mais um cativo do qual não podia sair.

Fora muito covarde saindo correndo daquele jeito, mas essas atitudes impetuosas pareciam ser sua marca registrada. Os arranhões na perna incomodavam bastante agora. E nem sabia o que não daria em troca daquele café da manhã.

Carol tentava organizar os pensamentos, afinal, correr de um lado para outro na floresta não lhe parecia a melhor opção. Mas que opções tinha?

O sonho da noite anterior voltou à sua lembrança, além da voz falando pra que voltasse, lembrava vagamente de alguém em vestes muito brancas próximo a ela. Será que sua mente estava confundindo a realidade e os sonhos? Sua memória a traía.

Sentada entre os arbustos, Carol falava sozinha.

—Será que a pessoa de branco havia conversado comigo e eu misturei isso com o sonho que estava tendo? Ou seria o contrário? Um anjo conversando comigo por meio de meu sonho?

Sentia que era uma pessoa religiosa, acreditando em santos e anjos. Já tinha ouvido casos de milagres que haviam mudado totalmente a vida de muitas pessoas, mas será que um anjo iria ali conversar com ela?

Talvez fosse o seu anjo da guarda tentando ajudá-la a voltar para casa.

Lembrava de uma história onde alguém sonhava com uma escada que ligava a terra aos céus e onde anjos subiam e desciam. Devia ser uma imagem inesquecível. Também queria uma escada que a levasse para longe daquele lugar. Quem sabe até a lua. Talvez fosse aquilo que o seu anjo queria dizer ou mostrar. Uma escada, um caminho, uma porta.

Essa lembrança do sonho a encheu de paz. Sentia que seu anjo da guarda estava naquele momento ao seu lado, e nada de ruim aconteceria a ela. Fez uma oração agradecendo por nada de pior ter

acontecido até aquele momento. Quando abriu os olhos, um beija-flor estava ao seu lado, passeando entre as flores do arbusto onde estava. Viu naquele beija-flor um sinal.

Não havia percebido ou então aquelas flores nem estavam ali antes, parecia um dia de primavera e havia flores em toda a parte. Mais à frente viu outros beija-flores. Era um festival de flores e cores.

Sentia-se em um jardim cheio de suspense, sem saber qual flor veria em seguida, conseguiu reconhecer quase todas elas, em vários formatos, cores e tamanhos. Saiu do seu arbusto para olhá-las de perto. Eram uma das maravilhas do mundo, certamente. Havia hibiscos de várias cores, cravos, rosas, margaridas e até um enorme girassol em dúvida sobre qual direção apontar.

As suas preferidas eram as rosas, de qualquer cor. Elas eram tão frágeis e Carol adorava ver o seu desabrochar depois de dias de chuva. Ela mesma acreditava parecer uma rosa. Única e cheia de atrativos, mas agora queria apenas ter os espinhos para se defender.

Como um lugar tão lindo poderia oferecer perigo? Já começava a se acostumar com a idéia de ficar por ali mesmo. Pelo menos enquanto houvesse as flores. Andou até uma roseira próxima e colheu uma haste com um botão já bem aberto. Quebrou os espinhos e colocou a flor no cabelo. Fez de conta que era a rainha da primavera e que as flores eram suas súditas, sempre se inclinando quando ela passava e felizes por terem uma rainha tão maravilhosa assim.

Colheu algumas flores do campo e fez uma linda coroa, afinal, que rainha seria se não tivesse uma? As flores a respeitavam ainda mais agora.

O seu vestido florido combinava perfeitamente com o ambiente, ela parecendo uma grande flor, cercada de outras flores menores. Um beija-flor tentava em vão sugar o néctar das flores do vestido.

Carol se deixou cair sobre a relva, sem qualquer preocupação, o encantamento com aquele jardim no meio da floresta a deixava afastada da realidade ao seu redor. No fundo sabia que não poderia

se divertir por muito tempo mais. As flores começavam a dar sinais de cansaço, e ela também.

Por fim, não encontrou qualquer escada para lugar algum, mas aquele banho no perfume das flores conseguiu mantê-la bem longe dos seus problemas por um bom tempo.

Já era tardinha e pelos seus cálculos gastara mais de meia hora pra chegar ali correndo, se começasse a voltar agora, deveria estar de volta à Goiabeira e ao seu anjo da guarda no começo da noite. Não havia o que temer, o seu anjo da guarda a protegeria.

O caminho de volta não estava florido como o lugar onde estivera. As árvores pareciam um pouco sem vida e a grama um tanto seca. Voltou sem pressa e, como havia calculado, já era o começo da noite quando chegou próxima à Goiabeira.

Não havia percebido pela manhã, mas os galhos estavam repletos de goiabas novamente, até maiores do que aquelas que havia comido antes. Pensou em pegar algumas, mas ficariam para a sobremesa. Perto do tronco havia um enorme prato com sopa fumegante. Sentou em frente ao prato e começou a comer sem culpa e sem preocupação. Só mesmo um anjo iria cuidar dela assim, e se ele não indicava o caminho para casa é por que existia alguma razão.

A sopa estava ótima e junto com o copo de suco fora sua melhor refeição até aquele momento. Daquele ponto era possível ver um pedaço do céu. Era uma noite clara, sem nuvens e cheia de estrelas. Quase não olhava para o céu enquanto estava lá. Ficou contando as estrelas, embora já tivesse ouvido falar que isso encheria seu rosto de verrugas.

Ela e a Goiabeira apostaram quem conseguiria contar mais estrelas. Carol parou depois de cento e dezessete, mas deve ter contado algumas mais de uma vez. É difícil manter a atenção nas estrelas, afinal, são pequenas e se mexem muito. Naquela noite não estava sentindo muito sono e ainda ficou mais algumas horas ao lado da Goiabeira até que já fosse bem tarde.

Apenas alguns grilos cortavam o silêncio da noite, os pássaros dormiam. Contemplou o céu procurando um porque de estar ali, mas só encontrou a lua que estava esplendorosa e linda, cheia.

O brilho da lua acabou trazendo sono e pôde ter um ótimo fim de noite.



## Dia 5

Naquele dia Carol acordou diferente, sem irritação ou descontentamento, também sem medo nem dor. Bem, a fome continuava a mesma, mas contra isso havia o seu prato de biscoitos, dessa vez mais recheado, com pães, um pedaço de bolo e fatias de queijo. Enquanto tentava aceitar aquilo como uma dádiva, agradecia a quem a estava ajudando a passar os dias ali.

—Por que você está me olhando estranho? – Perguntou para a Goiabeira sem esperar uma resposta.

Carol não estava entendendo aquela sua passividade, sua mudança de atitude, mas estava gostando. Não parecia preocupada com o que aconteceria ao longo do dia, se sentia preparada para qualquer coisa ou qualquer um.

Enquanto terminava o café, notou um João-de-Barro terminando sua casa em um dos galhos da Goiabeira. Como não o havia notado antes? Pensou.

Ficou ali, interessada no trabalho alheio. Incansável, o João-de-Barro ia e voltava em viagens sucessivas, a cada vez trazendo um graveto ou um pouco de barro para assim completar sua casa. Uma obra de arte que qualquer João-de-Barro conseguia reproduzir exatamente igual.

Decidiu, então, também juntar algum material para montar um lugar para si, ali mesmo, perto da Goiabeira, dessa forma elas seriam inseparáveis.

Procuraria nas proximidades por pedras e por barro, para aos poucos montar as paredes e poder tapar com folhas das árvores dali. Não esperou nem mais um momento e saiu à caça dos seus materiais. A idéia a animava, afinal, em breve poderia contar com um lugar melhor para passar as noites frias e os dias quentes. Não devia ser difícil construir um lugar para passar melhor o tempo, se um simples pássaro conseguia, por que não ela?

Começou pegando galhos nos lugares mais próximos, como não era nem um pouco forte, às vezes enchia os braços com gravetos, em outras arrastava os galhos maiores até o local onde iria

fazer a cabana. Bem, cabana era exagero, não estava pensando em fazer nada alto, seria quase uma casinha de cachorro. Só o tamanho necessário para abrigá-la.

Pensou melhor e achou que uma casa de cachorro era uma péssima comparação, melhor fazer uma casa de bonecas. Isso sim teria tudo a ver com ela.

Já havia juntado uma boa quantidade de madeira. Alinhou os galhos no chão de acordo com o tamanho de cada um. Entrelaçou os compridos com os finos fazendo uma trama que ficasse firme.

Lembrava-se de ter feito casinhas com palitos de picolé quando criança. Era só juntar os palitos um ao lado do outro, na parte de cima passar um palito intercalando entre os outros, por cima do primeiro, por baixo do segundo e aí por diante. Depois, na parte de baixo fazer o contrário, por baixo do primeiro e por cima do segundo, quando terminasse teria uma parede da casa.

O processo havia dado certo com os galhos também. Levantou alguns do chão e constatou que estavam firmes. Pronto, a primeira parede estava pronta, agora só faltavam três.

Seu material só foi suficiente para a segunda parede e um pedaço da terceira, antes de montá-los pareciam tantos e agora já haviam acabado.

Deveria haver um meio mais fácil para alguém fazer uma casa, mesmo que fosse de boneca, ali no meio da floresta, sem materiais, sem ferramentas e não tendo ninguém pra ajudar, mas enquanto não inventavam nada assim, era melhor se esforçar.

Ainda assim não desistiu, não seria uma falta temporária de materiais que iria detê-la. Foi andando em direção ao sul, na esperança de encontrar mais galhos, na verdade até poderia ter retirado alguns das árvores em volta, mas para isso precisaria subir nelas, e isso era algo que não estava disposta a tentar.

Por sorte, não precisou ir tão longe e achou mais alguns que eram como queria, pegou um maior, cheio de folhas e colocou os menores por cima, depois veio arrastando o conjunto até perto da Goiabeira. O caminho ficou como se alguém tivesse passado uma enorme vassoura no meio da floresta, uma longa faixa limpa e lisa, parecendo um enorme tapete estendido.

Carol limpou os galhos repetindo a operação anterior, novamente colocando lado a lado os que tinham tamanho parecido. Só na hora de passar os menores, percebeu que não teria galhos finos em quantidade suficiente para terminar a última parede.

Olhou em direção à Goiabeira, que parecia já saber o que iria pedir-lhe, afinal, era sua amiga. E amigos servem pra quebrar galhos.

—Goiabeira. — Ficou assustada com a altura da sua voz, não queria que saísse tão alta.

—Goiabeira. — Repetiu falando mais baixo.

—Preciso de um favor.

Falou ainda mais baixo, pois o favor que iria pedir era muito delicado, mas sabia que ela a entenderia. Precisava de alguns galhos para terminar a última parede. Explicava à Goiabeira que eram só alguns e que logo estaria recuperada.

A Goiabeira não reclamou, e como quem cala consente, Carol seguiu em frente pegando o que queria, depois agradeceu bastante à sua Amiga pelo favor.

Rapidamente terminou a última parede. A casa de bonecas estava pronta e só faltava um telhado, que iria providenciar em breve.

Saiu em busca de algo que pudesse usar como tapagem para a cabana, isso acabou tomando mais tempo do que esperava. Não havia nada parecido com largas folhas de bananeira ou mesmo grossas folhas de coqueiro. Tentou se contentar com algumas outras plantas, mas já sabia que não dariam certo. Enquanto procurava pela cobertura perfeita se afastou cada vez mais da cabana inacabada.

Andou tanto que, sem se dar conta, chegou perto do lago onde havia tomado banho dias antes. Dessa vez ele parecia diferente, as pedras ao redor do lago haviam sido mexidas desde a última vez. Impressionante como o lugar havia mudado em tão pouco tempo.

Mudanças acontecem o tempo todo. Ela se sentia diferente daquela menina de uns dias atrás. Olhou detalhadamente seu reflexo na água do lago. Até seu rosto parecia diferente. Um peixe passou próximo dela, desmanchando seu reflexo.

—Olá peixe dourado. Estou procurando algo para cobrir minha casa e me proteger da chuva, viu alguma coisa por aí que sirva?

Esperou em vão pela resposta. Estava se acostumando a falar sozinha. O peixe dourado ainda passou várias vezes em movimentos rápidos. Agora ele estava parado do lado da mão que balançava a água.

—Você não se sente sozinho nadando nesse lago o tempo todo? — Perguntou realmente interessada.

—Nós somos bem parecidos. Por mais que você nade, continua no lago, sempre encontrando as mesmas pedras ao seu redor. Eu pareço estar nadando, quer dizer, andando em círculos, já dei muitas voltas nessa floresta e também sempre volto para os mesmos lugares.

—No fim, não sei se vida de peixe é melhor do que vida de gente, embora eu tenha um anjo da guarda e você não.

Carol parou refletindo sobre o que havia dito. Na verdade não sabia se ele tinha ou não um anjo da guarda.

—Você tem um anjo da guarda? — Achou melhor perguntar.

Ele não devia ter nenhum. — Concluiu

—Então eu vou ser sua anja. — Hesitou depois de falar.

—Seria mesmo anja? — Falou consigo em tom pensativo.

—Não importa, acho que quanto mais anjos da guarda melhor.

— Concluiu, falando com o peixe.

Agora tinha mais alguém para proteger além da Goiabeira, o seu peixe dourado, o Dourado.

Aproveitou o sol bem no alto e entrou na água, retornar ao lago era muito bom, e agora iria voltar ali mais vezes, precisava cuidar do seu novo amigo. Nem imaginava quanto tempo vive um peixe dourado, e nem ele devia saber.

Nadou bastante, sempre na companhia do seu amigo. O tempo estava passando devagar e seria um desperdício não aproveitar aquele dia lindo. Saiu da água e ficou tomando banho de sol até lembrar que ainda precisava terminar a casa. Gostaria de passar a noite já dentro dela. Depois de colocar o vestido acenou para o Dourado e começou a fazer o caminho de volta.

Voltou rapidamente sem prestar atenção no caminho. Quando já estava próxima da Goiabeira notou alguma coisa diferente no caminho sul, de onde havia trazido os últimos galhos.

Várias pegadas ao longo do caminho por onde havia arrastado os galhos não estava mais liso. Parecia que um grupo enorme de pessoas tinha passado por ali, e devia fazer pouco tempo.

Diversos tipos de calçados se misturavam em um mosaico confuso. Eles pareciam ter continuado por aquele caminho mesmo. Resolveu seguir os passos na esperança de encontrar as pessoas que haviam estado ali.

Pelos rastros parecia que tinha acontecido uma corrida, mas não havia nenhum sinal das pessoas, exceto talvez por algo que, ao longe, parecia ser um pano. Sim, era um pedaço de pano azul. Alguém deve tê-lo perdido ou esquecido ali durante ou depois da corrida.

Carol pegou o pano, era um lenço. As iniciais de alguém estavam bordadas no pano. C.S.D., quem poderia ser? Gritou aos quatro ventos tentando chamar a atenção de alguém que porventura ainda estivesse ali. Ainda ensaiou uma corrida até mais distante no caminho, mas pelo visto não adiantaria.

Perto dali umas sacolas plásticas desviaram sua atenção. Elas dariam uma boa cobertura para a casa. Pegou várias sacolas e voltou para perto da construção. Havia uma pequena inclinação no topo da casa para que a água escorresse quando chovesse.

Esticou as sacolas e colocou por cima das paredes, estava mesmo parecendo uma casa de bonecas. Entrou e tomou posse do seu espaço. Era mais confortável que ficar do lado de fora, entregue ao vento e à chuva. Encheu uma das sacolas com as folhas que havia tirado dos galhos. A sacola, agora gorda, seria seu travesseiro.

Deitou no seu travesseiro de folhas que, afinal, não estava tão ruim assim. Estava com o lenço na mão e olhava fixamente para ele.

O lenço tinha um perfume que parecia conhecido, como se fosse seu próprio perfume. Passava os dedos sobre as iniciais bordadas pensando em quem poderia tê-lo deixado ali.

Amarrou o lenço do lado de fora da casa, como se fosse uma bandeira do seu país particular, do seu mundo. Na verdade, queria

que o lenço ficasse bem visível para que o dono ou dona chegasse até ela. Sentia falta de alguém com quem conversar. Havia terminado de fazer uma nova casa, ou seja, estava disposta a permanecer ali o tempo que fosse preciso.

Ela não tinha passado. Pelo menos não se lembrava dele. Já não se importava tanto mais com como havia chegado ali. Pensava até que talvez continuar ali não fosse tão pior do que sua vida anterior. Na floresta, podia contar com o anjo da guarda. Quantas pessoas podiam contar com um?

Dentro da cabana não era tão escuro porque as sacolas deixavam bastante luz passar. Como esperava, não era muito quente ali dentro, só restava saber se à noite estaria mesmo protegida do frio. Ficou quieta por um tempo curtindo seu abrigo. Depois de algum tempo levantou sobressaltada, pensando ter ouvido alguém chamar seu nome.

Devo ter cochilado um pouco. — Pensou.

Depois de carregar todos aqueles galhos, estava mesmo um pouco cansada.

Ninguém estava por perto quando saiu, apenas viu um prato com o que calculou ser o jantar. Realmente havia passado quase o dia todo andando de um lugar pra outro e nem tivera tempo de almoçar. Dessa vez um copo com suco acompanhava o prato.

Não sabia o que havia naquela comida, mas parecia até ter engordado naqueles dias que estava na floresta. Mesmo comendo menos e gastando mais energia.

Aproveitando o resto de luz que ainda iluminava os caminhos próximos à Goiabeira foi para o sul. Queria colocar em prática uma idéia que tivera enquanto estava no seu abrigo.

Mais cedo havia feito uma pequena vassoura e agora a usava para apagar as pegadas deixadas no caminho enquanto estava no lago. Dessa forma, se alguém passasse por ali de novo, saberia logo. Não que fizesse tanta diferença, nunca conseguia ver ninguém mesmo.

Carol pensava na sua casa de boneca como o lugar mais agradável da floresta naquele momento. Ao chegar à entrada da sua cabana retirou o lenço que estava amarrado e entrou novamente. Lá

dentro, dobrou o lenço com cuidado e o colocou no bolso do vestido. Depois, recostou a cabeça no travesseiro de folhas e dormiu.

## Dia 6

O sono foi contínuo até o dia seguinte, ela havia passado uma noite tranqüila, mas não sem companhia.

Sonhos estranhos embalaram a noite de Carol. Durante a noite toda pensou ter ouvido algo se mexendo do lado de fora do abrigo. Sombras de um pássaro gigante a perseguiram por um bom tempo, grasnando barulhos amedrontadores. Acordou assustada com um barulho que parecia ser a voz de alguém.

—Biscoito! — Uma voz estranha gritava do lado de fora do abrigo.

—Biscoito, biscoito! — A voz repetia estridente. Carol levantou sobressaltada e foi olhar o que estava acontecendo. Um papagaio havia remexido o prato de biscoitos espalhando quase todos pelo chão, a caneca de leite estava virada de lado.

Tentou espantar o pássaro para longe, mas foi em vão. Ele continuava pisando e bicando os biscoitos.

—Louro quer biscoito! Louro quer biscoito! — A voz aguda incomodava os ouvidos.

—Xô passarinho. — Não lhe ocorreu nada melhor para falar. O pássaro se movia de um canto para o outro e voltava para cima do prato. Ele se movia de forma engraçada, como se tivesse uma pata maior que a outra, ou como se estivesse machucado. Ele ensaiou um vôo, mas ficou no mesmo lugar.

—Louro quer biscoito! Louro quer sair da ilha! — Carol parou espantada ao ouvir o que ele havia falado. Ele teria falado “ilha”? Pensou. Como assim uma ilha? Será que o dono dele estava por perto?

—Louro quer sair da ilha! — Ele repetira a história da ilha. Ela sentou na frente do abrigo para olhar melhor o pássaro. Eles aprendem a repetir o que os donos falam. Carol se perguntava se estaria mesmo em uma ilha, mas isso parecia pouco provável.

Já havia andado pela floresta e não vira nem sinal de água em nenhum lugar por onde passou. Só havia a água do lago e nada



mais, mesmo assim a água era doce, não salgada. A menos, é claro, que estivesse em uma ilha fluvial, mas como teria chegado lá?

De toda forma, quando subiu na árvore não viu mar algum, nem rio que provasse que estava em uma ilha.

Acreditava que devia haver alguma explicação lógica para aquilo.

O papagaio voou até o ombro de Carol, que ficou congelada de medo, não sabia o que ele podia fazer. Suas garras machucavam um pouco, mas se tentasse espantá-lo ele poderia apertar ainda mais as garras na pele dela. Dessa forma, ficou imóvel esperando que ele fosse embora.

Aos poucos, foi se acostumando com a pressão no seu ombro e foi ficando mais a vontade com o bicho. Conformada com o fato de que ficaria sem café da manhã por causa daquele pássaro idiota que só pensava em biscoitos, resolveu entrar no abrigo novamente. A noite dela havia sido cansativa, sem que conseguisse dormir direito, pelo menos descobrira que o sonho da noite anterior era apenas um reflexo da presença do papagaio que devia ter chegado há bastante tempo perto do seu abrigo.

Será que ele vira quem trouxe o café? Pensou enquanto olhava para ele. Ou melhor, será o dono dele quem me trás o café pela manhã? Esse pensamento pareceu mais propício. Ainda procurava respostas quando deitou novamente no seu travesseiro. O pássaro ficou por ali revirando as folhas e vez ou outra soltando suas frases sobre biscoitos e a ilha, quando de repente ele disse:

—Louro quer achar tesouro. — A frase a pegou ainda mais de surpresa que as frases sobre uma ilha.

Ora, isso era totalmente estranho e absurdo. Uma ilha, um tesouro, um papagaio. Só me faltava dar de cara com um Pirata caolho com uma perna de pau e uma garrafa de rum na mão. — Pensou.

O abrigo já estava ficando quente e Carol resolveu sair para andar mais um dia pela floresta, dessa vez quem sabe encontrando alguma pista sobre uma possível ilha ou dar de cara com o Pirata. Ao sair do abrigo agradeceu ao santo das garotas perdidas em florestas quando avistou um novo copo com

leite e mais biscoitos no lugar onde o café da manhã havia sido derrubado.

Alguém em algum lugar gosta de mim. Pensou com um sorriso de satisfação no rosto.

Sem a intromissão do papagaio, que voara para algumas árvores próximas, conseguiu tomar o café da manhã em paz. Antes de se levantar pegou alguns biscoitos e colocou no bolso do vestido. Logo depois se levantou e começou a andar em direção ao lago onde ficava seu peixe.

—Bom dia, Goiabeira! — Disse ao passar perto da árvore.

O papagaio voou até o seu ombro, que permitiu a presença dele ali sem criar problemas. Afinal, toda companhia era bem vinda.

Sabia que o caminho por onde passava era mais longo que o necessário para chegar ao lago, mas não queria correr o risco de se perder andando entre as árvores. Mais a frente existia uma parte do caminho onde as árvores ficavam mais próximas e a estrada mais escura. Enquanto caminhava, assoviava algumas músicas passavam em sua memória.

Quando já estava quase na parte mais escura do caminho avistou um vulto vindo na direção contrária, o vulto se movia devagar com passos pequenos e parecia carregar alguma coisa na mão. Parou sem saber como reagir. O papagaio em seu ombro voou para longe, deixando-a ali sozinha, entregue a sua própria sorte.

Depois de tantos dias esperando um contato com alguém, não sabia o que fazer agora que estava prestes a ter seu desejo satisfeito. Um pânico tomou conta dela, que fez menção de correr de volta, mas suas pernas não a obedeceram e ficou ali imóvel enquanto o vulto se aproximava cada vez mais.

Mesmo com a pouca luz no caminho pôde perceber que o vulto se tratava de uma mulher, bem estranha por sinal. Um vestido comprido branco parecendo não ser tirado há bastante tempo, cabelos brancos desgrehados dando uma aparência meio assustadora, mas era o que ela carregava que criava uma atmosfera ainda mais sinistra.

A mulher segurava uma gaiola. Vazia. A gaiola era redonda e não muito alta, comportaria sem conforto um pássaro pequeno,

talvez até um papagaio. Talvez ela fosse a dona do pássaro que a perturbara durante a noite e havia derrubado seu café da manhã.

—Bom dia! — Disse a mulher ao se aproximar de Carol. A voz calma e firme não combinava com a imagem ali a sua frente, embora agora, olhando com atenção, Carol percebeu que a mulher que a cumprimentara não era tão mais velha, afinal. Aliás, a mulher falara com ela como se sua presença ali fosse normal e não como se estivesse perdida em uma floresta.

—Bom dia! — Respondeu tentando parecer calma, enquanto a urgência de fazer várias perguntas a deixava cada vez mais nervosa. A mulher já ia passando, seguindo seu caminho quando Carol não se conteve e perguntou:

—Hei, para onde você está indo com essa gaiola vazia? — Tentou começar uma conversa para conseguir mais informações.

—De novo essa pergunta, Carol? Quantas vezes eu vou precisar te contar essa história? — Falou em um tom de voz calmo.

—Estou cansada. — Disse a mulher, quase sem olhar para Carol.

—Já andei muito hoje. Vamos sentar que eu conto a história enquanto descanso um pouco.

Carol olhava assustada para a mulher ali ao seu lado. O fato de a mulher saber o nome dela a deixou confusa e esperançosa ao mesmo tempo. Embora quisesse fazer várias perguntas, obedeceu a mulher e sentou-se. Com certeza assim começaria a obter algumas respostas.

—Bem, vou começar como sempre começo. — Disse, com um jeito de avó contadora de histórias.

—Como você já viu, essa é uma gaiola pequena e apertada, até mesmo para um pássaro. Não deve ser lá muito confortável viver aqui dentro, embora eu ache que não seria confortável viver em uma gaiola qualquer que fosse o tamanho.

A mulher girava a gaiola diante dos seus olhos, mostrando seu formato e tamanho.

—Agora imagine que houvesse um pássaro dentro dessa gaiola. Levantou a gaiola na altura dos olhos mostrando que estava vazia.

Carol tentou fazer o exercício mental, mas realmente um pássaro ficaria bem apertado ali dentro.

A mulher continuou.

—Ele certamente saberia que está preso. Você concorda? — Perguntou, olhando diretamente nos olhos de Carol como tentando perceber se ela lembraria a história.

—Acho que sim, afinal, não poderia ir muito longe.

A mulher continuou.

—Mas se essa gaiola tivesse o dobro do tamanho? Ficaria mais confortável, certamente, mas ainda assim o pássaro estaria preso, não é mesmo?

Carol assentiu com um movimento de cabeça.

—E se a gaiola fosse dez, cem ou até mil vezes maior? Talvez o pássaro nunca percebesse que está preso. Aliás, acho que se fossem tão grandes assim, nem você poderia perceber as grades. Mas, ainda assim, as grades existiriam.

Carol começava a entender o que a mulher queria dizer.

—Se as grades estivessem longe o bastante para que o pássaro, mesmo voando durante toda a vida dele, nunca as encontrasse, teria a impressão de ter nascido livre.

—Com certeza. — Comentou Carol.

—Apenas alguém grande o suficiente poderia ver as grades e saber que o pássaro está preso, e não livre.

—Mas isso faria alguma diferença para o pássaro? Quis saber Carol.

—Isso nos leva a outra pergunta. O que é liberdade, afinal? As grades não existirem ou você não saber onde elas estão ou não poder vê-las.

—Eu fico andando aqui e posso ir para qualquer direção, mas mesmo assim tenho a impressão de que estou presa. Confessou Carol.

—A liberdade depende do tamanho do seu mundo, ou, caso ele pareça muito grande, pelo menos da sua vontade em conhecê-lo. Acredito que se você andasse o suficiente por aqui acabaria encontrando limites que você não espera.

Carol pensou um pouco e respondeu.

—Acho que eu não suportaria viver sempre presa entre quatro paredes.

A Mulher-com-a-gaiola-vazia sorriu e continuou.

—Liberdade é saber onde estão os seus limites e então decidir se quer viver dentro dos limites ou além deles. É por isso, então, que carrego essa gaiola vazia. Para saber exatamente onde estão as grades da minha vida, e de dessa forma, ser livre.

A explicação da mulher fascinava Carol, que a olhava surpresa.

—Eu sou livre porque sou maior que as grades, por que estou do lado de fora delas. — Concluiu a mulher.

—Você é muito inteligente. — Afirmou Carol.

—Eu descobri onde estavam os meus limites há muito tempo atrás e desde quando os ultrapassei consegui viver muito melhor comigo.

—Muito interessante essa história da gaiola, podemos refletir bastante sobre isso.

Ela havia se identificado muito com a história, pois mesmo estando ali, livre em uma floresta, sentia-se presa por limites que não via.

A mulher já se levantava para ir embora quando Carol a interrompeu com uma pergunta.

—Como você me conhece? — A pergunta pareceu estranha até mesmo para ela que a estava fazendo.

—Carol, Carol. Mas que pergunta é essa?

—Como chegamos aqui? Você sabe dizer? — Ela voltou a perguntar, mas dessa vez a mulher não pareceu tão amável.

—Ora, Carol. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? As mesmas dúvidas de sempre. Estou cansada dessas conversas com você.

—Eu preciso saber. — Insistiu Carol.

—Nós já nos vimos tanto e você não mudou nada, sempre fazendo esses joguinhos bobos.

A mulher parecia realmente chateada com Carol, como se já tivesse passado por aquilo antes.

—Eu vou embora. — Disse a mulher, se levantando.

—Não vá. — Carol pedia como se sua última esperança fosse embora naquele momento.

—Já estou atrasada. — Replicou a mulher.

—A propósito, você conseguiu encontrar a chave? — A mulher perguntou já caminhando.

—Chave? Qual chave? — Quis saber Carol, verdadeiramente sem saber do que se tratava.

—A chave do seu tesouro. Não é por isso que você está aqui? Para encontrar a chave. Pelos menos foi o que Ele disse, não foi? — Ela falava esperando uma confirmação, mas a confirmação não veio. Apenas uma nova pergunta.

—Ele? Quem é Ele? Quando Ele falou comigo? — Carol andou até a mulher e a segurou, puxando-a pela roupa.

—Solta minha roupa! — Gritou a mulher, afastando Carol de perto.

Quando tentou se aproximar novamente, a mulher virou o braço rapidamente, acertando-a com a gaiola.

Carol perdeu o equilíbrio com o golpe inesperado, caindo no chão. Ficou ali, caída, enquanto a mulher afastava-se rapidamente. Estava novamente sozinha, e ainda mais perdida do que antes.

O papagaio voltou para o ombro dela como se quisesse dar forças para que se levantasse. Ela pareceu entender o recado e pôs-se de pé novamente, mas ainda não conseguia entender a reação da mulher.

Ainda via as imagens da mulher batendo nela com a gaiola, a ação havia sido tão rápida e inesperada que não tivera como reagir, mas agora não importava mais. A mulher se fora, levando consigo as respostas que tanto procurava e deixando dúvidas ainda maiores. Nesse momento apenas uma coisa parecia certa. Não estava perdida e a presença dela ali tinha um propósito que, embora não lembrasse, era conhecido por pelo menos outras duas pessoas. A mulher da gaiola e "Ele", mas quem seria "Ele", afinal?

\* \* \*

O restante do caminho até a fonte onde estava o peixinho dourado foi marcado por um silêncio profundo. Não só de Carol e do papagaio, mas toda a floresta parecia olhá-la nesse momento. E ela percebia isso.

Estava tão imersa em seus pensamentos que não percebeu a aproximação do lago, e sem que notasse, já estava na beira dele.

—Dourado, onde está você? – Perguntou olhando para o lago. Tirou então do bolso um dos biscoitos do café da manhã, o despedaçou e começou a jogar calmamente na beira do lago.

Rapidamente o peixinho dourado nadou até a origem do movimento da água do lago e pegou o pedaço de biscoito que ela lançara na água.

Agora com a companhia do peixinho, Carol, sem cerimônias, tirou a roupa e entrou na água. Naquela hora o sol estava bem no alto indicando que já era perto do meio-dia. Foi deslizando pela água acompanhada pelo Dourado.

Do lado de fora da água, o papagaio acompanhava na beira do lago a cena protagonizada por Carol e o peixe, enquanto comia os biscoitos deixados à mostra depois que Carol tirara a roupa.

Muito tempo se passou até que Carol resolvesse sair da água. Quando saiu pegou a roupa que havia deixado na beira do lago e a vestiu. Deitou sobre a pedra esperando o corpo secar, antes de prosseguir.

Ali, deitada, ela olhava para o céu. As nuvens formavam figuras que passavam lentamente sobre sua cabeça. Um papagaio aqui, um baú do tesouro ali, as figuras iam e vinham alimentadas pela sua imaginação e transportadas pelo vento.

O céu azul, com o passar do tempo, foi dando lugar a tonalidades mais avermelhadas e logo depois o sol já se punha no horizonte, além das árvores. Se quisesse voltar para sua cabana agora, precisaria enfrentar o caminho de volta no escuro.

Embora tivesse percebido o entardecer se aproximando, não fizera questão de ir embora. A soma de todos os acontecimentos naqueles dias havia minado suas forças, não apenas fisicamente, mas parecia mentalmente esgotada também.

Ainda pensava em como poderia não ter encontrado a mulher antes. Muito mais do que uma sensação, experimentava agora a certeza de que outras pessoas estavam ou estiveram naquele lugar antes dela.

Um revoar de pássaros a trouxe de volta dos seus pensamentos. Embora já fosse noite naquele momento, a luz do luar refletida no lago criava uma aura de claridade que permitia enxergar bem o entorno do lago.

O papagaio, que se mantivera calado durante toda a tarde, começou novamente a reproduzir suas frases. Carol aproximou-se do pássaro e com um carinho fez com que ele ficasse quieto. Depois, recostou de qualquer maneira em um canto do lago e dormiu.



## Dia 7

A noite foi tranqüila. Sem sonhos nem pesadelos. O toque diferente naquela manhã ficava por conta do cheiro de café recém passado. Abriu os olhos devagar e à medida que seus olhos se acostumavam com a claridade da manhã pôde discernir uma forma próxima.

Seu coração acelerou tanto que podia ouvir seus batimentos parecendo tambores de uma tribo se preparando para uma batalha. Tentando controlar o pânico, ficou imóvel onde estava. Fingiu que ainda dormia. Abriu os olhos apenas o mínimo para que pudesse acompanhar o que ocorria ali.

O cabelo comprido até a altura do ombro indicava se tratar de uma mulher que devia ter por volta de um metro e noventa centímetros. Era bem alta, pensou. Mas o que estaria fazendo ali?

Decidiu não tentar descobrir imediatamente.

Com o canto do olho observava a mulher que tomava café a alguns passos de onde estava. Não demorou muito para a mulher se aproximar e dizer:

—Carol, levante-se. Já é hora de acordar, nosso café está aqui.

Mas a voz que ela ouviu não combinava com a imagem mental que fizera da mulher, ao invés disso, foi surpreendida por uma voz masculina firme e forte que a fez despertar.

Quando olhou para a mulher ali ao seu lado, percebeu o erro que cometera. Os cabelos compridos e o brinco de argola na orelha não pertenciam a uma mulher. E o tapa-olho do lado direito do rosto não deixava dúvidas de que era um pirata.

Um pirata. Quem diria? Pensou.

O silêncio entre os dois foi quebrado pelo Pirata.

—Vi que você encontrou meu papagaio.

Ela ficou reticente antes de responder.

—Na verdade... — Carol fez uma breve pausa antes de continuar. — ...acho que foi ele quem me encontrou.

—Mesmo assim, obrigado por ter cuidado dele. Ele gosta muito de biscoitos, espero que não tenha dado trabalho.

—De forma alguma. — Ela respondeu surpresa com a naturalidade com que o Pirata conversava com ela.

O papagaio, que havia ficado quieto até aquele momento, voou para o ombro de Carol. Ela ficou meio sem graça enquanto o Pirata abria um sorriso maroto.

—Pelo visto ele gostou de você, embora isso não seja mesmo difícil.

Carol, ainda mais sem graça, perguntou.

—Como você me encontrou?

—Eu estava procurando meu papagaio e a Mulher-com-a-gaiola-vazia me disse que havia visto um vindo nessa direção.

—Você conhece a Mulher-com-a-gaiola-vazia? — Perguntou um tanto assustada.

—Ela está sempre andando por aí com aquela gaiola vazia, nós já nos encontramos algumas vezes. — O Pirata explicou devagar.

—Ela falou alguma coisa mim?

—E deveria ter falado? — O Pirata retrucou.

—Bem, nós tivemos um encontro ontem e não foi dos melhores. Carol abaixou a cabeça lembrando-se da gaiolada do dia anterior, mas não comentou isso com o Pirata.

—Não, não disse nada. Mas é bom você tomar cuidado, às vezes ela fica meio violenta. — Completou o Pirata.

—Eu percebi. — Falou com um sorriso.

—Por que você não toma um café enquanto me conta essa história com detalhes. — Pediu o Pirata já sentando ao lado de Carol.

O café da manhã transcorreu com muita conversa e muitas histórias de pirata, os dois ali se divertiam e riam como se já se conhecessem há muito tempo. O papagaio voava de um lado para o outro, indo para o ombro do Pirata e depois voltando para junto de Carol. O clima descontraído venceu uma boa parte da manhã. Até que uma pergunta de Carol quebrou o clima de amenidade.

—Como você perdeu a visão do olho direito?

O Pirata ficou introspectivo por alguns instantes.

Carol percebeu que o assunto não agradara o Pirata, mas esperava que ele fosse contar mais uma de suas aventuras.

—Você está esperando uma grande história que compense a perda de um olho? — Começou ele.

—Então, lamento decepcioná-la.

Carol ficou desconsertada com a resposta.

—Na verdade, eu posso enxergar bem com os dois olhos. Mas eu posso explicar o porquê do tapa-olho.

—O tapa-olho é apenas um símbolo e algumas vezes uma arma.

—Como assim? — Quis saber.

—Em geral, cada profissão tem um símbolo pelo qual pode ser facilmente identificada. Os piratas em geral usam o terror que sua imagem cria para tornar mais fácil vencer o inimigo. Então, quando alguém olha para mim eu quero que ele saiba que sou um pirata. Dessa forma, metade do meu trabalho já está feito, pois a fama de maus dos piratas deixa as pessoas com medo.

O Pirata levou as mãos atrás da cabeça e desamarrou o tapa-olho, deixando-o cair.

—Agora, me veja sem o tapa-olho. Não pareço tão assustador assim, não é? Na verdade, nem me pareço mais um pirata.

—Não parece mesmo, parece só um homem com um enorme brinco de argola. — Respondeu Carol.

—Espero que você não tenha nada contra brincos de argola. — Brincou o pirata.

—Não tenho, mas prefiro os de pedrinha. — Respondeu rindo.

—Embora o mais importante seja quem nós somos por dentro, a imagem conta muito. Não adianta muito ser um pirata e não se parecer com um.

—Na sua “profissão” acho que isso conta muito.

—O que quero dizer mesmo é que o que somos por dentro precisa se refletir do lado de fora. Senão não somos levados a sério. Quem acreditaria que sou um pirata se eu estivesse vestido de palhaço, ou de baiana?

Carol riu ao imaginar o Pirata em um vestido branco, rodado, empunhando uma espada e ameaçando com a prancha quem estivesse em seu caminho.

—A menos, é claro, que você quisesse mentir. Usar uma máscara que escondesse quem você é de verdade. Mas só covardes usam máscaras e você não me parece covarde.

—Eu adoro máscaras, mas não tenho nada a esconder. Sou um livro aberto. — Respondeu Carol.

—Há um mascarado que anda bastante por aqui. Talvez você acabe o encontrando. Ele sabe tudo sobre máscaras.

—Você falou sobre mentir, mas usa um tapa-olho falso. — Carol desafiou o Pirata.

—Bem observado. Mas como eu disse antes, eu também posso usá-lo como uma arma.

—Nem imagino como. — Carol disse.

—Eu explico. Aprendi ao longo de tantos anos no mar que ser subestimado é sempre uma vantagem quando se está lutando. Seu oponente olha para você e pensa. Ele é só um pirata com um olho a menos. E isso é quase tudo que você precisa para vencê-lo. Quando ele menos espera você já estará comemorando sua vitória enquanto ele anda pela prancha em direção aos tubarões.

O Pirata baixou o tom de voz para terminar.

—Se eu encontrasse um pirata com uma perna-de-pau e um gancho na mão ficaria ainda mais atento, afinal ele conseguiu vencer ataques que foram fortes com certeza. Eu não subestimo ninguém.

Ele olhou o perfil de Carol e comentou.

—Por exemplo, olhando para você aí pequena e magricela não imaginaria o que você é capaz de fazer.

—Eu? Mas eu sou tão frágil. — Ela afirmou com firmeza.

—Pode ser que sim e pode ser que não, eu prefiro não arriscar.

—Como você pode falar assim de mim? — Questionou Carol.

—Desculpe, não quis ofender você.

—Está desculpado. — Ela falou com um sorriso.

—Mudando de assunto. O que traz você aqui, afinal? — Quis saber o Pirata.

—Bem, eu mesma não sabia até a mulher da gaiola dizer.

—E o que ela disse?

—Que eu estou aqui para encontrar a chave do meu tesouro.

Carol pensou melhor e corrigiu o comentário.

—Na verdade, ela disse que alguém lhe havia dito isso.

O Pirata balançou suavemente a cabeça como se já soubesse de quem se tratava.

—Deve ter sido Ele, então.

—Ele? Você sabe quem é “ele”?

—Claro. Ele é o anjo que nos protege até encontrarmos o tesouro.

—Então era mesmo um anjo. — Falou Carol com uma voz meio distante.

—Como é? — Perguntou o Pirata sem entender muito bem.

—Outro dia pensei ter visto um anjo. Então era verdade.

—Ele está sempre por aí nos ajudando com uma ou outra coisa de que precisamos.

—Que ótimo saber que há alguém cuidando de nós.

Olhando para o Pirata com um ar ainda meio desconfiado, perguntou.

—Estamos em segurança aqui, não estamos?

—Por mais que o Anjo se esforce em nos ajudar, sempre há uma pedra pra tropeçarmos ou uma árvore para cairmos, mas em geral é bastante tranquilo por aqui.

Ela riu quando o Pirata comentou sobre a árvore, ou era uma coincidência ou seus passos eram mais vigiados do que poderia imaginar.

—Você vê muitas pessoas enquanto anda por aqui?

—O tempo todo. — Respondeu o Pirata, acostumado, ou pelo menos parecendo, a encontrar pessoas andando por ali.

—E por que eu não encontro?

—Você anda sempre pelos mesmos lugares. Quando não está junto daquela goiabeira está aqui perto do lago. Os outros ficam mais espalhados. Esse lugar é bem maior do que você consegue ver.

Ela achou impressionante que ele soubesse a rotina dela.

—Eu ficava com medo de andar por aí, sem saber se era seguro.

—Eu entendo. O antigo medo do desconhecido. Isso é normal.

—Mas agora que sei que é seguro, vou tentar chegar mais longe, procurar meus limites.

—Mas não confie em todos que você encontrar. — Alertou ele.  
Ela parou um instante antes fazer uma nova pergunta.

—E quanto ao meu tesouro? Você pode me ajudar a procurá-lo?

—Procurar ou encontrar? — Quis saber o Pirata.

—É a mesma coisa, não? — Perguntou ela confusa.

—Claro que não. Se você pretende procurar um tesouro não há muito que eu possa fazer por você, porque nesse caso você não sabe se ele existe. É como procurar uma razão pra viver, o grande amor da sua vida ou a cura do câncer.

Carol ouvia atenciosa.

—Você pode passar a vida toda procurando e talvez esteja se esforçando por algo que nem existe.

—E encontrar é o quê? — Ela quis saber.

—Encontrar é diferente. É como encontrar a mãe que você nunca viu. Você sabe que ela existe, afinal todo mundo tem uma mãe, mas não sabe onde ela está. Ou como encontrar algo que você havia perdido.

Carol balançava a cabeça concordando como Pirata.

—Embora a Professora possa dizer que é apenas uma questão de semântica.

—Semântica? Como assim? — Perguntou Carol, querendo saber sobre aquela palavra que era nova para ela.

—Quando você estiver com a Professora, pergunte a ela. Mas que são coisas diferentes, isso são.

O Pirata fez um silêncio antes de concluir.

—Mas esse é apenas meu ponto de vista. — Disse o Pirata.

—E eu posso estar errado. — Continuou ele.

—Mas certamente as atitudes de quem vai procurar e a de quem quer encontrar alguma coisa são bem diferentes.

A convicção com que o Pirata havia dito aquelas palavras mostrava que ele era um homem que pretendia encontrar muitas coisas ainda.

Carol ouvia calada.

—E então? Você quer procurar a chave do seu tesouro ou encontrá-la?

—Eu quero encontrar. — Respondeu prontamente Carol.

—Nesse caso...

O Pirata fez um rodeio antes de continuar.

—Eu posso ajudar você.

—Você já encontrou um tesouro?

—Ora, eu sou um pirata. Encontrar tesouros é a minha especialidade.

Enquanto falava colocou a mão por dentro da roupa e retirou um papel.

—Aqui está. — Disse ele.

—Meu mapa do tesouro. Você também vai precisar de um.

O Pirata desenrolou o papel em forma de pergaminho na beira do lago para que Carol pudesse vê-lo. Os olhos do Pirata brilhavam diante do desenho feito no papel.

Ela não ficou muito impressionada.

O mapa trazia apenas um xis desenhado no meio do papel.

—Como você pretende achar seu tesouro se tem apenas um xis aí no papel?

—Não é possível desenhar um mapa de uma floresta com detalhes, mas importante é que o xis indica onde está o tesouro.

—Foi você que desenhou esse mapa? — Carol parecia não entender muito bem.

—Claro. O tesouro é meu. Quem melhor do que eu para saber onde ele está.

—Você está sugerindo que eu desenhe o meu próprio mapa? — A idéia não fazia muito sentido para Carol.

—Se o tesouro é seu não vejo ninguém melhor para fazê-lo. Muitas pessoas não encontram seu tesouro por que esperam que outras pessoas digam onde ele está. Isso é um absurdo total.

Ela tentava acompanhar o raciocínio do Pirata.

—Eu não posso emprestar meu mapa para você porque senão você estaria procurando o meu tesouro e não o seu. Então sugiro que você pegue um papel e marque o lugar do seu tesouro. Depois, basta você encontrá-lo.

Embora fosse bastante lógica, a sugestão do Pirata ainda não fazia muito sentido.

—Mas como eu vou saber o local exato do tesouro para marcar no mapa? — A voz de Carol, em forma de súplica, buscava uma solução para sua dúvida.

—Ora, Carol. — O Pirata assumiu um tom paternal antes de continuar.

—O tesouro é seu. Ele vai estar onde você marcar.

—Tudo bem, eu acredito em você.

—Agora precisamos de um pergaminho. Você tem um, não tem?

—Pergaminho? Não. Por que eu teria um?

Carol lembrou-se do lenço no bolso do vestido e o pegou.

—Eu tenho esse lenço, serve? — Perguntou colocando sua esperança na voz.

—É perfeito.

O Pirata entregou uma pena com tinta para Carol.

—Agora, feche os olhos e marque o local no lenço.

—Mas...

Foi só o que Carol conseguiu dizer antes do Pirata continuar.

—O seu coração sabe onde o tesouro está. Confie nele.

Carol segurou a pena e fez uma marca no lenço.

—Pronto. O seu tesouro está marcado com uma cruz no seu mapa. Agora é só você encontrá-lo.

Um arrepio percorreu o corpo de Carol quando abriu os olhos e viu a cruz desenhada no lenço.

—Boa sorte. — Disse o Pirata. Fazendo menção de ir embora.

—Só isso? Você vai me deixar aqui com o mapa na mão e mais nada?

—Isso é tudo que você precisa. — Argumentou o Pirata.

—Se você quiser mesmo encontrar o tesouro, nada vai conseguir impedi-la.

Ela percebeu que não adiantaria falar mais nada.

—Obrigada por tudo.

—É uma satisfação ajudar. — Respondeu ele, sendo gentil.

—Para onde você vai agora? — Quis saber Carol.

—Tenho outros mares para navegar.

—Nos vemos novamente? — Perguntou Carol enquanto uma lágrima começava a brotar nos seus olhos. Ela se sentia como se um



amigo de longa data estivesse para fazer uma viagem para algum lugar distante.

—Acho que não.

A resposta a deixou ainda mais triste.

O Pirata trouxe Carol para perto si a abraçou bem forte. A diferença de altura entre eles deixava a cabeça de Carol encostada no peito do Pirata.

—Seu coração está batendo bem rápido. — Ela disse, sem afastar o ouvido do peito do Pirata.

—Está sim. — Respondeu ele, emocionado.

O Pirata a afastou um pouco para dizer:

—Você pode ficar com o papagaio. Assim poderá sempre lembrar-se de mim.

Ele o segurou e falou repetidas vezes:

—Carol, Carol, Carol.

Após várias tentativas o bicho conseguiu repetir.

—Carol.

O Pirata deu-se então por satisfeito e entregou-lhe o pássaro.

Depois abaixou e pegou o tapa-olho no chão.

—Guarde isto com você também.

Ele colocou o tapa-olho na mão dela Carol e fechou sua mão sobre a dela.

—Eu não posso aceitar. — Ela protestou.

—Eu não vou mais precisar dele. — Disse calmamente o Pirata.

—Mas seu tesouro? Como você vai encontrá-lo?

—Eu acabo de encontrá-lo e agora posso voltar para casa.

Agora descia lentamente uma lágrima pelo rosto do Pirata.

—Obrigado por tudo, Carol.

Ela não entendia bem o que acontecera com o Pirata, mas ele parecia diferente agora. Como se tivesse se lembrado de alguém ou de alguma coisa que ele havia deixado para trás e que agora poderia ter novamente.

O Pirata mais uma vez a trouxe para perto dele e disse bem baixo no ouvido dela:

—Espero que você encontre logo o seu tesouro.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo até que Carol interrompeu aquele momento.

—Você vai ficar bem? — Ela perguntou.

—Certamente. Não se preocupe comigo.

O Pirata parecia meio embaraçado agora.

—Vou sempre procurar notícias suas. — Ele disse.

—Você precisa mesmo ir? — Perguntou com a esperança de que ele dissesse não.

Mas não foi o que ouviu.

O Pirata se despediu pela última vez com um adeus. Depois de dar um beijo no rosto de Carol começou a se afastar do lago.

Ele acenou para Carol que retribuiu o gesto durante algum tempo até ele já estar longe do lago. Sentou-se na beira do lago, apenas o papagaio e o mapa do seu tesouro no bolso do vestido lhe faziam companhia.

Logo após o Pirata ter ido embora, o céu foi coberto por nuvens escuras que prenunciavam uma tempestade.

Ela estava muito longe de sua cabana que ficava do lado oposto de onde estava naquele momento. Não conseguiria chegar lá antes da chuva e dessa vez não queria correr o risco de ficar gripada.

Olhando ao redor viu uma trilha a noroeste da fonte. Não se lembrava de ter passado por lá antes, então resolveu descobrir para onde a trilha levava.

Chamou pelo papagaio várias vezes, para que ele a acompanhasse, mas ele não respondeu.

Deve estar procurando comida, pensou. E continuou.

A trilha serpenteava por uma elevação e parecia ficar cada vez mais íngreme. Já havia andado durante uns quinze minutos, sempre olhando ao redor em busca de algum ponto para se abrigar da chuva que começaria a qualquer instante.

A paisagem a confundia. Parecia estar andando em círculos naquela trilha, até que percebeu uma trilha menor oculta na beira do caminho.

Rapidamente entrou pela nova trilha. Esta parecia estar descendo levemente. Logo mais a frente viu o que parecia ser um

buraco numa parede.

O buraco permitia a passagem de uma pessoa com folga e Carol entrou o mais rápido que pôde, pois grossos pingos de chuva já a atingiam.

Ficou surpresa com o que viu dentro do buraco, na verdade uma caverna, que era muito mais espaçosa por dentro do que poderia supor apenas olhando aquela abertura por onde entrara.

Embora não se lembrasse de já ter estado em uma caverna antes, a sensação ali era de tranqüilidade e isolamento. Uma calma que contradizia a tempestade cujos trovões reverberavam do lado de fora da caverna.

A caverna não era totalmente escura, mas os relâmpagos do lado de fora criavam figuras diferentes a cada vez que iluminavam as paredes da caverna.

Carol não andou para muito longe da entrada da caverna, afinal, não queria se perder logo agora que conseguira um lugar seguro para ficar.

Essa caverna devia ficar na montanha que avistara dias antes quando caíra da árvore. Não era possível nem imaginar o comprimento que a caverna seguia montanha adentro. Sentada em uma reentrância nas pedras, contava o tempo entre o relâmpago e os trovões. Em um filme, há algum tempo atrás, aprendera que como a luz se propaga muito mais rápido que o som, quando o intervalo entre o relâmpago e os trovões aumenta é por que a tempestade está se afastando de onde você está.

Mas nesse momento, a tempestade parecia estacionada bem próxima de onde estava. Enquanto tentava se acomodar, um filete de água vindo da entrada da caverna a incomodava.

Um longo período se passou antes que os trovões ficassem mais demorados e cessassem de vez. Quando a caverna ficou em silêncio, Carol se ajeitou como pôde e, depois de uma oração agradecendo pelo fim da tempestade, dormiu lembrando-se que a tempestade podia durar uma noite, mas o sol viria pela manhã.

## Dia 8

Pela manhã o sol parecia mais forte do que nunca, o calor do sol na entrada da caverna fez com que Carol acordasse bem cedo. Foi abrindo os olhos devagar, tentando se acostumar com a luz que parecia vir direto nos seus olhos.

Só agora se dava conta da dimensão do lugar onde estava. A caverna se estendia por um longo túnel que ficava mais largo à medida que se afastava da entrada.

A luz do sol que vinha da entrada iluminava tudo lá dentro, mas, como se houvesse vários prismas nas paredes, uma profusão de cores era refletida por todo o lugar, deixando-a encantada com aquela cena. O lugar era com certeza o mais lindo onde já estivera um dia.

Olhando para o fundo do lugar, percebeu que o túnel dividia-se em dois. Sua mente curiosa decidiu escolher um caminho para descobrir os segredos daquela caverna onde estava.

Atravessou o vão que levava até as entradas e parou entre elas. Enquanto tentava encontrar alguma marca que pudesse indicar alguma diferença entre os túneis, pensou se não seria melhor procurar o café da manhã antes de iniciar essa aventura.

Olhou bem as duas entradas a sua frente e decidiu seguir pela entrada da esquerda, mesmo sem o café. Se a caminhada começasse a ficar cansativa, voltaria do ponto onde estivesse.

Embora o túnel parecesse bem comprido, conseguia enxergar bem enquanto andava, como se ali dentro houvesse uma iluminação própria. O chão era plano, não dificultando a caminhada, e mesmo as paredes pareciam bem lisas, exatamente o contrário do que esperava encontrar naquele lugar.

Enquanto avançava caverna adentro, as paredes começaram a parecer diferentes. No começo pensou ter visto algumas manchas na parede, mas depois notou que as manchas eram, na verdade, figuras pintadas ao longo do caminho. Um longo caminho cheio de desenhos rupestres.

As cores dos desenhos se alternavam entre preto, vermelho e azul, e algumas vezes alguns desenhos amarelos também apareciam, mas eram bem raros. Os temas também eram variados. Flores, animais, marcas de mãos e símbolos estranhos pareciam ter sido pintados aleatoriamente. Nada que se parecesse com uma história ou um aviso.

Sua caminhada praticamente parou enquanto observava as figuras na parede. Sentia-se menos sozinha, sabendo que tantas outras pessoas já haviam passado por aquele lugar. Ela não sabia quando as figuras foram pintadas, mas pareciam bem antigas por já estarem bem desgastadas.

Depois de algum tempo resolveu continuar andando pelo túnel. Mais a frente no caminho uma nova bifurcação a fez desanimar. Se continuasse, as chances de acabar perdida eram muito grandes. Decepcionada, fez o caminho de volta passando pelo vão inicial e atravessando a entrada da caverna.

Esperou alguns instantes até que seus olhos se acostumassem com o excesso de luz do lado de fora.

Caminhou devagar, andando pelo caminho onde passara no dia anterior. Olhou na beira do caminho procurando alguma coisa. A chuva parecia ter mudado tudo de lugar, mas ainda assim ela não se deteve. As pedras no caminho haviam ficado escorregadias e ao pisar em uma delas perdeu o equilíbrio e deslizou por vários metros no meio do mato.

Após o susto, se levantou, batendo as mãos no corpo para tirar o excesso de sujeira e folhas, foi quando viu o que estava procurando. Soltou um grito de satisfação, se abaixou entre as plantas e apanhou alguma coisa, depois fez o caminho de volta.

Sem demorar, passou direto pelo vão, entrou no túnel da esquerda e foi até as pinturas na parede.

No dia anterior, ela havia visto diversas plantas e flores coloridas e também algumas pedras que certamente serviriam para desenhar. Ao ver as figuras na parede pensou que também podia fazer algumas e sair à procura dos itens que iria precisar.

Carol retirou do bolso algumas pedras e flores de várias cores que pegara do lado de fora. Escolheu um lugar na parede onde

havia menos figuras e começou a fazer alguns desenhos. Tentou representar o mais fielmente possível o seu encontro com a mulher da gaiola e com o Pirata. Não esqueceu também de desenhar um pássaro representando o papagaio.

Olhou para os desenhos, sentindo-se orgulhosa, não que os desenhos tivessem ficado bons, aliás, alguém que passasse ali algum tempo depois não poderia dizer sobre o que eles eram, mas sentia-se feliz em contar uma parte da sua história.

Ainda se divertiu inventando vários símbolos novos que não significavam coisa alguma, exceto que estivera ali antes.

Agora havia outra coisa que também queria fazer. Caminhou para o fim desse túnel onde vira a outra bifurcação mais cedo. Com uma pedra pontuda, fez uma pequena marcação na parede do túnel que escolhera para prosseguir sua caminhada dentro da caverna, assim, quando quisesse voltar seria só seguir as marcações na parede.

Havia muitos túneis conectados uns aos outros que se estendiam por uma distância enorme. Já estava cansada de perambular entrando e saindo de túneis, não sem marcar com sua pedra os caminhos por onde estava passando. Essas marcações eram as únicas coisas que a mantinham segura quanto à possibilidade de voltar quando quisesse.

Dessa vez, porém, parecia que algo diferente estava no fim do túnel. Avançou com cuidado. Até aquele momento nada ali dentro parecia oferecer perigo, só havia mesmo pedras e um ou outro inseto voador, mas agora pensou ter visto alguma coisa se mexer mais a frente.

Aproximou-se devagar, pé ante pé. Quanto mais perto chegava, maior era sua certeza de que realmente havia um movimento no fim do túnel. Da distância onde estava podia ver que era uma pessoa que estava se movendo, vindo na sua direção.

Foi grande sua surpresa quando viu que quem estava vindo era, na verdade, ela mesma. Um grande espelho pendurado na parede refletia seus movimentos.

Ele era obviamente novo. Todas as teorias dela sobre os desenhos rupestres na parede acabavam de cair por terra, afinal, se

alguém havia entrado para colocar um espelho ali, muitas outras pessoas poderiam ter entrado e também desenhado nas paredes.

Mas para que serviria um espelho no fundo de uma caverna? Perguntava em voz baixa para si mesma.

Uma frase escrita logo abaixo dele chamou sua atenção.

“Cuidado com esse espelho! Não fique muito tempo olhando para ele.”

A frase parecia gritar com ela.

Que mal haveria afinal em se ficar olhando para um espelho, fosse pelo tempo que fosse? A frase a desafiava. Parou em frente ao espelho procurando por algo que justificasse a frase escrita na parede.

A moldura era simples, sem qualquer entalhe ou decoração. O espelho era plano. Carol não parecia mais alta, nem mais baixa, nem mais magra ou mais gorda ao ver seu reflexo.

Era um espelho de corpo inteiro e ficava um pouco inclinado em relação à parede, facilitando que a pessoa refletida pudesse se olhar.

Ela sentou-se em frente a ele e começou a fazer medidas e caretas, brincando com seu reflexo. A brincadeira estava gostosa e ela se levantou fazendo poses, como se estivessem em frente a um fotógrafo querendo seu melhor perfil.

—Agora que você está diante do espelho, por que não pergunta a ele quem você é?

A voz grave, mas suave, vinda sabe-se lá de onde a tirou de seus devaneios. Ela saltou assustada e virou-se para saber quem estava falando com ela e havia conseguido chegar tão perto sem ser refletido no espelho.

Não havia ninguém ali.

—Vire-se para o espelho e pergunte. — A voz convidou Carol.

A voz parecia conhecida, fechou os olhos e forçou sua mente até lembrar onde já a ouvira. Fora uns dias antes, durante um sonho, a voz parecia ser de um anjo ou pelo menos como a voz de um anjo seria para ela, agradável e poderosa.

Como não obedecer a voz de um anjo? — Pensou, abrindo os olhos enquanto virava-se novamente.

—Quem eu sou? — Perguntou em voz alta, desafiando o espelho que permaneceu em silêncio.

Segurou o vestido na altura da cintura com as pontas dos dedos e fez uma reverência diante dele.

—Ó nobre princesa refletida, podes dizer-me quem sou? — A encenação soou tão engraçada que Carol não se conteve e começou a rir. Enquanto ria começou a dançar uma valsa imaginária. Ia e vinha se aproximando e afastando do espelho. Quem a visse naquele momento poderia imaginar que estivera bebendo antes de estar ali.

A brincadeira era gostosa, mas Carol começava a se sentir cansada. Afinal, não havia comido nada naquele dia. Não sabia se era o cansaço ou a fome, mas seu reflexo não parecia mais tão jovial e alegre assim.

A pergunta inicial parecia agora muito mais séria do que havia imaginado no começo.

Quem era ela afinal? Não era uma pergunta fácil de responder. Já estava naquele lugar estranho há algum tempo, sem imaginar uma saída e sem saber por que estava ali. Se soubesse quem era, talvez fosse mais fácil aceitar o fato de estar tão longe de tudo.

De certa forma vinha aceitando bem sua sina até aquele momento, mas agora já bastava. Não poderia seguir adiante, naquele lugar esquisito sem saber mais sobre o que tudo aquilo representava. Sentia-se controlada, vigiada e manipulada o tempo todo. Embora o Pirata tivesse dito que o Anjo cuidava deles enquanto estavam ali, apenas isso não era o bastante. Não naquele momento, não ali.

As poucas pessoas com quem encontrara só aumentaram suas dúvidas e nenhuma estava disposta a explicar nada de verdade. Seu humor já estava bem alterado nesse momento. Parecia que seria tragada pelo espelho a qualquer instante.

Olhando seriamente para seu reflexo, sentia-se vestindo uma fantasia, mas a pessoa por baixo da fantasia era uma desconhecida.

Levou a mão direita ao ombro esquerdo, passou os dedos por baixo da alça e do vestido e a empurrou até que a alça pendesse no



seu braço. Com a mão esquerda fez o mesmo com a alça direita, o que fez com que seu vestido caísse e mostrasse seu corpo nu.

—Quem eu sou? — Carol tinha um semblante triste ao fazer a pergunta.

Em seguida, enquanto passava a mão para arranjar o cabelo, voltou a sentir o ferimento no pescoço do dia em que caíra da árvore. Ficou de costas para espelho para tentar ver melhor o machucado.

A imagem era inesperada. O corpo à sua frente era, certamente, o de uma mulher jovem, mas agora podia ver a enorme quantidade de cicatrizes espalhadas por suas costas.

Cicatrizes de vários tamanhos e formatos compunham um quadro assustador e pareciam estar ali já há bastante tempo.

Não podia imaginar a razão de tê-las, mas provavelmente não fora uma boa menina em algum momento. Enquanto descia o olhar, percebia que algumas marcas pareciam ter sido feitas com cintos, outras com varas e outras talvez mesmo com algum instrumento cheio de pontas. Não acreditava que pudesse ter feito aquilo a si mesma como penitência ou auto-flagelação, então alguém deve tê-la castigado.

Quando baixou ainda mais o olhar, não se conteve e deitando no chão em posição fetal, chorou copiosamente. Era possível ver a marca de um ferro de passar roupa feita na sua nádega.

Ela acreditava que não haveria lágrimas suficientes para chorar por aquilo. Só quando pensou que já devia ter chorado muito e muitas vezes antes por aquelas cicatrizes é que conseguiu se controlar um pouco.

—Eu não sei se quero saber quem eu sou. — Dizia, sussurrando para si mesma.

—Eu não sei se quero saber quem eu era. — Balbuciava entre soluços.

—Levante-se, Carol. — A mesma voz de antes falava agora.

—Você já ficou tempo demais na frente do espelho.

Ela puxou o vestido que estava no chão e o vestiu ainda deitada, depois se levantou. A descarga de emoções a havia deixado

exausta, tudo que queria agora era sair daquele lugar o mais rápido possível.

Seguiu as marcas que fizera nas paredes e rapidamente atingiu a saída da caverna. A luz forte era muito bem-vinda, depois de tanto tempo em um lugar mal iluminado.

## Dia 9

Carol era incapaz de determinar quanto tempo passara realmente dentro da caverna. Do lado de fora tudo parecia muito diferente desde a hora em que entrara. O caminho não parecia tão íngreme nem a fonte tão distante. Talvez a tempestade do outro dia fizesse tudo parecer mais distante.

Toda aquela luz incidia diretamente nos olhos dela, que se protegia usando as mãos como se fossem uma viseira. O dia estava bem quente e não via a hora de entrar no lago para se refrescar, mas quando olhou em direção ao lugar onde pretendia tomar um bom banho precisou fechar um pouco os olhos para se certificar de que o que via era verdade. Um homem com uma vara de pescar estava sentado bem à beira do lago.

Correu até ele gritando e movimentando os braços como se estivesse afugentando um bando de pássaros.

—Ei, você aí, o que pensa que está fazendo? — Gritou para o homem bem antes de chegar perto dele.

O homem continuou calmamente com o a linha na água, esperando impassível por uma fisgada em sua isca enquanto Carol se aproximava. Finalmente, quando se virou, o homem apenas colocou o dedo indicador por cima dos lábios pedindo que ficasse em silêncio e não fizesse barulho.

O gesto inesperado reduziu o seu ímpeto e acabou chegando ao lado do Pescador fazendo o menor ruído possível. Ele estava sentado com os pés dentro do lago. Carol sentou-se ao lado dele, mas de costas para a água.

—Tem um peixe dourado nesse lago. — Afirmou o Pescador em voz baixa.

—Eu sei. — Respondeu Carol usando uma voz ainda mais baixa.

—E ele é meu. — Ela complementou.

—Então você devia deixá-lo em um aquário, não acha?

Carol perguntou contrariada.

—O que você pretende com o meu peixe?

—Vou ensiná-lo a pescar. — O Pescador respondeu sem nem virar o rosto para Carol.

—Não sei se seria muito útil para ele. — Carol respondeu rindo.

—Por que não? — Quis saber o Pescador falando sério.

—Não consigo imaginar qualquer peixe querendo “pescar” outros.

—Ah, mas a razão não é essa. Eu também não penso em ver os peixes pescando uns aos outros.

O Pescador começou a girar a manivela do molinete para recolher a linha.

—Na verdade, apenas não me parece justo que o peixe participe de um jogo sem saber as regras.

—Um jogo? — Quis saber Carol, espantada.

—Sim. Para mim uma pescaria é um jogo, mas o peixe não sabe disso, por isso está em desvantagem. Não é um jogo justo. Só o Pescador vai se divertir.

—E você acha que pescando o meu peixinho dourado vai ensiná-lo alguma coisa?

—Se eu fizer isso apenas uma vez, talvez não. Mas com o tempo ele vai acabar percebendo que o que está no anzol pode não valer a pena.

—O que você coloca no anzol?

—A isca sempre é algo atrativo para o peixe. Pode ser algo cheiroso, saboroso ou apenas brilhante, mas deve chamar a atenção dele.

—E o peixe sempre morde a isca?

—Pode ser mais ou menos difícil encontrar a isca certa, mas com alguma paciência...

O Pescador deixou a frase assim, suspensa no ar.

Carol foi reclinando o corpo para trás até que seus cabelos tocassem a água.

—Você já fisgou meu peixinho dourado alguma vez?

—Acho que não está aqui, não. Durante o tempo que fiquei aqui não vi nem sinal dele.

—E por que você continuou aqui?

—Um pescador é um otimista, sempre acha que o peixe grande vai vir em seguida.

—Grande? Meu peixinho dourado é tão pequeno.

—Desculpe, quis dizer que o pescador sempre acha que seu esforço vai ser recompensado em breve. E mesmo depois de um longo dia de pescaria sem pegar nada ele acha que no próximo dia vai ser melhor.

—Legal. Tem horas que acho que não vou ter recompensa alguma.

Carol se levantou e começou a andar na beira do lago.

—Eu estou com fome. Você não viu por aí um prato com biscoitos e um copo de leite? — Perguntou Carol para o Pescador.

—Acho que você vai ficar sem café hoje.

Carol parou de andar e voltou para perto do Pescador.

—Por quê?

—O Anjo não gostou de você ter ido onde fica o espelho.

—E por isso eu vou ser castigada? — Falou Carol indignada.

—Não chega a ser um castigo, a Mulher-com-a-gaiola-vazia, também foi lá uma vez e foi castigada de verdade, mas como você é a queridinha do Anjo, ele não vai fazer nada com você.

—Como assim “queridinha”?

—Ele gosta mais de você do que de todos os outros que estão aqui.

—Todos os outros? Quantas pessoas estão aqui além de nós?

—Nós somos trinta e oito pessoas ao todo, contando com você.

A informação a surpreendeu.

—Mas, eu nunca vejo ninguém. Só encontro com uma ou outra pessoa de vez em quando.

—Como eu disse... as pessoas não gostam muito de você por aqui, mas deve ser por inveja.

—Inveja? Você sente inveja de mim? — Ela perguntou com um jeito de súplica.

—Eu não, afinal sou um Pescador e não há história que você possa contar e que eu mesmo não possa contar uma melhor depois.

—E por que o Anjo iria gostar mais de mim?

—Acho que tem a ver com o seu segredo.

—Meu segredo? Que segredo seria esse?

—É um segredo, quem vai saber. — O Pescador falou de forma lógica.

—Além de você, é claro. — Completou.

Ela colocou a mão no bolso do vestido e segurou a folha onde estava desenhado o seu mapa. Ficou imaginando se o segredo teria alguma relação com o tesouro.

—Esse segredo poderia ser sobre alguma coisa que eu tenho?

— Carol sondou o Pescador.

—Não sei, mas parece que é sobre uma chave. Se você encontrar a chave, terá encontrado o que veio buscar.

O Pescador tirou os pés já enrugados da água e se levantou.

—Para onde você está indo? — Ela quis saber.

—Vou para perto da sua cabana. Você me acompanha?

—Claro. — Respondeu já andando atrás do Pescador.

—Você acha que essa chave está por aqui? — Perguntou Carol.

—O Anjo diz que “o que estamos procurando aqui sempre está ao nosso alcance”, então imagino que sim, sua chave deve estar por aqui também.

—Todo mundo aqui está procurando por alguma coisa?

—Não sei se as pessoas que estão aqui perderam alguma coisa ou se simplesmente se perderam enquanto iam para outro lugar.

—Que estranho, não me lembro de estar indo para lugar algum, nem de ter perdido coisa alguma.

—Isso é quase uma regra aqui, mas não se preocupe, com o tempo você vai acabar lembrando.

—Espero que sim. E você? O que você perdeu para vir parar aqui?

—Você demorou a perguntar. — O Pescador sorriu.

—Mesmo assim não posso falar sobre isso com você, o Anjo me castigaria. — Completou.

—Acho que já fui castigada. — Carol baixou a cabeça e falou em voz baixa lembrando-se da imagem no espelho da caverna.

—Você não faz o tipo que precisa ser castigada.

Ela não respondeu ao comentário, apenas perguntou:

—Você acha que se eu me lembrar do segredo e contar para o Anjo eu vou embora?

—Acho que é a única forma. O Pirata foi embora no mês passado depois de ter encontrado um tesouro, mas ir embora é raro, quase todas as pessoas que estão aqui, estão há algum tempo.

—Você não tem vontade de ir embora?

—Não sei, já estou acostumado com as pessoas, com os lugares, com a comida e até com o Anjo. Eu não crio problemas para ele e ele não cria dificuldades para mim.

—E o que você está procurando, acha que está mais perto de encontrar ou não?

—Eu acho que não quero encontrar mais nada.

—O Pirata me disse que a atitude de quem quer encontrar alguma coisa é diferente da atitude de quem só quer procurar. Acho que você apenas procura porque não tem mais esperança de encontrar.

—Pode ser que sim, pode ser que não. Dizem que na vida o que vale é a viagem e não o destino, essa é a minha viagem.

Carol bateu palmas bem baixinho.

—Você é meio filósofo, não? — Perguntou.

O Pescador negou, sendo humilde.

—De forma alguma, mas temos um filósofo aqui. Talvez você converse com ele qualquer hora.

—Seria bom. Gostaria de conversar com todo mundo daqui. Você conhece a Professora? O Pirata disse que havia uma aqui também.

—Conheço sim, mas é um pouco difícil conversar com ela. Talvez você a veja e todos os outros no dia do baile.

—Um baile? Aqui? Quando vai ser isso?

—Ainda não sei, mas irão avisar e todo mundo irá se encontrar. Vai ser um baile à fantasia, então você poderia começar a pensar na sua.

—À fantasia? Mas eu só tenho essa roupa. — Carol respondeu em leve desespero.

—Não se preocupe, dá-se um jeito nisso.

—Você disse que as pessoas não gostam muito de mim, será uma boa idéia ir a esse baile?

—Ninguém vai fazer nada contra você. E talvez o próprio Anjo também esteja lá.

Carol apenas assentiu com a cabeça. Os dois haviam andando uma parte considerável do caminho e a cabana estava próxima.

Pensou que dentro de pouco tempo os dois iriam se separar e provavelmente não iria vê-lo de novo, nem seria convidada para o tal baile, afinal, ainda não havia encontrado duas vezes com a mesma pessoa desde que havia chegado ali.

Então foi com surpresa que ouviu o convite do Pescador.

—Posso passar aqui amanhã de manhã para caminharmos um pouco e conversar?

Animadíssima com o convite, ela aceitou sem cerimônias.

—Seria ótimo conversar novamente com você.

—Então está combinado. Eu chego logo após o seu café.

—Sem problemas.

—Só mais uma coisa. Eu poderia trazer outra pessoa? Uma colega minha, uma astrônoma. Poderíamos conversar sobre os astros.

Carol achou a idéia ainda melhor.

—Mal posso esperar a hora de encontrar vocês amanhã.

—Até amanhã. — O Pescador se despediu.

Ela ficou na entrada da cabana olhando enquanto o Pescador continuava andando até bem depois da sua cabana. Pela primeira vez desde que chegara ali tinha planos concretos para o dia seguinte e isso a deixava muito satisfeita.

Depois de uma soneca em sua cabana que já não via há tempo, o almoço a esperava do lado de fora. Pelo visto o Anjo não pretendia deixá-la sem almoço também.

Andou até a Goiabeira para compartilharem goiabas, elas seriam uma ótima sobremesa.

—Tenho sido uma má amiga, não é mesmo? — Perguntou.

—Tem acontecido tanta coisa que não consigo deixar você atualizada de tudo. — Falava enquanto mordida uma goiaba.



—O mais importante de tudo deve ser que tenho um encontro amanhã com o Pescador e uma astrônoma, talvez ela possa falar sobre meu futuro. Fico aqui sem saber quais vão ser os próximos acontecimentos e nem como me comportar e reagir a eles. Se ela puder me dizer alguma coisa, qualquer coisa, será muito bom.

A Goiabeira apenas movimentava seus galhos concordando com o que ela dizia.

Carol subiu pelo tronco da Goiabeira e se ajeitou de modo que ficasse confortável. De lá podia observar o que acontecia em volta de sua cabana e nos caminhos por perto.

Esperou durante boa parte da tarde que alguém passasse por ali, mas foi em vão. Só em um momento pensou ter visto alguma coisa se mover entre as árvores, mas devia ter sido apenas o vento.

Mal o céu escureceu, Carol desceu para sua cabana. Queria dormir logo para o encontro do dia seguinte, mas estava sem sono e voltou para fora. A floresta sempre parecia assustadora à noite. E essa noite era como qualquer outra, embora a lua cheia deixasse tudo menos escuro, não parecia menos ameaçadora.

Voltou para a Goiabeira e se ajeitou novamente entre seus galhos. Olhou para o céu contando as estrelas como já fizera antes.

Nem precisou contar muito para que o sono chegasse, desceu mais uma vez e tão logo chegou à cabana já estava dormindo, sonhando com estrelas, sonhando com o futuro.

## Dia 10

Carol mal abriu os olhos e se levantou com um pulo. O dia prometia. Inquieta, foi para fora da cabana e se deparou com seu café já servido.

O Pescador havia dito que eles viriam logo após o café, então seria melhor cuidar disso logo. Rapidamente comeu todos os biscoitos e tomou o leite que estava ali do lado de fora da cabana.

Seria um ótimo dia para passear pela floresta, pois o sol estava brilhando com força já desde cedo. Infelizmente não poderia improvisar um piquenique com eles.

A excitação que tomava conta dela fazia com que andasse de um lado para outro na expectativa de que a qualquer momento o Pescador chegasse junto com a Astrônoma. Foi até a Goiabeira e voltou diversas vezes e quando já começava a desanimar viu dois vultos vindo ao longe.

Sem nem saber se eram as pessoas que estava esperando, saiu correndo na direção delas. Não precisou correr tanto assim para ter certeza de que era mesmo o Pescador vindo mais à frente.

O gorro do dia anterior era inconfundível, bem comprido para aquecer as orelhas, a roupa também era a mesma, deveria ser seu uniforme de pesca, cheio de bolsos. Apenas a bota na altura do joelho destoava da lembrança do dia anterior. A barba grande e a barriga protuberante completavam a imagem do Pescador por quem esperara a noite toda.

Ele não estava sozinho. Como havia prometido, uma mulher o acompanhava, devia ser a Astrônoma de quem ele havia falado.

Preferiu esperar no meio do caminho, ao invés de terminar a corrida até eles.

Na medida em que o casal se aproximava, Carol parecia ficar cada vez mais surpresa. A surpresa se transformou em encantamento quando finalmente pôde olhar bem para a mulher que estava junto do Pescador.

Antes mesmo de dar boas vindas a ele, virou-se para a mulher e disse:

—Deus do céu, como você é linda!

A mulher ficou surpresa com o elogio, mas o retribuiu com educação.

—Obrigada, você também é muito bonita.

Além de ser a mulher mais bonita que lembrava ter visto algum dia, a voz dela era suave e agradável. Combinando perfeitamente com aquele rosto que parecia feito de porcelana e com o cabelo sem qualquer fio desalinhado.

—Bom dia, Carol. — Disse o Pescador.

—Pelo visto gostou da minha amiga Astrônoma.

—Como poderia não gostar? Ela é tão linda e tão delicada, parece até uma estrela brilhando aqui na terra.

—Não chego a tanto, Carol. — A Astrônoma falou.

—Mas que bom que tenha gostado de mim, assim o passeio vai ser mais agradável.

—Posso ficar entre vocês dois? — Carol perguntou para o Pescador.

—Não vejo problemas. — O Pescador olhou para a Astrônoma que assentiu com a cabeça.

Os três foram caminhando para a direção oposta do lugar de onde o Pescador viera.

—Eu esperei por vocês a noite toda. Mal consegui dormir.

—Quem bom que você ficou animada. Esse lugar é muito solitário. É bom ter com quem conversar de vez em quando. — Disse o Pescador.

—Eu tenho a companhia dos astros, mas até eles, às vezes se escondem. — Completou a Astrônoma.

—Nem me diga, nesse lugar todos fogem de mim. — Carol se lamentava.

Olhando para o Pescador, Carol disse:

—Você não trouxe a vara de pesca hoje.

—Bem, nós não vamos pescar. Imaginei que você fosse preferir conversar com minha amiga. — Replicou o Pescador.

—Na verdade, não via a hora de estar com ela.

Embora estivesse entre eles, Carol tentava ficar mais próxima da Astrônoma.

Carol parou de andar, virou-se para a Astrônoma e fez um pedido.

—Se eu te pedir uma coisa, você não vai rir de mim?

—Claro que não.

—Mesmo que seja uma coisa muito boba?

—Não acredito que você vá me pedir uma coisa que você ache boba, e se não for boba para você não vai ser para mim também.

Carol respirou fundo e disse.

—Então está bem. Você poderia dizer o que vai acontecer comigo no futuro? Assim, olhando os astros.

—Ah, bem... sinto desapontá-la, Carol. Mas esse é um engano que muita gente comete.

Carol olhou para ela sem conseguir esconder o olhar desapontado.

—Minha profissão apenas estuda os astros enquanto corpos celestes. Eu estudo a composição química, a formação, o deslocamento e uma série de outras coisas sobre os astros, mas a influência de qualquer um deles sobre a vida de qualquer pessoa...

Ela baixou o tom de voz e completou a frase sussurrando perto do ouvido de Carol.

—...eu nem acredito que exista.

Falando em voz alta novamente a Astrônoma continuou.

—As pessoas que acreditam poder ler nos astros a história do futuro de outras pessoas são chamadas astrólogas já as pessoas que acreditam no que elas dizem ou escrevem não têm um nome especial.

—Que pena, eu pensei que conversando com você eu saberia um pouco do que me reserva esse lugar.

—O Pescador me disse que você já sabia alguma coisa sobre isso.

—É. Parece que o Anjo precisa que eu diga um segredo meu antes que saia daqui, mas não me lembro de segredo algum.

Carol olhou para os lados antes de continuar, como se quisesse esconder o que iria dizer em seguida.

—Mas talvez seja sobre uma coisa que o Pirata me deu.

—Uma coisa? Que coisa é essa? — Perguntou a Astrônoma, enquanto o Pescador também se aproximava mais de delas.

—É um segredo, mas acho que posso confiar em vocês. E como vocês estão falando em segredos, talvez seja isso que o Anjo queira saber.

—O que é então? Diga. — O Pescador falou ansioso.

—Eu tenho um mapa de um tesouro.

Carol falou com uma voz tão baixa que o Pescador e a Astrônoma mal conseguiram ouvir.

O Pescador coçou a barba, meio sem acreditar no que ouvira.

—É melhor não falarmos sobre isso aqui. — A Astrônoma comentou.

—Podemos ir até a mesa quadrada, não vai haver ninguém lá hoje.

O Pescador concordou.

—Carol, nós vamos te levar a um dos lugares onde você ainda não foi.

Ela não fez menção de contestar o que eles disseram e tratou de segui-los. Eles caminharam em silêncio por um bom tempo, com Carol sempre entre os dois.

O lugar por onde eles estavam passando começava em um atalho no meio do caminho que levava ao lago, na parte escura pela qual Carol não gostava de passar. Como sempre passava por ali correndo, não notara aquele atalho antes.

A mesa quadrada a que a Astrônoma havia se referido era exatamente isso. Uma estrutura de concreto com quatro bancos também de concreto em volta.

O Pescador chegou perto da mesa e retirou as folhas que a cobriam, também limpou os bancos para que sentassem.

—Acho que aqui é melhor para falarmos daquele assunto. — A Astrônoma reiniciou a conversa.

—Vocês acham que o Anjo pode estar interessado no meu tesouro? — Foi logo perguntando Carol, indo direto ao ponto.

—O que você acha, Pescador? — A Astrônoma perguntou.

—O Anjo nunca iria querer nada com o seu tesouro. Não é para isso que ele está aqui.

—Eu concordo com o Pescador. Ele já tem tudo o que precisa, ele não está interessado no seu mapa do tesouro, até porque, ninguém sabia que você tinha um.

—Nós podemos ver o mapa? — Perguntou o Pescador.

Carol pensou em pegar o mapa no bolso do vestido, mas ao invés disso falou:

—Ele não está aqui, eu o deixo bem guardado para não perdê-lo.

—Faz muito bem, esse lugar é perigoso. — Disse a Astrônoma.

—Você disse que o Pirata deu o mapa a você. — Quis confirmar o Pescador.

—Na verdade, ele me ajudou a conseguir o mapa, mas eu não posso dar mais detalhes. — Explicou Carol.

—Desde que eu cheguei aqui, sempre vi o Anjo ajudando os outros a encontrar o que estavam procurando. — A Astrônoma comentou.

—Será que esse tesouro não é um segredo que você tem, quero dizer, será que você não tem um segredo tão valioso quanto um tesouro? — Questionou o Pescador.

—Assim você vai confundir-la. Por que você não conta para ela tudo que sabemos.

—Como assim “o que vocês sabem”? — Perguntou Carol.

—Você não precisava ter comentado isso. — Disse o Pescador para a Astrônoma.

—Não vejo problema algum. — A Astrônoma retrucou.

—Contem-me logo, o que vocês souberem.

O Pescador lançou um olhar desaprovador para a Astrônoma e depois começou.

—Não é muito. Apenas dizem por aí que você será a última a ser ajudada pelo Anjo e quando você for embora ele vai também. Depois disso um novo Anjo será escolhido.

—Por isso acho que ele não tem nenhum interesse no seu tesouro. Eu acho até que ele quer que você o encontre logo.

—Se você tem um mapa, acho que ele indica a localização do seu segredo. — Disse a Astrônoma.

—Mas é só uma possibilidade. — Completou.

—Tudo isso me deixa nervosa e ansiosa. — Reclamou Carol.

—Eu não deveria estar à procura de uma coisa que eu nem sei ao certo o que é.

—Mas você sabe onde está. — Rebateu o Pescador.

—Tem outro detalhe que eu não contei. — Disse Carol.

—Mas é melhor eu pensar melhor sobre ele antes de falar com vocês.

O Pescador lançou um olhar de cumplicidade para ela e disse:

—Parece que você está participando de um jogo cujas regras você não sabe.

—É mesmo, como a história do peixe. — Concluiu Carol.

—Nós iremos ajudar você com o que for possível. — A Astrônoma falou.

—Obrigada. Imagino que para você seja bem mais fácil encontrar o que está procurando. As estrelas estão no céu todos os dias e elas só saem de lá quando caem na terra.

—Bem, eu também tenho um mapa com a localização de cada uma delas. Isso também facilita as coisas. Mas aqui eu não tenho um telescópio, então posso apenas ficar observando de muito mais longe do que gostaria.

—Você está aqui para encontrar uma estrela ou por que perdeu uma? — Quis saber Carol sobre a Astrônoma.

—Acho que eu perdi mais do que uma estrela, mas é uma história que eu não gostaria de contar, não hoje.

A voz da Astrônoma ficou triste enquanto olhava para cima.

Carol percebeu que o assunto não era agradável para a Astrônoma e tentou melhorar o clima entre eles.

—Como foi que vocês se conheceram? — Perguntou para o Pescador, que até aquele momento havia ficado em silêncio.

O Pescador abriu um sorriso e Carol já tentava imaginar como teria sido aquele encontro.

—Foi à tarde. — Começou o Pescador.

—Foi à noite. — Corrigiu a Astrônoma.

—À noite. Sim, isso mesmo, eu estava pescando. À noite é bom para pescar por que é mais silencioso. — Falou o Pescador.

—E também é melhor para olhar as estrelas, quer dizer, para mim é o único jeito aqui. — A Astrônoma completou e depois continuou.

—Era noite de lua cheia e iria acontecer um eclipse. Eclipses são lindos e eu não os perco por nada.

—Eu adoraria ver um eclipse. — Comentou Carol.

A Astrônoma olhou para ela com um sorriso maroto e disse:

—Você está com sorte, vai acontecer um novo eclipse da lua amanhã.

—E posso vê-lo junto com você? — Perguntou Carol para a Astrônoma.

—É claro que sim. — Respondeu.

Os olhos de Carol chegaram a brilhar diante da possibilidade.

—Mas como eu ia dizendo, já era tarde da noite e eu cheguei perto do Pescador, ele estava pescando no mesmo lugar onde vocês se encontraram.

—Foi isso mesmo. — O Pescador continuou a história.

—De repente, eu me viro e eis que bem perto de mim estava ela, a mulher mais bonita que já havia visto. Acho que ela sempre provoca essa reação nas pessoas.

A Astrônoma riu e disse em tom de brincadeira.

—Acho que vocês não conhecem muitas pessoas.

—Ainda assim, ela estava lá. A última figura que eu esperava encontrar no meio de uma pescaria, quase à meia-noite.

—Você perguntou se eu estava perdida. — Lembrou a Astrônoma.

—Foi mesmo. E você respondeu...

O Pescador deixou a frase para a Astrônoma terminar.

—Perdida? Como assim perdida? Eu pareço perdida? Como você pode perguntar se estou perdida? Quem você pensa que é?

A Astrônoma imitava uma voz estridente e chata enquanto falava rápido.

—Enfim, ela começou a falar e não parou durante horas.

—Mas eu nem sou de falar muito. — Reclamou a Astrônoma.

—Mas foi ótimo, nós conversamos sobre tantas coisas. — Falou o Pescador saudoso.



—E ainda hoje conversamos.

—E o eclipse? — Quis saber Carol.

—Não vi. — Respondeu a Astrônoma.

—O céu estava nublado e a conversa estava tão boa que o tempo foi passando e acabamos vendo o nascer do sol juntos.

—Nossa, que romântico! — Brincou Carol

—Foi bonito, não romântico. — Afirmou a Astrônoma.

—Você não achou romântico? — Quis saber o Pescador.

—Não foi romântico, nem um pouco. Aquele monte de mosquitos me perturbando a noite toda, não tinha como ser romântico. Mas foi bonito e interessante.

—Isso é um elogio? — O Pescador perguntou.

—Pode considerar que sim. — Respondeu a Astrônoma, fazendo charme.

—Legal a história de vocês dois.

O Pescador e Astrônoma se olharam e o Pescador falou.

—Nós temos um monte de histórias juntos e podemos contar para você outro dia.

—Eu adoraria ouvir. Poderia ser durante uma pescaria?

—Com certeza. Vou ensinar você como se pega as iscas.

O vento havia deixado a mesa novamente cheia de folhas. Também havia trazido muitas nuvens, deixando a tarde nublada e um pouco fria.

Carol cruzou os braços e se encolheu um pouco.

—Espero que o dia não fique mais frio. — Reclamou Carol.

—Vamos procurar um lugar onde ainda tenha sol, ela está com frio. — Sugeriu o Pescador.

—Vamos. — Respondeu a Astrônoma.

Os três se levantaram e Carol foi andando atrás do Pescador e da Astrônoma.

Eles caminhavam de volta, como se eles fossem voltar para a cabana de Carol que, depois de um tempo em silêncio, perguntou para a Astrônoma.

—Você também pretende ficar por aqui mesmo?

—Não, não. Diferente do nosso Pescador aqui eu pretendo ir embora sim. Na verdade, já fui embora uma vez, mas precisei voltar.

Quando eu achei que já havia encontrado o que estava procurando, percebi que ainda estava longe de conseguir.

—Deve ser uma história triste. — Sussurrou Carol.

—É uma daquelas que é melhor guardarmos pra nós mesmos.

—Entendo.

Foi só o que Carol disse, já se virando para o Pescador.

—E você, Pescador. Ainda não contou nenhuma daquelas histórias exageradas que vocês costumam contar.

O Pescador parou no meio do caminho como uma mula empacada, fez cara de contrariado e exclamou:

—Opa, exageradas não! É tudo verdade.

Todos começaram a rir.

O clima divertido continuou até perto da cabana de Carol.

—Está ficando tarde, senão nós poderíamos ir até o Jardim Suspenso. — Falou a Astrônoma.

—O Jardim fica na direção do abrigo onde mora o Pescador, mas podemos ir outro dia. Quanto ao nosso eclipse, podemos nos encontrar na mesa quadrada, amanhã à noite, tão logo a lua apareça.

—Está bem. Espero por vocês lá.

O Pescador se aproximou de Carol e falou bem perto do ouvido dela, para que apenas ela ouvisse.

—Seria melhor você ter certeza de que seu mapa está bem guardado, você sabe, em um lugar seguro. Nós não sabemos ainda o que pode ser o seu tesouro.

Ela agradeceu a sugestão e disse que iria cuidar disso, depois se despediu dos dois e acompanhou-os com os olhos enquanto eles iam embora.

Depois que o Pescador e a Astrônoma foram embora, Resolveu seguir o conselho do Pescador e esconder melhor o seu mapa, afinal, ficar andando com ele dentro do vestido para cima e para baixo parecia mesmo muito perigoso.

Dentro do seu abrigo pegou a sacola com folhas que servia como travesseiro e colocou o lenço dentro, assim, independente do que ocorresse, seu mapa estaria a salvo.

Dormiu esperando que chegasse logo o dia seguinte.



# Dia 11

O novo dia mal surgiu e Carol se levantou depressa, não cabia em si de tanto entusiasmo. O dia prometia bastante. Os eclipses eram lindos e ela não queria perder o desse dia por nada.

Saiu do seu abrigo ainda antes do café e foi andar pela floresta, o trecho pelo qual havia passado no dia anterior era desconhecido e agora queria tentar encontrá-lo novamente para não correr o risco de se perder à noite.

Andou rapidamente até o lugar onde se encontrara com a Mulher-com-a-gaiola-vazia, dessa vez não teve dificuldade em encontrar o atalho do dia anterior.

Antes de entrar, porém, notou que do outro lado do caminho também existia um atalho. Uma entrada na mesma direção daquela que levava à mesa quadrada. Era um ponto para explorar depois. Sabia que a mesa do encontro no dia anterior ficava bem próxima da entrada e foi andando devagar, contando os passos, não demorou a vê-la.

Sessenta e sete passos.

A mesa estava novamente cheia de folhas. Uma árvore bem alta ali próxima era a responsável pela sujeira.

Carol não fez questão de limpá-la, afinal, não iria usá-la mesmo.

Tudo pronto. — Ela pensou.

Agora não se perderia à noite.

Voltou os sessenta e sete passos e se deparou com o atalho do outro lado do caminho, mas preferiu não passar por ele naquele momento, mais tarde, depois do café, seria mais apropriado.

Não demorou a chegar ao abrigo e o seu café já estava aguardando. Pegou a caneca, os biscoitos e foi sentar-se embaixo da goiabeira.

—Hoje vai ser um lindo dia! — Exclamou animada.

Enquanto comia seus biscoitos pensava no que faria durante o dia para passar o tempo até que chegasse o momento de ver o eclipse.

Sentia-se cheia de energia e resolveu passear pelo caminho que vira mais cedo em frente da entrada da mesa quadrada. Pegou algumas goiabas para comer no caminho e durante o tempo que estivesse passeando.

Fazia aquele percurso cada vez mais rápido depois de ter se acostumado com ele. Durante a caminhada o vento forte fazia com que a areia vez por outra irritasse seus olhos. Nesses momentos parava, limpava os olhos para só depois prosseguir.

A outra entrada era um pouco mais escondida que a primeira, até mesmo difícil de encontrar. Resolveu entrar pela trilha para ver para onde levava.

Assim como fizera com o outro caminho, contou os passos que já havia percorrido. No passo trinta e dois se deparou com um pássaro caído no chão, morto. Não parou, pois de longe avistou uma mesa como a do outro caminho.

Já imaginava quantos passos iria andar para chegar até ela. Caminhou devagar e, como suspeitara, sessenta e sete passos a separavam da entrada desse caminho também.

Antes de chegar lá havia observado que havia um objeto sobre a mesa. Mas essa, ao contrário da outra, era redonda e não quadrada, embora as cadeiras fossem mesmo quadradas. Quando se sentou, pegou o objeto na mão.

Um pedaço de papel que estava sob o objeto voou sem o peso que o estava segurando ali.

Era um leque.

Quem esqueceria um leque naquele lugar, e mais, quem teria um?

Abriu o leque que apresentava um desenho em forma de pavão, como se as penas de um deles se abrissem diante dela. Com um movimento ritmado, começou a se abanar.

O vento que a acompanhara pelo caminho também era forte ali e remexia as folhas no chão. O pequeno pedaço de papel rasgado que havia voado e caído perto da cadeira onde estava chamou sua atenção, pois continha algumas palavras escritas.

Guardou o leque, se abaixou e pegou o papel.

Não era possível entender bem o que estava escrito, mas o texto parecia fazer parte de outro maior. Olhou em volta, à procura de algum outro fragmento e percebeu que havia vários deles ali bem próximos. Levantou-se de um salto e foi buscar cada um deles.

A folha original havia sido rasgada em pedaços bem pequenos e o vento levava esses pedaços para cada vez mais longe, mas Carol não se intimidou. Procurou entre as folhas e conseguiu juntar uma boa quantidade de pedaços, não sabia se seria possível juntar todos eles, mas trabalho para a parte da tarde não iria faltar.

Colocou os pedaços de papel no bolso e voltou para perto do seu abrigo, com aquela ventania só mesmo dentro dele para poder juntar as peças daquele verdadeiro quebra-cabeça.

As folhas da goiabeira balançavam forte devido ao vento, muitas folhas caídas no chão e espalhadas por todo lugar davam uma aparência descuidada ao lugar.

Entrou direto no abrigo onde, realmente, o vento era bem fraco e não estava atrapalhando. Apenas as sacolas estavam para sair do telhado a qualquer momento.

O vento também havia trazido muitas nuvens, deixando o céu nublado e o dia menos claro do que ela gostaria. Sentou-se no canto do abrigo, retirou os pedaços de papel e os colocou na sua frente.

Mesmo sem contar, sabia que havia mais de uma centena de pequenos pedaços, seria uma tarefa muito difícil juntar aquilo tudo.

Os pedaços pertenciam a uma folha de caderno grande, com letras muito bem feitas, de uma caligrafia firme e estavam escritos a lápis dos dois lados do papel. Isso tornaria a tarefa ainda pior.

Pegou os pedaços e tentou encaixá-los uns nos outros, mas o texto escrito dos dois lados atrapalhava a encontrar onde o texto continuava no outro pedaço.

O trabalho era desanimador e uma corrente de vento inesperada espalhou os papéis novamente.

Recomeçou separando todos os pedaços que continham algum lado reto, esses fariam parte da borda da folha, depois bastaria encaixar os outros fragmentos nos seus devidos lugares.

Infelizmente, os pedaços que formariam a borda foram poucos e o trabalho sem as linhas de borda era bem mais difícil.

Havia uma dificuldade extra, mesmo depois de montado o quebra-cabeça, precisaria de uma forma fácil de ler o que estava escrito do outro lado da folha. Obviamente poderia inverter cada pedaço e montar o verso da folha, mas a qualquer momento um vento ou uma ação inesperada poderiam por tudo a perder novamente.

Enquanto montasse a carta diretamente no chão, corria o risco de ter que montar tudo novamente.

Ficou parada algum tempo em frente aos pedaços espalhados pelo chão e foi quando teve uma idéia, mas para colocá-la em prática, precisaria de uma sacola plástica e as únicas de que dispunha estavam sobre sua cabeça naquele momento.

Enquanto não podia executar sua idéia, ateu-se ao leque que havia achado no mesmo lugar dos papéis. Não havia qualquer marca que pudesse identificar a dona daquela peça.

Inconformada, saiu do abrigo e foi para debaixo da goiabeira. O céu estava escuro e o mesmo vento que o havia deixado nublado mais cedo, agora havia dispersado as nuvens e as levado para longe. As estrelas brilhavam no céu e em breve a lua nasceria em algum ponto.

—Eu encontrei uma carta. — Falou ela para a Goiabeira.

—Pelo menos parece uma. Está muito difícil juntar todos os pedaços, mas com uma e outra palavra dá pra deduzir que é uma carta.

—Quando eu juntar a carta toda novamente, talvez eu tenha mais alguma pista sobre este lugar.

Depois de dizer isso assumiu uma postura de quem acaba de descobrir que algo está errado.

—Mas agora eu fiquei com uma nova dúvida.

Ela fez questão de olhar para o tronco da Goiabeira antes de concluir.

—Por que alguém escreveria uma carta se não pudesse ser entregue? Será que temos como enviar cartas daqui?

Quando percebeu o brilho da lua que já havia despontado foi saindo de debaixo da Goiabeira.

—Vou ter que descobrir isso mais tarde, é melhor eu ir ao encontro da Astrônoma e do Pescador, eles já devem estar chegando ao nosso ponto de encontro.

—Até depois do eclipse. — Carol se despediu.

Ela sabia exatamente quanto tempo iria gastar para chegar até a mesa quadrada, e no tempo previsto chegou ao local do encontro.

Diferente do esperado, a mesa estava completamente limpa, como se tivesse sido usada há pouco tempo. Olhou ao redor esperando encontrar a Astrônoma ou o Pescador, mas nenhum deles respondeu aos seus chamados.

Então se sentou em uma das cadeiras para aguardar a chegada deles. A noite estava bem fria e Carol esperava que eles chegassem logo, mas o tempo foi passando e nem sinal de qualquer um deles. Ela se levantou e deu algumas voltas para tentar se aquecer um pouco.

A lua já estava alta no céu e Carol até pensava em ir embora quando ouviu um barulho vindo do lado da entrada do atalho por onde viera. A claridade da lua permitia ver o vulto de apenas uma pessoa. Estava esperando um casal e não alguém vindo sozinho. Ficou preocupada com quem poderia estar naquele lugar, àquela hora.

—Quem está aí? — Gritou.

O vulto continuou andando na direção dela sem responder.

—Quem é? — Perguntou mais uma vez.

—Sou eu, Carol. — A voz feminina era conhecida. A Astrônoma havia chegado.

—Que bom que você chegou. Eu estava congelando aqui. — Falou Carol.

—Desculpe a demora.

—Por que você veio sozinha? Onde está o Pescador?

—Ele deve chegar a qualquer momento, foi pegar umas folhas para fazer um chá.

—Ele está passando mal?

—Não. É para uma colega nossa.

—Espero que chegue logo. Nós vamos esperar por ele aqui?



—Na verdade, ele disse que podíamos ver o eclipse sem ele, mas que iria se esforçar para chegar a tempo.

—E pra onde nós vamos? Não dá pra assistir daqui?

—Claro que podemos, mas nós vamos para um lugar mais alto para apreciarmos melhor o espetáculo.

—Vamos? — Chamou a Astrônoma.

—Estou logo atrás de você. — Respondeu Carol.

A Astrônoma percebeu que Carol estava com frio e a abraçou enquanto andavam.

O lugar não era muito longe dali, mas era realmente bem melhor para ver a lua, uma pequena elevação permitia ver o céu sem as árvores para atrapalhar.

—Viu, aqui é o lugar ideal para ficarmos. — A Astrônoma encerrou o silêncio.

—Eu gostei daqui. Pena que não tenhamos uma fogueira.

—O Anjo não deixa que nós mexamos com fogo, mas como você contou um segredo ontem, eu também vou te contar um.

Carol se aproximou para ouvir a Astrônoma falar mais baixo.

—O Pescador tem como fazer fogo.

—Tem? Como? — Carol perguntou curiosa.

—Com uma lupa, mas precisa ser de dia. É só concentrar a luz do sol em alguns gravetos ou folhas de papel e soprar devagar, com jeito o fogo acaba aparecendo.

—Que legal! — Carol exclamou deslumbrada.

—Mas para termos uma fogueira agora, ela deveria estar acesa desde cedo, e isso, o Anjo veria com certeza.

—E como o Pescador esconde essa lupa do Anjo?

—Ele tem seus meios. — Sorriu enigmática a Astrônoma.

As duas se ajeitaram para olhar o céu e, enquanto o eclipse não começava, ficaram conversando.

—Eu gosto muito de estrelas. — Começou Carol.

—Elas tornam todos iguais, afinal, todos vêem o mesmo céu.

A Astrônoma mudou de posição para olhar diretamente para Carol e disse:

—Sinto desapontá-la, mas o céu que você vê aqui é diferente, por exemplo, daquele que é visto no hemisfério norte.

—Por quê? — Quis saber Carol.

—Devido ao tamanho da terra e sua inclinação, mas isso você vai ver nas aulas de ciência.

Carol abaixou a cabeça, insatisfeita.

—Sim, se eu sair daqui algum dia.

—Ora, não fique aborrecida.

—Não estou aborrecida, mas é que... deixa pra lá.

—Quais planetas e estrelas você conhece? Você sabe o nome de todas as que você vê no céu?

—Não. É impossível saber o nome de todas, são milhares, milhões, talvez até bilhões.

—Tantas assim? Outro dia contei apenas cento e dezessete.

—Você passou longe. Eu sei o nome de algumas e posso mostrá-las. Olhe para o céu.

A Astrônoma deitou no chão e Carol fez o mesmo.

—Vamos começar com as mais fáceis do céu. Consegue ver o Cruzeiro do Sul?

A Astrônoma apontou para o conjunto de cinco estrelas no céu.

—Vê aquelas quatro estrelas mais brilhantes e uma mais fraca perto do meio? Pois é. Fazem parte da Constelação do Cruzeiro do Sul.

—Constelação?

—Sim. Antigamente as estrelas que ficavam próximas umas das outras e formavam algum desenho eram agrupadas em constelações que indicavam o nome da figura que elas formavam. As estrelas que eu te mostrei não parecem mesmo uma cruz?

—Sim, parecem.

—É assim que funciona, mas temos outros exemplos.

Apontou para outra posição no céu.

—Consegue ver aquele conjunto que parece um ponto de interrogação? Fica nessa direção. Falou apontando a direção com o braço estendido.

—Desculpe. Não consigo ver.

—Não tem problema. Na verdade, nossos olhos precisam de quase uma hora para se adaptar totalmente a escuridão antes de podermos olhar para o céu.

A Astrônoma abaixou o braço e disse:

—A constelação que eu estava te mostrando era a de Escorpião.

—Por que as estrelas se juntam em constelações?

—Não é bem assim. Quem define as constelações somos nós. As estrelas não sabem que fazem parte de alguma constelação. Elas simplesmente existem e brilham, mas quem as torna mais ou menos importantes somos nós.

—E eu posso escolher qual estrela é mais importante para mim, não é mesmo?

—É claro que pode. Você pode até criar suas próprias constelações. Assim como pessoas brincam de dar formas às nuvens, isso também pode ser feito com estrelas.

—A Constelação de Carol. Seria lindo. — Brincou Carol.

—No tempo das navegações tudo que os navegadores tinham para se guiar a noite eram uma bússola e as estrelas. As constelações facilitavam as viagens, já que estavam sempre na mesma posição no céu.

—Você é muito inteligente. — Elogiou Carol.

—Você também por querer aprender mais.

Carol agradeceu o elogio e apontou para o céu.

—E aquela estrela brilhante ali?

—Ah, aquele é um planeta e não uma estrela.

—E como eu poderia saber a diferença só de olhar para ele?

—Algumas vezes não temos como saber o que alguma coisa é de verdade até olharmos bem de perto.

—Eu concordo com você. Isso acontece o tempo todo na nossa vida.

—Há um livro que compara os objetos e eventos celestes com nossa própria vida, muito interessante. Falou a Astrônoma.

—Acho que eu iria gostar de lê-lo.

—Também acho.

Carol se esticou mudando de posição e perguntou:

—O que você acha das estrelas?

—Eu sou apaixonada por estrelas. Durante muito tempo elas foram minha vida.

—Acho que também sou apaixonada por estrelas, eu penso nelas como pequenas brasas iluminando o céu.

A Astrônoma parecia discordar um pouco de Carol.

—Pela distância que elas ficam uma das outras acho que não ficariam muito tempo acesas se fosse brasas. Se nós tivéssemos nossa fogueira eu iria te mostrar.

—Eu acho fogueiras bonitas. Gosto da cor, do calor e do barulho. Fogueiras têm um som que eu não ouço em qualquer outro lugar.

Os olhos de Carol brilhavam ao falar das fogueiras.

—Não importa o tamanho da fogueira, ela é feita de um monte de brasas e cada uma sozinha é importante para a fogueira ficar acesa, mesmo que seja bem pequena. Se as brasas começassem a apagar, em pouco tempo também não haveria a fogueira. Acho que uma fogueira é um bom símbolo para a união.

Agora a Astrônoma concordava com Carol.

—Com o céu é a mesma coisa, cada estrela, cada planeta e cada objeto celeste colabora para tenhamos uma visão magnífica quando olhamos para cima.

Pelo olhar da Astrônoma era possível perceber o quanto ela era realmente apaixonada pelas estrelas.

—E não é só isso. As pessoas podem achar que uma ou outra estrela não faz muita diferença, mas não é verdade, faz toda diferença, como as brasas da fogueira.

—Mas nenhuma brasa é mais importante do que a fogueira, e nenhuma estrela é mais importante do que o céu todo. — Concluiu Carol.

—Isso mesmo. — Confirmou a Astrônoma.

A lua começava a entrar no período de penumbra que antecede o eclipse e dali em diante a sombra do sol iria encobri-la aos poucos, até que tudo ficasse escuro.

Carol, admirada, olhava o fenômeno até então inédito para ela. Um pouco antes de o eclipse atingir o seu ponto máximo ouviram uma voz chamar ao longe.

—Carol, Astrônoma, onde vocês estão?

A voz do Pescador vinha da direção da mesa quadrada.

—Estamos aqui, venha para cá. — Responderam.

Logo depois o Pescador chegou onde estavam.

—Que bom que cheguei a tempo.

—Você perdeu quase tudo, mas que bom que veio.

—Eu quase não vim, preciso levar um remédio para uma colega nossa.

—A Astrônoma comentou, mas já que está aqui fique até o fim do eclipse.

—Está bem, mas vou precisar ir embora logo depois.

O Pescador tirou a bolsa que levava pendurada e se juntou a elas deitando no chão.

No silêncio que se seguiu era quase possível ouvir o coração de Carol batendo. Os três ficaram quietos durante o tempo que durou o eclipse, até que Carol quebrou o silêncio.

—Eclipses são lindos! — Exclamou com um suspiro.

—Que bom que você gostou.

—Quem não gostaria de um espetáculo lindo desses.

A Astrônoma e o Pescador se levantaram e ele estendeu a mão para levantar Carol.

—Acho que está na hora de irmos embora. — Falou a Astrônoma.

—Mas eu ainda nem tive tempo de conversar com o Pescador.

— Carol protestou.

—Nós poderemos conversar amanhã o dia todo. Agora já é tarde, eu estou cansado e ainda preciso levar um remédio para uma colega, lembra?

—Eu também estou cansada. — Completou a Astrônoma.

—Puxa vida! — Carol falou contrariada.

—Não fique chateada, amanhã logo depois do café nos veremos novamente e então eu e a Astrônoma podemos levar você para passear.

—Então está bem, eu espero vocês depois do café. — Aceitou satisfeita.

—Podemos ir embora agora?

—Agora sim. — Respondeu com um sorriso.

Eles passaram pela mesa e quando chegaram novamente ao caminho que levava para o abrigo de Carol, o Pescador disse:

—Infelizmente não posso ir com você até seu abrigo, tenho que levar umas folhas de remédio para uma colega fazer um chá e ela mora do outro lado.

—Você ainda lembra o lugar onde a Bailarina mora? — Perguntou a Astrônoma.

—Mais ou menos, espero encontrá-lo logo.

—Eu posso te levar lá, afinal, estive com ela hoje.

Carol olhou para eles e disse:

—Mas eu nunca andei por aqui assim tão tarde.

O Pescador passou a mão pela cabeça dela e falou:

—Não há o que temer, o lobo mau não fica nessa floresta.

—Engraçadinho.

—Nós vamos ficar olhando enquanto você percorre pelo menos uma parte do caminho.

A Astrônoma se despediu com um beijo no rosto de Carol.

—Vá com cuidado! — Alertaram eles.

—Acho melhor ir correndo. — Replicou ela.

Carol virou de costas e começou a correr.

—Até amanhã! — Gritaram eles.

—Até.

O Pescador e a Astrônoma rapidamente ficaram para trás.

Carol correu o suficiente para poder ver seu abrigo, a partir daí reduziu o passo e continuou o caminho andando.

Era ótimo, depois de uma noite tão agradável, voltar para casa e descansar. No dia seguinte estaria novamente com seus amigos.

Ao se aproximar da Goiabeira notou alguma coisa estranha, muitas folhas e galhos dela haviam sido retirados, várias goiabas estavam espalhadas pelo chão. O vento havia sido forte o dia todo, mas não o suficiente para fazer aquilo.

Pegou algumas goiabas do chão e juntou também os galhos caídos.

—O que fizeram com você? — Perguntou sem acreditar.

Ainda tentou levantar alguns galhos partidos, mas eles não ficavam no lugar.

—Amanhã vou tentar descobrir quem fez isso com você, agora estou muito cansada.

Caminhou até a entrada do seu abrigo e quando olhou para dentro também não acreditou no que viu. Algumas sacolas do telhado haviam sido arrancadas, as paredes foram mexidas e várias folhas estavam espalhadas pelo chão.

Foi até a sacola que servia como seu travesseiro, algumas folhas ainda estavam lá dentro, mas o seu mapa do tesouro havia sido levado embora.

## Dia 12

Era como um daqueles pesadelos dos quais não se consegue acordar. Seu abrigo revirado, seu mapa roubado. Carol ainda pensou em correr de volta até o Pescador e pedir ajuda, mas sabia que não conseguiria encontrá-lo àquela hora. Mesmo que tivessem vindo juntos isso também não adiantaria, o estrago já estava feito.

Passou o resto da noite acordada, em estado de choque. Seu castelo de cartas acabara de desmoronar. O seu passaporte para longe daquele lugar havia sido levado.

O silêncio da noite era cortado somente pelo barulho de aves noturnas. Pouco a pouco a luz do sol foi preenchendo o abrigo e ela pôde ver melhor a bagunça.

Sem aceitar o que havia acontecido, passara a noite toda de joelhos olhando para o seu travesseiro agora sem o mapa, pensando que até a noite anterior não se afastara dele nem um minuto.

Pela manhã, depois de já ter repetido a frase tantas vezes durante a noite, exclamou em voz alta:

—Por que alguém iria fazer isso comigo?

Balançou a cabeça para os lados vagarosamente antes de dizer:

—Quem faria uma coisa dessas comigo? — Repetia tristemente.

—Eu vi quem foi. — Falou uma voz grave.

A voz vinda da entrada do abrigo a assustou e imediatamente saiu do seu torpor. Infelizmente a pessoa a sua frente não parecia muito digna de confiança.

O homem baixinho, com pouco cabelo, usando uma bermuda com as pernas de tamanhos diferentes evidentemente não enxergava.

—Mas você é cego! Como poderia ter visto alguma coisa? — Carol exclamou sem esperança.

—Ora, eu sou cego de apenas um olho, o outro funciona melhor que os seus dois olhos juntos.

Olhando bem, realmente apenas um dos olhos parecia ter sofrido algum tipo de acidente.



—Então será que você pode me dizer quem esteve aqui e fez tudo isso?

O homem estalou a língua no céu da boca e disse:

—Claro. Foi o Papai Noel.

Carol colocou a mão na testa e olhou para o homem, incrédula.

—Papai Noel? — Perguntou com uma dose de sarcasmo na voz.

—Sim. Estava escuro, eu estava longe, mas deu para enxergar bem.

—Papai Noel? — Perguntou ela novamente.

—Foi o que eu disse. Um homem gordo, com barba comprida, usando botas até o joelho, um gorro e carregando um saco.

—Espere aí. Não pode ser ele.

—Por quê? Você conhece o Papai Noel?

—Não, era outra pessoa.

—Bem, o saco não era tão grande assim e a roupa nem era vermelha, talvez eu tenha me enganado.

—Espero que eu esteja errada. — Devaneou Carol, enfatizando o "eu".

—O que você vai fazer agora?

—Vamos esperar, um amigo me disse que viria aqui depois do café. Espero que ele venha para podermos esclarecer isso.

—Se você quer tomar o seu café é melhor se apressar, já deve estar frio.

Ela estava tão abalada que nem havia percebido o café do lado de fora do abrigo. Sentou no chão e o Cego-de-um-olho-só sentou ao seu lado.

—Você não vai tomar café? — Perguntou Carol.

—Já tomei o meu. Obrigado.

—O meu amigo, quer dizer, nem sei se ele é mesmo meu amigo, disse que viria aqui depois do café para passearmos, mas pelo visto, parece que foi ele quem veio aqui ontem, fez essa bagunça toda e ainda levou uma coisa que me pertencia.

—E por que você acha que foi ele?

—Ontem à noite, na hora do eclipse esse meu amigo devia estar comigo, mas disse que estava pegando folhas para fazer remédio para outra amiga dele, a Bailarina.

—A Bailarina voltou a dar aulas aqui?

—Você a conhece?

—Claro, ela vinha aqui sempre, mas foi embora há muito tempo, não pensei que voltaria algum dia.

Carol parou por alguns instantes pensando no que o Cego-de-um-olho-só havia dito e depois exclamou.

—É claro que não voltou, eles criaram essa história só para não virem para casa comigo.

—Eles? Você não disse que era um amigo, agora são dois?

—O Pescador estava com uma amiga dele.

—O Pescador? Eu conheço. É um cara legal, mas adora inventar histórias. Uma vez ele disse que pescou um peixe que havia engolido um homem e o homem ainda saiu vivo da barriga do peixe.

—Ele me disse tantas coisas e agora não sei o que era verdade ou não. Ele disse que eu seria a última a ser ajudada pelo Anjo e quando eu fosse embora o Anjo iria também.

—Por que ele diria uma coisa dessas? Todo mundo sabe que é mentira.

—Mentira? E qual é a verdade então?

—A gente ouve os auxiliares do Anjo falando algumas coisas.

—Eles tem auxiliares, assim como sub-anjos?

—Sim, mas isso não vem ao caso agora. O que a gente ouve por aí, e isso eu posso afirmar com certeza porque também ouvi, é que você é uma experiência pessoal do Anjo.

—Foi ele que me trouxe para cá? — Ela perguntou intrigada.

—Não, mas assim que soube da sua presença aqui ele veio também.

—Que tipo de experiência é essa?

—Não sei dizer, mas quase todos aqui têm inveja de você por isso e alguns têm até medo.

—Será que só vou embora quando a experiência acabar?

—Quem sabe, parece que se essa experiência der certo ele vai se dar muito bem.

—E todos os outros? Também fazem parte de alguma experiência.

—Não. Há uma palavra para os outros.

O homem tentava lembrar a palavra enquanto Carol apenas olhava para ele.

—Aptos. Isso mesmo. Eles não estão aptos. Foi o que ouvi eles falarem.

—Além de enxergar pela metade você também fala as coisas pela metade.

—Não tenho culpa se eles não falam as coisas direito.

—Tudo bem. De qualquer forma vou esperar um tempo pelo Pescador, isso tudo pode ser apenas um mal entendido.

—Eu posso ficar aqui com você?

—Mas é claro que vai ficar. Você não vai a lugar algum. Se o Pescador chegar você tem que confirmar se era ele ou não que você viu ontem.

—E que vamos fazer enquanto esperamos?

—Eu vou precisar de um favor seu.

—Um favor?

—Sim. Preciso que você vá até o lago e pegue água para mim.

—O lago fica muito longe. — Reclamou o homem.

—O que eu ganho por ajudar você?

—Ganhar? Eu não tenho nada? Como poderia te dar alguma coisa?

—Então nada feito.

—Deixe-me pensar.

Ela ficou em silêncio por um tempo imaginando o que poderia oferecer ao homem, por fim disse:

—Eu tenho uma coisa que pode te interessar, se você me ajudar a encontrar o Pescador.

—E o que seria?

Carol chegou perto do ouvido do homem e falou algo em voz baixa.

O homem olhou para ela meio incrédulo e perguntou:

—De verdade?

—Sim. Claro. — Ela respondeu.

—E eu posso ver agora?

—Não. Só depois que você me ajudar.

—Tudo bem. Eu te ajudo durante esse dia, mas no final do dia você já sabe, vai ter que cumprir o que prometeu.

—Com certeza.

Carol ficou olhando para ele, esperando alguma ação.

—Estou esperando a água. Leve uma dessas sacolas para trazê-la.

—Você precisa de tanta água assim?

—Não, mas como você iria trazê-la?

—Eu podia usar o copo em que você tomou café.

Carol olhou com um ar de espanto. Ela nem pensara em usar o copo.

—Como quiser, mas volte logo.

O Cego-de-um-olho-só pegou o copo e foi embora para o lago enquanto ela sentou e ficou a esperar pelo Pescador. Por dentro tinha quase certeza de que ele não iria aparecer, mas precisava ficar ali para confirmar.

A água ainda iria demorar quase uma hora para chegar, se ele fosse rápido e não parasse para tomar um banho, aliás, ele estava precisando de um.

Carol foi até o abrigo e pegou uma das sacolas que havia restado no seu telhado, uma toda transparente, feita com um plástico um pouco mais firme que as outras. Aquela sacola e a água iriam ajudá-la a montar o quebra-cabeça que estava dentro do seu bolso.

O tempo passava e nem sinal do Pescador ou do Cego-de-um-olho-só. Ela aguardava impaciente a chegada de qualquer um deles. Nuvens escuras preenchiam o céu desde cedo, mas a chuva parecia aguardar a chegada da noite. Se chovesse mesmo, teria problemas com seu abrigo sem as sacolas.

O homem finalmente chegou com a água.

—O que você vai fazer com essa água?

—Você já vai ver.

Ela entrou novamente no abrigo. O Cego-de-um-olho-só também entrou e ficaram ambos agachados lá dentro.

Carol pegou a sacola plástica, agora dividida em duas metades, colocou uma das metades no chão, pegou todos os pedaços de

papel os colocou na beira do copo de água, depois começou a molhar os papéis um por um, colocando-os sobre a sacola plástica estendida no chão. Os papéis grudavam como figurinhas autocolantes em um álbum.

—Então era para isso?

—Sim. Dessa forma os papéis não voam e eu ainda consigo ver o que está escrito do outro lado.

—Se você tivesse falado eu teria trazido cola.

Carol lançou um olhar fulminante para ele e perguntou:

—E onde você iria conseguir cola?

—Sobrou um pouco da última aula da Professora.

—Saia daqui agora! — Falou irritada.

—É para eu ir embora?

—Não. É claro que não. Espera lá fora.

Ela ficou sozinha e, pacientemente, começou a montar a carta. A água estava funcionando bem e diversas frases começavam a fazer sentido. O texto era, na verdade, um convite para o baile a fantasia que iria acontecer dentro de alguns dias.

Os pedaços foram colocados cada um no seu lugar, apenas alguns furos ficaram no papel, mas não impediam entender o conteúdo da carta.

Pelo texto, o leque fora um presente e a pessoa que o havia dado estava sendo convidada para vir ao baile. Infelizmente o nome de quem havia escrito a carta estava em uma das partes que estava faltando.

Carol saiu do seu abrigo e falou para o Cego-de-um-olho-só:

—Consegui.

—Que ótimo. O que estava escrito? — Quis saber ele ansioso.

—Não te interessa, mas tem várias coisas interessantes aqui.

—O que fazemos agora?

—Você sabe onde fica o Jardim Suspenso?

—Sei. Por que você quer ir até lá?

—Como o Pescador não veio até mim, eu vou até ele.

—E você sabe onde ele mora?

—Não, mas fica na direção do Jardim Suspenso.

—Não se é uma boa idéia. Parece que vai chover a qualquer momento.

—E daí? Você é feito de açúcar?

—Não. Se você quiser ir assim mesmo, então me siga.

—Estou logo atrás de você.

Nas últimas vezes em que Carol havia passado por aquele caminho sempre voltara para o ponto inicial, mas dessa vez pôde perceber que havia uma trilha pela qual não havia passado antes. Se não fosse tão desatenciosa já teria conhecido muito mais lugares andando por ali.

A trilha era paralela à estrada e por onde eles estavam passando seria possível ver uma pessoa andando pelo caminho que Carol sempre fazia.

Só muito mais à frente os caminhos se separavam de verdade.

—Vamos parar! — Exclamou Carol.

—Mas falta tão pouco. — Replicou o Cego-de-um-olho-só.

—Tem certeza?

—O Jardim fica logo depois daquelas árvores. — Apontou para um conjunto de árvores altas que estavam no caminho.

—Ainda assim vamos parar, estou muito cansada hoje, acho que por que não dormi nada à noite.

Eles pararam por ali mesmo durante um bom tempo. — Carol cochilava mesmo tentando ficar acordada.

Ela se levantou e disse:

—É melhor irmos agora ou vou dormir o resto da tarde aqui mesmo.

—Como eu havia falado, falta bem pouco mesmo.

Eles passaram pelas árvores e chegaram rapidamente a um descampado no meio da mata.

—Chegamos! É aqui. — O Cego-de-um-olho-só sentou-se, agora sim, aliviado.

Carol olhava ao redor sem entender que lugar era aquele. Não havia qualquer flor ou planta para que o lugar pudesse ser considerado um jardim. Com exceção de um ou outro mato parecia que nada crescia naquele lugar.

—Mas aqui? Não vejo nada que lembre um jardim.

—Claro que não! É um jardim suspenso, lembra?

Ela olhou para o alto a procura do jardim, mas sem sucesso.

—Isso é alguma brincadeira sua? Por que se for eu não vou cumprir minha parte do combinado.

—Claro que não é brincadeira. O Anjo suspendeu o plantio e o cuidado de todas as plantas e flores desse jardim, por isso hoje só existe mato e nada mais.

—Ah! Esse “suspenso” você quis dizer. Eu havia imaginado outra coisa. — Comentou frustrada.

—Entendi. Você pensou que fosse um jardim pendurado? As pessoas podem mesmo confundir. Mas a Professora diria que é só uma questão de semântica.

—Será que só eu faltei a essa aula de semântica?

O Cego-de-um-olho-só ignorou o comentário.

—O que fazemos agora?

—Procuramos o abrigo do Pescador, não deve ser longe.

Os dois se separaram e começaram a andar pelo lugar à procura de algum abrigo ali por perto, mas se ele existia estava muito bem escondido.

—Talvez não seja aqui! — Gritou Carol depois de um tempo de buscas.

—Também não vi nada que parecesse um abrigo.

A chuva anunciada desde cedo finalmente chegou.

—Ali embaixo. — Apontou Carol um lugar no meio das árvores para eles se abrigarem.

—Acho melhor voltarmos, Carol. Já está escurecendo.

—Não. Vamos esperar a chuva passar.

—Por quê? Você é feita de açúcar?

—Já vim até aqui, não vou andar tudo novamente.

Os dois discutiam no meio do jardim enquanto a chuva os molhava.

—Então você vai ficar sozinha!

—Mas se eu não encontrar o abrigo?

—Problema seu, já fiz minha parte, agora quero o que você me prometeu.

—Aqui?

—É.

Os dois já estavam bastante molhados e Carol com o vestido colado ao corpo.

—Anda logo. — Ordenou o Cego-de-um-olho-só.

Carol desamarrou um pedaço de pano que passava pelo seu pescoço.

Quando o Cego-de-um-olho-só finalmente viu o seu prêmio, exclamou:

—É lindo!

—Como eu disse, é o tapa-olho que o Pirata usava quando ainda estava aqui.

—Eu sei, eu sempre quis ter aquele tapa-olho, vai ficar muito melhor em mim.

Ele se apressou em pegar o tapa-olho da mão de Carol que havia passado a andar com o tapa-olho amarrado ao pescoço como se fosse um cordão desde que o Pirata fora embora.

—Satisfeito agora?

—Com certeza. — Ele respondeu já exibindo o tapa-olho cobrindo seu olho cego.

—Obrigada. Sua ajuda foi muito importante.

O Cego-de-um-olho-só virou as costas e foi correndo sem dizer mais nada. Ela correu na direção contrária para se abrigar contra a chuva.

O espaço era bem pequeno e Carol se acomodou como pôde. As gotas de chuva eram hipnóticas.

Em pouco tempo ela estava dormindo.



## Dia 13

Quando Carol acordou ainda era cedo, a noite anterior sem dormir e o cansaço da procura no dia anterior precisariam de um bom descanso depois para serem recuperados.

O dia ensolarado em nada lembrava aquele final de tarde chuvoso. Estava novamente sozinha e precisava encontrar o Pescador o quanto antes. Partiu em busca do abrigo dele passando no meio do Jardim Suspenso e seguindo adiante. Para mais longe do que já havia andado até então.

Enquanto andava parecia ouvir uma música sendo tocada em algum lugar, ainda bem longe dali. Foi andando em busca da origem do som que cada vez parecia ficar mais próximo.

Mas antes de encontrar a fonte da música se deparou com uma mulher franzina, sentada a beira do caminho, de olhos fechados, com um prato de biscoitos no colo. Carol se aproximou dela e disse:

—A senhora está ouvindo?

A mulher colocou o dedo sobre os lábios pedindo silêncio.

Carol ficou parada até que a música terminasse, só então a mulher abriu os olhos e disse:

—Perfume de terra molhada.

—Desculpe, não entendi. — Carol falou.

A mulher tossiu um pouco antes de responder.

—Essa música. Tem cheiro de terra molhada.

—Como assim? Como uma música pode ter algum cheiro?

—Claro que tem. Cheiro e cor.

A mulher respirou fundo enquanto outra música começava.

—Sente-se aqui. — A mulher convidou.

Carol sentou-se ao lado da mulher que logo perguntou:

—Você já ouviu essa música antes?

Carol confirmou apenas balançando a cabeça.

—Então feche os olhos e tente sentir o cheiro dela.

A mulher fechou os olhos e Carol não teve escolha a não ser acompanhá-la e esperar que a música terminasse, mas enquanto ouvia a música uma sensação estranha percorreu sua mente. Ela

teve a sensação de realmente sentir um cheiro, como comida sendo preparada em um fogão a lenha. Procurou então respirar mais fundo como se pudesse identificar melhor o cheiro.

Mas a música acabou antes que conseguisse.

As duas abriram os olhos quase ao mesmo tempo, com Carol mais satisfeita que a mulher.

—Acho que consegui, é realmente muito legal.

—Ora, uma música só é boa se ela é capaz de trazer um cheiro, uma cor, enfim, uma sensação além da auditiva.

Um acesso de tosse fez com que a mulher parasse de falar, retomando em seguida.

—A música deve ampliar seus sentidos e não reduzi-los, porque a boa música não é egoísta, não transforma você em um zumbi, mas te inebria, acalma, excita. Tudo ao mesmo tempo.

—Nossa, a senhora é apaixonada por música.

—Foi meu amigo, o Maestro, que me ensinou a gostar tanto assim de música.

—E essas músicas? De onde estão vindo? — Quis saber Carol.

—Do ensaio das músicas do baile, é o Maestro que está conduzindo.

—Puxa, ele gosta de músicas lindas! — Carol exclamou enquanto outra música começava.

—Ele gosta das melhores.

—Mal posso esperar por esse baile. Quando vai acontecer? — Perguntou Carol.

—Daqui a quatro dias. Todos vão estar lá.

Carol pensou por alguns instantes e perguntou:

—Até o Pescador?

—Claro, ele é um dos mais animados. Você também vai, não vai? — Respondeu ela com uma nova pergunta.

—Certamente. Não posso perder esse baile por nada. — Respondeu Carol.

—Talvez lá você possa falar com o Maestro.

—Seria ótimo conversar com alguém com um gosto tão bom para músicas.

—Já vai começar outra! — A mulher exclamou fechando os olhos.

Carol também fechou os olhos procurando alguma sensação a partir daquela música.

Novamente as duas ficaram em silêncio apenas ouvindo a música que tocava. No fim Carol disse:

—Vermelho! É a cor dessa música.

—Bem, para mim pareceu azul, mas é só uma questão de interpretação.

—Como ela pode ser entendida assim tão diferente por duas pessoas?

—A música, assim como as palavras que a compõem são signos, símbolos que significam alguma coisa. Enquanto algumas pessoas podem não saber o significado outras podem ter aprendido significados diferentes de coisas iguais. Quanto mais você estuda, mais significados aprende, logo entende mais coisas e pode se comunicar melhor.

Carol ouvia atentamente, sem nem mesmo piscar, o que a mulher falava.

—O estudo do significado das coisas é chamado semântica, e serve para estudar não só o significado das palavras, mas como eu disse, de qualquer signo. A forma de entender depende muito daquilo com que a pessoa convive e das experiências que teve.

—O Pirata me falou certa vez sobre essa tal semântica.

—É claro, ele aprendeu comigo, um dos meus melhores alunos.

—Então você deve ser a Professora?

—Eu mesma.

—É um prazer conhecê-la. Agora eu também sei um pouco sobre semântica.

A Professora não pôde responder. Outro acesso de tosse, um pouco mais longo que o anterior interrompeu a conversa. Quando passou, Carol perguntou:

—Está tudo bem com a senhora?

—Desculpe a tosse, acho que peguei muita chuva ontem. A música ajuda a controlar um pouco, mas nos intervalos eu sofro um bocado.

Por sorte uma nova música começou, deixando a Professora aliviada.

—Eu amo música, às vezes quando estou nervosa canto alguns trechos para me sentir melhor. — Falou Carol.

—Você poderia cantar alguma para mim? — Pediu a Professora.

—Acho que não, eu canto muito mal e minha voz é muito aguda, acabaria te fazendo mal.

Carol começou a rir e foi acompanhada pela Professora.

Um novo acesso de tosse fez a professora interromper o riso. Carol esperou que o acesso passasse, mas este estava demorando muito. A Professora estava com a mão fechada sobre a boca e não parava de tossir. Seu rosto estava lívido e parecia estar sem ar. Carol ficou realmente preocupada e começou a falar:

—Professora, Professora.

A Professora parecia cada vez pior e Carol não sabia o que fazer, resolveu deitá-la em seu colo, tirou o leque que trazia no bolso e começou a abaná-lo com força para ventilar a Professora.

Ela pareceu ficar melhor, com o acesso de tosse cedendo até parar totalmente. A Professora com a respiração irregular olhou para Carol e disse:

—Muito obrigada! Acho que você salvou minha vida, nunca tive um acesso tão forte assim.

—Fiquei preocupada, não sabia o que fazer.

—Mesmo não sabendo você fez o que era certo, mas porque você está com o leque da Astrônoma?

Carol titubeou antes de responder, sentia-se pega fazendo alguma coisa errada.

—Eu o encontrei outro dia. — Respondeu meio sem graça.

—Ela está procurando por esse leque.

—Então a Astrônoma é a aluna da Bailarina?

—Sim, mas como você sabe?

—É uma história meio complicada, prefiro não perder tempo contando agora.

A Professora sorriu e disse:

—Explicações femininas tendem a ser mais demoradas, homens são bem mais simples e diretos.

—Ora, por quê? Eu também posso ser simples e direta. — Falou Carol em um tom irritado.

—Não fique assim. Não disse que era uma vantagem deles. Homens são números, mulheres são palavras. Eles mostram, nós descrevemos. Os homens usam as palavras, nós damos significado a elas. É por isso que eu gosto tanto da semântica, desse estudo de significados. Assim como uma mesma palavra pode ter muitas interpretações, uma mulher pode ter várias faces.

—Eu também posso ter mais de uma face?

—Certamente, mas devemos mostrar apenas uma de cada vez. Homens não conseguem processar mais de uma coisa ao mesmo tempo.

Carol riu da afirmação da Professora.

—Mas voltando ao assunto anterior.

A Professora assumiu um tom mais sério.

—A Astrônoma está procurando pelo leque, acho que ela precisa dele para o dia do baile.

—Eu sei, senão a Bailarina vai ficar chateada. Foi um presente muito especial, não foi?

—Sim. Quer deixar o leque aqui para que eu o devolva caso a Astrônoma passe aqui? — Perguntou a Professora.

—Prefiro eu mesma fazer isso, tenho outro assunto para resolver com ela.

—Aquele da explicação complicada?

—É. A senhora sabe como eu posso encontrar a Astrônoma?

—Não sei onde ela está agora, da última vez que a vi ela comentou que iria ver a Lua Azul na véspera do baile.

—Isso é só daqui a três dias.

—Você está com pressa? Talvez consiga encontrá-la na mesa redonda, ela vai lá de vez em quando escrever cartas. Se você tiver sorte pode vê-la por lá. Você sabe onde fica?

—Sei sim. Obrigada pela dica, vou fazer isso mesmo, fico esperando por ela durante esses dias, afinal, não tenho nada melhor para fazer mesmo.

—Você ainda precisa falar com a Costureira, ela vai ajustar seu vestido para o baile.

—É mesmo preciso? — Carol perguntou desanimada.

—Claro que é. Ela vai deixar seu vestido lindo!

—Onde a Costureira fica? — Falou meio sem interesse.

—Se me lembro bem, logo após o lago passando por umas trilhas.

Carol interrompeu a Professora antes que ela terminasse a frase.

—Talvez eu procure por ela, mais uma vez obrigada por tudo.

—Espero por você no baile.

As duas se despediram com beijos no rosto e Carol começou a voltar pelo caminho de onde viera, seria mais fácil para chegar à mesa redonda e esperar pela Astrônoma

Parecia que a conversa com a Professora havia durado muito tempo, mas Carol chegou ao seu abrigo ainda na hora do almoço. Um prato de comida bem quente a esperava. Comeu rápido, com pressa para tentar encontrar a Astrônoma, se conseguisse encontrá-la conseguiria chegar até o Pescador também.

Antes de prosseguir, porém, entrou no seu abrigo, e deitou-se para descansar um pouco das últimas noites mal dormidas. Levantou revigorada e pronta para ir em busca da Astrônoma. Saiu do abrigo e ainda parou para conversar com a Goiabeira que não via desde o dia anterior.

—Saí tão abalada ontem que nem conversei com você, desculpe.

Ela se aproximou abraçou a amiga, envolvendo seus braços no caule dela e sussurrou como se pudesse ser ouvida.

—Vou tentar encontrar a Astrônoma e se tudo der certo em breve terei meu mapa de volta. Torça por mim.

Ela se soltou da Goiabeira e começou a andar em direção ao lugar onde achara o leque e os pedaços da carta, se a Astrônoma aparecesse por lá não haveria como não vê-la.

Se passasse por ali mais algumas vezes poderia fazer o caminho até de olhos fechados.

Quando chegou, o local estava cheio de folhas como era de se esperar, certamente ninguém estivera por ali nas últimas horas, o que não impediria que alguém aparecesse a qualquer momento.

Esperava encontrar a Astrônoma, mas talvez o próprio Pescador fosse até lá, afinal, ele e a Astrônoma eram muito amigos. Mas ficar sentada ali não era uma boa idéia, qualquer um dos dois que a visse não iria se aproximar. Foi então andando para mais além para se esconder em um lugar de onde pudesse vigiar o local.

Havia um arbusto florido alguns metros mais a frente e Carol se escondeu atrás dele. Agora bastaria esperar.

Ela mudava de posição a toda hora, esticando as pernas que vez por outra ficavam dormentes. O tempo passava e a esperança de encontrar a Astrônoma ou o Pescador naquele dia era cada vez menor.

Depois de muito tempo um som a surpreendeu, não era o barulho de alguém chegando, parecia vir de longe, uma voz chamando o seu nome. Passou a se concentrar naquele som. Às vezes parecia estar mais perto e outras mais longe, como se alguém a estivesse procurando e chamasse seu nome em pontos diferentes.

Olhava a mesa e prestava atenção à voz, mas já não conseguia prestar atenção nas duas coisas, a voz vinda de longe parecia conhecida e isso incitava Carol a deixar seu posto de observação.

Estava indecisa sobre continuar ali e esperar pela Astrônoma ou ir ao encontro da voz que a chamava. Se continuasse ali talvez a pessoa que a estivesse procurando nunca a encontrasse, mas se fosse ainda havia a possibilidade de encontrar a Astrônoma na véspera do baile e no pior caso, no dia do baile.

Resolveu sair de onde estava. Começou andando de costas lentamente sem perder de vista a mesa, depois se virou devagar, virando as costas e sabendo que também poderia estar perdendo a chance de reaver seu mapa ainda naquele dia.

A voz chamando seu nome parecia estar se afastando e isso fez com que ela se apressasse.

O caminho era estreito, apenas em alguns pontos ficava um pouco mais largo. Pela direção que estava tomando, imaginou se aquele caminho não a levaria até o lago.

O caminho reduziu para uma trilha e mais a frente sumiu completamente, restando apenas árvores. Sua única pista era a voz que continuava chamando por ela em intervalos regulares.

A voz parecia se afastar mais rápido do que conseguia acompanhar, se não acelerasse os passos seria impossível alcançá-la, pensou, mas não precisou se apressar. Pouco depois a voz foi ficando cada vez mais baixa até sumir de uma vez.

Um sentimento de desespero se abateu sobre ela. Não havia ficado para esperar a Astrônoma e agora também havia perdido o contato com a voz que a chamava. Olhando para trás em meio às árvores já não sabia por onde havia passado para chegar ali.

As árvores pareciam todas iguais e naquele momento não adiantaria tentar voltar nem seguir adiante sem a voz para guiá-la. Quanto mais pensava sobre isso mais perdida se sentia.

Resolveu sentar onde estava e esperar um tempo, não havia nada que indicasse uma direção para ela tomar. Aguardou pacientemente, mas a noite se aproximava e a temperatura parecia baixar a cada minuto.

Dormir naquele lugar estava fora de questão, então Carol se levantou e começou a andar a esmo entre as árvores, tentando reencontrar ao menos a trilha por onde havia passado para chegar ali, mas pelo tipo de plantas e árvores que estava encontrando, sua idéia não estava adiantando muito.

Já estava perdendo a esperança de encontrar a trilha quando voltou a ouvir a voz bem ao longe, na direção contrária a que estava andando naquele momento. Imediatamente começou a voltar, andava o mais rápido possível.

—Eu estou aqui! — Gritou enquanto continuava a andar em direção a voz.

A voz não voltou a chamá-la. Carol não se abalou, sabia que a qualquer momento iria encontrar quem a estava chamando.

—Eu estou aqui, me chame de novo. — Gritou com força.

Atendendo ao seu pedido a voz voltou chamá-la.

—Carol, Carol!

Para o espanto de Carol a voz não vinha do lugar para onde havia andado, mas da direção de onde havia vindo naquele momento. Havia corrido para o lugar errado ou será que havia mais de uma pessoa a procurando.



Parou e fechou os olhos para se concentrar na origem da voz quando a chamasse de novo. Quando ouviu a voz novamente não teve dúvidas, a voz vinha mesmo da outra direção. Dessa vez resolveu correr de volta.

Durante a corrida sentia apenas a grossa camada de folhas que recobria o chão, até que, de repente, não sentiu mais nada, o chão sob os seus pés sumiu. Durante uma fração de segundo pareceu flutuar no espaço para logo em seguida sentir a dor do impacto do seu corpo batendo no fundo de um buraco.

Com as pernas doendo, levantou-se e bateu em volta do buraco. As paredes eram lisas, mas altas demais para que conseguisse sair dali sozinha.

Olhou para cima e finalmente viu quem a estivera chamando todo o tempo.

## Dia 14

O papagaio que Carol havia ganhado do pirata passou a noite toda olhando para ela do alto do poço e repetindo seu nome aos quatro ventos.

—Carol, Carol, Carol! — Repetia ele o tempo todo em intervalos regulares.

Algumas vezes voava para alguns galhos mais distantes, mas depois voltava novamente para o poço onde Carol estava caída. Ela conseguiu cochilar apenas em alguns instantes daquela noite que parecia não terminar nunca. Se tivesse imaginado que era o papagaio que a estava chamando, certamente não teria saído do lugar onde estava à espera da Astrônoma.

Agora restava imaginar uma forma de sair daquele buraco. Ela estava, literalmente, no fundo do poço. Felizmente, com exceção de várias pequenas pedras, ele estava vazio. O fundo estava bem fofo como se uma parte da terra das paredes tivesse cedido há pouco tempo e revestido a base do poço.

Seu braço esquerdo doía muito, não parecia estar quebrado ou deslocado, apenas muito arranhado. As pernas também doíam devido ao impacto da queda.

Os gritos do papagaio incomodavam mais que os arranhões, Carol pegava as pequenas pedras no fundo do poço e atirava nele que voava para longe por alguns instantes e retornava em seguida.

Ela pulava o mais alto que conseguia para tentar chegar à beira do poço que não era tão fundo, apenas umas duas vezes a altura dela, mesmo assim seria impossível sair dali sem ajuda. Depois de andar no meio da mata sem encontrar qualquer pessoa suas chances de sair dali pareciam bem remotas.

Exausta, sentou-se no fundo do poço com as pernas dobradas e abaixou a cabeça. Não sabia mais o que fazer, aquele buraco úmido estava vencendo sua capacidade de raciocínio. Ela murmurava:

—O que eu fiz de errado? Por que estou padecendo nesse lugar, no meio do nada, entre tantos estranhos. Tudo que eu tenho

me é tirado tão facilmente, mesmo depois de todo o esforço que tenho feito.

O papagaio parado na beira do poço parecia escarnecer dela presa dentro de uma gaiola de terra enquanto ele estava solto. Havia uma ironia profunda naquela cena da qual não gostava nem um pouco. A culpa era certamente daquele pássaro idiota. Ela o amaldiçoou como pôde.

—Pássaro maldito, saia daqui. — Gritou com toda força.

O papagaio não se abalou, limitando-se a voar para o outro lado da borda do poço e continuar a olhá-la.

Aquele olhar parecia uma afronta para Carol, que continuava a xingá-lo.

—Pássaro maldito, suma daqui. Eu só caí nesse buraco por sua causa.

Saltava como se pudesse atingir um ponto mais alto e sair daquele poço, mas sempre sem sucesso. Depois tentou escalar fazendo pequenos buracos e encaixando as mãos e os pés na parede, até obteve algum sucesso, mas uma coluna de terra cedeu e caiu sobre ela no fundo do poço.

Tossiu forte depois de respirar bastante poeira, a parede parecia prestes a cair sobre ela e soterrá-la.

Com suas esperanças diminuídas, sentou-se novamente e nesse momento o papagaio voou para dentro do buraco parando no ombro dela. Rapidamente segurou o pássaro, pronta para apertar-lhe o pescoço, mas parou quando ouviu o que o ele dizia:

—Pássaro maldito, pássaro maldito. — Repetia ele com sua voz aguda.

Como podia ser tão burra, pensou. Respirou fundo lembrando um ensinamento antigo. Quem planta sementes de coisas boas colhe coisas boas. Quem planta sementes de coisas ruins só pode colher coisas ruins também.

Havia plantado uma maldição e isso era tudo que conseguia colher do papagaio, mas sua estratégia estava completamente errada.

Aproveitou a presença dele e afagou suas penas calmamente, depois falou com ele:

—Carol caiu no poço.

Sabia que só conseguiria o efeito desejado depois de repetir várias vezes a mesma frase, e foi o que fez. Repetiu calmamente a frase até ouvir do papagaio a mesma frase, como se fosse um eco do que estava dizendo.

—Carol caiu no poço. — A voz estridente do pássaro podia ser entendida perfeitamente. Só precisava que ele voasse para longe.

Se ele ficasse voando por lá talvez alguém ouvisse e fosse até o poço para salvá-la. Talvez não desse certo, mas no momento era sua única esperança. Estendeu o braço dando espaço para que o pássaro saísse do poço, pouco tempo depois ele já estava voando pela floresta como se obedecesse a uma ordem para voar pela mata.

Mais calma e já sentindo que era apenas uma questão de tempo para que alguém viesse ajudá-la, ficou mais tranqüila e sentou-se a espera do socorro.

Não sabia que horas eram, mas parecia que o sol não nascia nunca. Embora as árvores estivessem bem iluminadas, dentro do buraco a luz não chegava muito bem. O tempo passava e só vez por outra Carol conseguia ouvir o papagaio repetindo seu pedido de ajuda. Só cabia a ela esperar.

Depois de um longo tempo, o que quebrou aquele momento de silêncio foi uma voz que conhecia bem, inconfundível. A voz do Anjo.

\* \* \*

—Não entendi por que Carol foi entrar no poço. — Comentou.

—Como assim entrar lá? Você acha que ela está lá dentro por que quer? — Perguntou meio irritada.

—Foi o que me pareceu, ela não precisava estar lá.

—Quem iria querer pular dentro de um buraco apertado como esse para se machucar e ficar presa? — Indagou.

—É o que eu gostaria de saber, não é?

Carol ficou em silêncio enquanto a voz continuava.

—Carol já estava bem perto de ter o mapa de volta, mas agora está dentro desse buraco.

—Eu não fiz por querer. — Desculpou-se.

—Talvez não, mas isso vai contra o nosso acordo, não posso ajudá-la se você continuar com essas atitudes.

—Eu já pedi desculpas, vou fazer tudo certo agora.

—Se não fosse pelo papagaio seria bem mais difícil tirar Carol desse poço. Você quer terminar soterrada em um buraco?

—Não, é claro que não. Nem pensei nisso.

—Está bem, daqui a pouco chega alguém para ajudá-la, espero que você ache uma forma de sair logo.

\* \* \*

Quando a conversa terminou o poço estava iluminado e Carol deu-se conta de que já era a metade do dia com a luz do sol incidindo do alto do céu sobre ela.

O barulho de folhas sendo pisadas indicava que alguém estava próximo.

—Oi. — Alguém gritou do alto do poço.

Carol olhou para cima e tudo que conseguia ver era um vulto de uma pessoa olhando para ela. A luz do sol impedia que percebesse qualquer detalhe de quem havia falado.

—Eu ouvi o papagaio e até pensei que fosse alguma brincadeira, mas assim mesmo vim verificar.

—Que bom que você veio, estava com medo de ficar aqui para sempre. Onde está o papagaio?

—Ele veio comigo até uma parte do caminho e depois voou entre as árvores.

—Ele é assim mesmo, passa a maior parte do tempo sumido, só aparecendo de vez em quando.

O Caçador ouviu a explicação e depois perguntou:

—Esse poço estava fechado, as paredes estavam cedendo e podiam desmoronar a qualquer momento. Como você foi parar aí?

—Eu estava andando por aqui atrás do papagaio, mas quando escureceu não vi o buraco e acabei caindo.

—Ninguém anda por esse lado. É proibido ficar aqui, eu venho às vezes para caçar pássaros, ainda bem que não acertei seu

papagaio antes de ouvir o que ele estava dizendo.

—Que bom. Você tem uma corda para me ajudar a sair?

—Não podemos usar cordas aqui. — Respondeu ele.

—Você pode usar arma para caçar pássaros e não pode usar uma simples corda? — Carol perguntou incrédula.

—Eu não caço usando armas, apenas pedras, eu atiro as pedras nos pássaros para eles caírem, e sou bom nisso. — Orgulhou-se.

—Não vejo qualquer vantagem em ser bom para fazer maldades, mas não vou discutir isso com você, pelo menos não agora.

—Garota esperta!

—Como você pretende me tirar desse poço? — Quis saber Carol, preocupada.

—Vou cortar um galho para puxar você. Espere aqui.

—Não se preocupe, não vou a lugar algum.

—Você é engraçada. Gostei de você. — Disse o Caçador enquanto saía da beira do poço em direção às árvores.

—Também gostei de você! — Gritou ela, depois abaixou a cabeça e disse em voz baixa, falando consigo mesma.

—Idiota!

Esperou enquanto o Caçador procurava um galho para tirá-la dali. Ele não havia andado muito. Pouco depois já estava de volta.

—Voltei. Trouxe um galho, mas as árvores daqui são grossas e são altas, é difícil conseguir um bom galho.

—Tudo bem, o importante é você me puxar daqui, não importa com qual galho.

O Caçador estendeu uma ponta para que Carol pegasse, mas tão logo a segurou o Caçador escorregou e soltou o galho que deslizou pela mão de Carol fazendo-lhe um corte.

Ela gritou de dor, soltando o galho no fundo do poço.

—Desculpe. — O Caçador falou.

—Tome mais cuidado! — Carol gritou enquanto segurava a mão cortada.

—Você está bem? — Quis saber o Caçador.

—Estou sim, mas minha mão está doendo um bocado.

—Você consegue estender o galho para mim de volta?

—Acho que sim, vou tentar.

Pegou o galho e estendeu de volta para ele.

—Já peguei, segure nele que vou puxar você. — Disse ele.

Ela segurou com as duas mãos enquanto o Caçador a puxava lentamente.

—Tente firmar os pés na parede do poço como se você estivesse escalando.

Carol obedeceu ficando com o corpo dobrado como se estivesse agachada na parede. Aquela posição permitia que tentasse andar para chegar mais rápido ao topo.

—Estamos conseguindo! — Falou o caçador.

Ela já estava na metade do poço quando sentiu que suas mãos estavam escorregando, pensou se tratar de suor, mas percebeu que o ferimento da sua mão havia sangrado o bastante para escorrer pelo galho e deixá-lo escorregadio.

—Me puxa logo! Estou escorregando. — Falou para o Caçador.

Antes que ele pudesse puxá-la mais rápido, as mãos de Carol escorregaram novamente e ela caiu com as costas no fundo do poço. Não sem antes machucar a outra mão também.

—Você se machucou? — Perguntou o Caçador.

Carol soltava apenas gemidos e sons ininteligíveis.

—Quer que eu desça o galho novamente?

Um longo silêncio se fez até que Carol respondesse.

—Eu não vou conseguir subir segurando nele. Minhas duas mãos estão cortadas e doem muito.

—O que fazemos então? — O Caçador perguntou jogando o galho fora.

—Tem certeza de que não há uma corda que você possa usar?

—Certamente não, mas você está usando um vestido, não está?

—E o que isso tem a ver com a corda? — Perguntou Carol intrigada.

—Se você me jogar o vestido posso fazer uma corda com ele e puxar você.

—Você quer que eu te dê o meu vestido? Você deve estar brincando, não é? — Comentou Carol achando aquilo um absurdo.

—Acho que é por uma boa causa. — Falou o Caçador calmamente.

Carol olhou para cima tentando ver o rosto do Caçador, mas o sol ainda transformava a figura em uma sombra. Parecia uma péssima idéia confiar nele. Como poderia confiar em alguém cujo rosto não conseguia ver. Foi por ter confiado demais no Pescador que chegara àquela situação.

—Você já fez isso antes?

—O quê? Uma corda usando um vestido? Nunca, mas não me parece difícil. O vestido tem quase a sua altura, é o tamanho ideal e você pode enrolar a ponta dele na sua mão, assim ela não vai doer.

O que ele dizia fazia sentido, mas ainda assim não se sentia segura para fazer aquilo. Depois de pensar mais um pouco, voltou a dizer.

—Não vou tirar meu vestido para que você use como corda, é melhor você procurar outro jeito.

—Bem, não sou eu que estou no fundo de poço cujas paredes podem cair a qualquer momento, não estou com pressa para tirar você daí e se você estiver disposta podemos ficar aqui conversando até que outra pessoa passe. Aí podemos tentar conseguir uma corda, mas não vejo como esse vestido possa valer mais do que a sua saída desse buraco.

—Olhando aqui debaixo eu nem posso ver o seu rosto. Como você espera que eu confie meu vestido a você?

—Imagino que o vestido tenha um significado especial para você, talvez ele tenha sido dado por alguém muito importante, mas o que é um rosto, senão uma imagem que muda a cada dia? Você acha que um rosto diferente me torna uma pessoa diferente? Se eu tiver uma cicatriz enorme no rosto, a boca torta e nenhum dente na boca, minha ajuda será menos bem vinda?

—Não quis chateá-lo, mas é difícil, esse vestido é a única coisa que tenho aqui, não sei o que será de mim se perdê-lo.



—Ora, é só um vestido. Para mim, você estar com o vestido ou sem ele não torna você uma pessoa melhor nem pior. Você devia estar preocupada se meus braços são fortes o suficiente para erguer você.

Carol ficou em silêncio pensando no que o Caçador dizia. Ele continuou:

—E o que eu faria com o seu vestido, afinal? Ele nem é do meu tamanho.

O Caçador fez uma pausa para em seguida soltar uma estrondosa gargalhada.

—É claro que isso foi uma brincadeira! Sério é o fato de que estou aqui, disposto a ajudar você, desde que você abra mão de algo que acha muito valioso. Embora me pareça que talvez você prefira morrer soterrada aí embaixo, mas com um vestido bonito, e acredite, se eu for embora, a possibilidade de que isso aconteça fica bem maior.

—Não é que eu queira morrer aqui embaixo, mas você precisa entender que não quero...

O Caçador a interrompeu dizendo:

—Eu não vou obrigá-la a fazer o que você não quer, mas é você quem decide quanto tempo quer ficar aí embaixo e só você sabe se vale ou não a pena.

Ela ficou em silêncio enquanto o Caçador a olhava aguardando uma resposta, por fim ela disse:

—Está bem, vou jogar o vestido para você.

Carol puxou as alças do vestido, deixando-o cair, depois o pegou no chão, amassou e jogou para cima, nas mãos do caçador.

—Tem alguma coisa aqui no seu bolso. — Falou o Caçador.

—Sim. É o meu leque. Tome cuidado com ele.

—Para quê você precisa de um leque?

—Apenas o deixe aí sem quebrá-lo.

O Caçador pegou o leque e colocou ao lado do poço, depois voltou a falar.

—Seu leque está a salvo, mas vou precisar rasgar o vestido para poder puxar você.

—Você não disse isso antes, mas tudo bem, o que eu quero é sair daqui. — Falou contrariada.

Carol ouviu o barulho de tecido sendo rasgado e pouco tempo depois uma ponta do vestido já enrolado como uma corda foi jogada pelo Caçador.

—Coloque as mãos dentro desses rasgos e dê uma volta com o pano em torno delas, segure bem que vou puxá-la.

Fez como o Caçador havia pedido e logo sentiu o vestido sendo puxado, um minuto depois já estava fora do poço. Para surpresa dela, o Caçador havia puxado o vestido de costas para o buraco e quando percebeu que ela já havia saído soltou a ponta que estava segurando para que ela pudesse colocar o vestido novamente.

—Seu leque está aí na beira do poço.

Enquanto Carol desfazia alguns nós do vestido para recolocá-lo, o Caçador começou a se afastar devagar.

—Hei, espere! Onde você pensa que vai? — Gritou Carol para ele.

—Já fiz o que era preciso, não tenho mais porque ficar aqui, não é mesmo? — Respondeu.

—Eu quero te agradecer. Espere aí.

O Caçador continuou caminhando sem dar atenção às palavras dela. Quando viu que ele não iria parar deixou o vestido no chão e saiu correndo para alcançá-lo.

—O que você pensa que está fazendo? — Perguntou enquanto segurava o braço dele e o virava na sua direção. Ela chegou a ensaiar um passo atrás, mas suas pernas não obedeceram.

O rosto deformado do homem a deixou congelada, seus olhos nem piscaram e por um instante ficou completamente sem ação. A enorme cicatriz passava por quase todo o rosto dele e a parte inferior da boca era deslocada e murcha pela falta de dentes.

Era uma visão um tanto repugnante, mas depois do choque inicial Carol conseguiu abraçá-lo e colocando o rosto no ombro dele disse o “obrigado” mais sincero de sua vida.

—Obrigado a você por me fazer sentir útil, não me acham capaz de fazer muitas coisas. — Desabafou ele.

—Para onde você vai agora? — Quis saber Carol.

Ele afastou o corpo dela e disse:

—Eu passo quase o tempo todo aqui mesmo, meu rosto incomoda muito aos outros, mas creio que você vai seguir outro caminho.

Ela abriu um sorriso e disse:

—Meu vestido ficou um lixo, vou precisar de ajuda para consertá-lo. Tenho que encontrar a Costureira.

—Onde ela fica? — O Caçador perguntou.

—A Professora disse que era depois do lago, passando por umas trilhas.

—Lembrei, isso mesmo, do outro lado da montanha. Se você seguir sempre naquela direção — apontou um conjunto de árvores — rapidamente chegará ao lago, aí é só seguir pelas trilhas na montanha para encontrar a Costureira.

—Mais uma vez te agradeço muito, agora preciso ir.

Foi correndo até onde estava o vestido e quando olhou para trás o Caçador já havia sumido entre as árvores.

Desatou os nós e colocou o vestido que agora apresentava vários rasgos bem longos e alguns furos, além do fato de estar completamente sujo e amassado. Pegou o leque onde o Caçador havia falado e colocou no bolso. Começou a caminhada na direção em que o Caçador havia indicado e logo chegou à beira do lago que já conhecia bem.

Parou na borda e resolveu lavar o rosto e as mãos antes de prosseguir, mas o que precisava mesmo era de um bom banho. Retirou o vestido, ou pelo menos o que havia sobrado dele e entrou na água. Tomou banho como pôde, com as mãos doendo bastante devido aos cortes.

Quando saiu da água pegou o vestido e o sacudiu para tirar o excesso de poeira então o colocou novamente, não queria secar o vestido no corpo mais uma vez.

Recostou em algumas pedras para descansar um pouco, mas acabou dormindo até o dia seguinte

## Dia 15

Carol acordou assustada e viu que já era um novo dia, mal pôde acreditar que havia dormido a noite toda ali, embora não tivesse sido a primeira vez.

Esperava ter encontrado a Costureira no dia anterior e agora precisava sair logo para não perder mais tempo.

Pelo que o Caçador e a Professora haviam dito, bastava que seguisse as trilhas que passavam pela montanha. Foi andando devagar por entre as trilhas até passar em frente à entrada da caverna, um arrepio percorreu seu corpo ao lembrar-se da sua última experiência naquele lugar, mas seguiu em frente evitando olhar para o lado da caverna.

Eles haviam dito que era do outro lado da montanha, não deveria ser muito mais longe, resolveu olhar com mais atenção para não perder o lugar onde a Costureira pudesse estar.

Não demorou muito e viu uma mulher mais a frente sentada no que pareceu ser uma caixa. Aproximou-se da mulher que aparentava ter uma idade avançada.

—Olá senhora, estou procurando pela Costureira, sabe onde posso encontrá-la?

—Já encontrou. — Respondeu a mulher com um sorriso.

—A senhora é a Costureira? Não pensei que seria tão fácil encontrá-la.

—Não tem dificuldade alguma, eu sempre fico aqui mesmo. Pelas suas roupas acredito que esteja precisando dos meus serviços. O que aconteceu com você? Foi jogada dentro de um poço?

—Quase isso. Mas agora preciso consertar essa roupa para poder ir ao baile.

A Costureira a olhou de cima até embaixo e comentou.

—Você pretende ir ao baile usando isso? Mesmo que eu o consertasse, você pareceria estar fantasiada de mendiga.

—Não seria uma fantasia tão ruim.

A Costureira nem ligou para o que Carol disse.

—Pena eu mesma não ter sido convidada. Poderia usar um dos meus lindos vestidos de festa. Tenho saudade do meu tempo, com tantos bailes lindos e homens incríveis. Você tem companhia para o baile?

Carol ficou meio sem graça ao responder.

—Ainda não, e acredito que não vou precisar, devo apenas dar uma rápida passada por lá. Pretendo reencontrar um amigo.

—Bailes e amigos, é assim que tudo começa, e daqui a algum tempo estarei fazendo um vestido de noiva para você.

Carol balançou a cabeça impaciente.

—Acho mesmo que não vou precisar de seus serviços uma segunda vez. Como eu disse, é apenas um encontro com um amigo e talvez com uma amiga. A senhora poderia me fazer um vestido novo então?

A Costureira fez uma cara triste e respondeu.

—Infelizmente você me procurou muito em cima da hora, o baile já é depois de amanhã. É impossível fazer uma roupa em tão pouco tempo, quer dizer, uma roupa que realmente valha a pena ser feita.

—Existe alguma que não valha? — Perguntou Carol.

—Eu vejo pessoas usando certas roupas que são uma vergonha, seria preferível que elas estivessem nuas. Roupas de um mau gosto sem tamanho. Eu nunca faria modelos parecidos. São exatamente do tipo que não vale a pena.

—Talvez a senhora seja um pouco exigente com os modelos. — Comentou Carol.

—Para mim, fazer uma roupa é um evento tão importante quanto o evento onde ela será usada pela primeira vez.

—Nesse caso é um evento muito importante. Preciso ir ao baile, mas não posso entrar lá sem uma roupa adequada, não é mesmo?

—Certamente.

—Então a senhora não pode me ajudar?

—Minhas roupas são feitas com um processo todo especial que não pode ser cumprido em tão pouco tempo. Eu mesma gosto de colher o algodão ou a seda e tecer os fios.

A Costureira fez uma pausa, refazendo na memória o processo.

—Você nem imagina o quão fino eu consigo fazê-los. Para depois fazer o tecido já praticamente com o molde do corpo do cliente, sim por que eu faço roupas tanto para homens quanto para mulheres. Embora na verdade já tenha passado um longo tempo desde a última vez que fiz uma roupa.

—Por quê? — Quis saber Carol interessada na história da Costureira.

—A idade vai chegando e já não tenho mais a velha habilidade da juventude e nem mais a mesma paciência.

—Paciência? Não pensei que fosse preciso.

—Ora, minhas roupas demoravam muito tempo para ficarem prontas, eram verdadeiras obras de arte que podiam demorar até meses para ficarem prontas, tão perfeitas que poderiam ser usadas até por deuses.

—Meses? Acho que os deuses até poderiam esperar tanto, mas as pessoas normais esperavam tanto tempo assim?

A Costureira baixou a cabeça.

—No começo até que sim, mas depois as encomendas começaram a rarear até não haver mais qualquer pedido. As pessoas não ligam mais para a arte, minhas peças eram realmente únicas, podiam durar muitos e muitos anos. Hoje em dia todo mundo compra as roupas prontas em algum mercado que duram apenas até a próxima festa.

—Talvez seja como a senhora está falando, mas ainda existem costureiras que recebem encomendas para fazerem roupas exclusivas e personalizadas.

—Mas elas usam tecidos comprados no mercado, com aviamentos também comprados, essas roupas não são como as minhas, elas não têm alma. — Reclamou a Costureira.

—Por que a senhora também não fez o mesmo? A Senhora faria as roupas mais rápido e as encomendas continuariam.

A costureira respondeu irritada.

—Quem você acha que eu sou? Não sou uma costureira qualquer, minhas roupas têm alma, não aceitaria fazer algo diferente disso.

—Mas é isso que as pessoas procuram quando pedem uma roupa? — Quis saber Carol.

—Por que você quer uma roupa nova para o baile? — Perguntou a Costureira.

—Como a senhora pode ver, meu vestido está completamente rasgado.

—Eu poderia simplesmente remendá-lo para você, não poderia? Por que você precisa de uma roupa nova?

—Mas eu pedi apenas para consertar essa que estou usando e foi a senhora que me sugeriu fazer outra. — Carol respondeu sem segurança.

—Não é nada disso, vou te dizer por que você quis uma roupa nova. Cada roupa representa uma personalidade diferente, se você fosse com esse vestido que está usando, mesmo remendado, se sentiria deslocada, não por ele não combinar com o ambiente ou com a oportunidade, mas por que ele não estaria dizendo quem você é e o que você foi fazer no baile.

—Esse vestido que estou usando, realmente não seria muito fiel a quem eu sou de verdade.

—As roupas são assim, um reflexo de quem a pessoa está por dentro e não de quem ela é de verdade. Afinal, uma roupa não muda ninguém, apenas reflete o que a pessoa é naquele momento, eu diria até que certas pessoas se dispõem a fazer certas coisas usando algumas roupas que não fariam se estivessem vestidas diferentes.

Enquanto ouvia, Carol reparava na roupa da costureira, que parecia deixá-la um pouco mais triste, talvez se ela estivesse usando outra roupa parecesse mais feliz, mas talvez não fosse mesmo essa a intenção daquela senhora ali à sua frente conversando com ela.

—Acho que concordo com a senhora, uma roupa pode mudar o que pensamos sobre quem a está vestindo. Mas o que isso tem haver comigo?

—Eu acho que você quer ir ao baile com uma personalidade diferente, querendo parecer outra pessoa, quase disfarçada.

—É um baile à fantasia, então eu deveria mesmo ir disfarçada de alguma coisa, mas não tenho tempo para pensar em fantasias

agora.

—Uma roupa não deixa de ser uma fantasia se estiver mostrando algo que você não é de verdade. Pessoas podem estar fantasiadas mesmo usando ternos, uniformes ou roupas extravagantes.

—Essas roupas não me parecem fantasias.

—Algumas vezes a roupa que a pessoa exhibe destoa tanto do que ela é na realidade que todo mundo percebe se tratar apenas de uma fantasia e não de uma roupa. Mas não é o seu caso.

—Por que a senhora acha isso?

—Você disse que iria ser uma passada rápida no baile, um baile é para a noite toda, senão pra que serviria? Como é um encontro rápido acho que você não quer ser notada para não ter que conversar com muitas pessoas.

Carol ficou surpresa com a conclusão da Costureira e comentou:

—Você não deixa de ter um pouco de razão, gostaria realmente de não chamar atenção. Na verdade, o ideal seria se eu tivesse um vestido para ficar invisível. No fundo, gostaria mesmo é que ninguém me visse.

A Costureira a olhou com um sorriso enigmático e depois disse.

—Então acho que posso ajudar você.

—Você tem um vestido para deixar alguém invisível?

—Ora, não diga bobagens! Você acha que se eu tivesse um vestido desses estaria aqui conversando com alguém? Você estaria?

—Acho que não. — Respondeu balançando a cabeça e sorrindo.

—Uma roupa, seja ela qual for, mesmo uma daquelas sem alma que você compra no mercado, precisa chamar a atenção para quem a está usando e não para a roupa em si. De nada adianta você estar dentro do vestido mais lindo da festa e todas as pessoas comentarem o vestido e não quem o está usando.

—Eu não quero nada extravagante. — Carol falou.

—Eu tenho um vestido aqui que vai ser perfeito para você.

A Costureira levantou-se da caixa onde estivera sentada até então e levantou a tampa. De dentro da caixa tirou uma sacola e



entregou a Carol.

—Esse vai ser perfeito para você usar no dia do baile, eu o fiz há muito tempo atrás e considero um dos meus melhores trabalhos.

Carol recebeu o pacote macio das mãos da Costureira e fez menção de abri-lo, mas ela a impediu.

—Não precisa abrir agora.

—Mas como vou saber se vai ficar bem em mim?

—Eu posso garantir que esse vestido vai caber perfeitamente em você.

—Mas você nem tirou minhas medidas. — Contestou Carol.

—Eu sei suas medidas só de olhar pra você, não preciso de fita para isso. E, como eu disse, será perfeito para o baile.

Carol estava preocupada pelo que diria a seguir, por isso ficou em silêncio por algum tempo até que finalmente resolveu dizer, esperando que não tivesse problemas para levar o vestido.

—Eu não esperava receber o vestido, aliás não havia pensado nem mesmo em quanto isso poderia custar. Como posso pagá-la?

—O vestido ficaria muito triste se não fosse usado, então se você o usar será pagamento bastante, afinal, de que vale uma obra prima que não pode ser admirada.

—Fico muito agradecida, vou usá-lo com certeza, mas se houver mais alguma coisa que eu possa fazer pela senhora é só me falar.

—Já que você insiste, acho que poderia me fazer companhia até o café da tarde. Tenho andando muito sozinha e sinto falta de alguém com quem conversar.

—Será um prazer, senhora.

As duas passaram o resto dia conversando, a Costureira contando detalhes de muitas das roupas que já havia feito.

Como havia prometido, Carol ficou até depois do café, aí elas se despediram e Carol começou o caminho de volta. Fora mais fácil do que imaginara. Não via a hora de voltar para seu abrigo e experimentar o vestido.

No caminho de volta, quando passava pela trilha na beira da montanha viu a entrada da caverna e teve uma idéia. Já estava meio

tarde, era quase noite. E preferia não voltar andando pelo escuro, mas também havia pensado em outra coisa.

Poderia entrar mesmo que por pouco tempo, ir até o espelho e ver como ficaria usando o vestido, afinal, mesmo com a Costureira garantindo que ficaria bom era melhor ter uma idéia própria do resultado.

Aquilo era pura vaidade, ela sabia, mas não conseguiu resistir.

Foi até a entrada da caverna e ficou em frente a ela pensando se valeria ou não a pena fazer aquilo. Sua última experiência fora muito ruim, embora dessa vez já estivesse preparada para o reflexo que veria seja com roupa ou sem.

Decidiu entrar já que não teria outro modo de ver o vestido no seu corpo.

Era melhor não ficar andando por lá naquele momento, já estava com sono e não queria se perder no meio daqueles corredores. Deitou usando o embrulho como travesseiro. Dormiu logo depois.

## Dia 16

Quando acordou pôde ver que o interior da caverna parecia exatamente igual à última vez que estivera ali. As cores e texturas da caverna continuavam lindas, mas não iria parar para admirá-las dessa vez.

Foi andando em direção aos dois túneis que ficavam mais a frente. Entrou no túnel da esquerda como da outra vez, procurou as marcações na parede e viu que estavam todas lá. Rapidamente chegaria até o espelho.

Ele havia sido mudado de lugar desde aquele dia, ainda era o mesmo espelho, mas agora estava rente ao chão e totalmente encostado na parede e não mais inclinado. A frase também havia sido removida, o que era péssimo. Não para ela que já sabia que não devia ficar muito tempo em frente a ele, mas para qualquer outro que ficasse ali por muito tempo.

Sentou no chão com as pernas cruzadas e abriu o pacote sobre o colo, retirou de dentro dele o vestido, desdobrando-o com cuidado. Levantou-se com um impulso e ficou de frente para o espelho, colocou o vestido em frente ao corpo, firmando-o com as mãos na altura da cintura e do pescoço.

O vestido era realmente lindo como a Costureira dissera, um modelo preto, que aparentava não ter qualquer costura, como se tivesse sido modelado no corpo de quem iria usá-lo. Restava saber se ficaria bem no seu corpo.

Carol tirou o vestido que estava usando e colocou o outro sem muita dificuldade. O seu reflexo era esplêndido, estava realmente linda com aquela roupa, a Costureira havia acertado em cheio. Não só sobre o tamanho que se ajustava perfeitamente a ela, como também sobre o modelo. Olhando-se no espelho parecia outra pessoa, e por dentro também se sentia outra.

Ou seria o contrário? Ela se sentia outra pessoa e por isso havia pedido um vestido que se parecia com quem estava se sentindo naquele momento. Felizmente a Costureira parecia ter conseguido ler seus pensamentos.

O tecido era um pouco pesado, o que não deixava de ser bom, pois assim não ficaria muito esvoaçante e chamaria menos atenção. Também não tinha detalhes brilhantes, nem de botões nem de fechos, se andasse em um lugar com menos iluminação passaria despercebida. Era exatamente o que pretendia.

E ainda havia os bolsos, dois pequenos bolsos escondidos que poderia usar para guardar um lenço ou um leque se fosse necessário. Pelo visto a costureira havia pensado em tudo.

Depois de ter dado algumas voltas, agora examinava detalhes no tecido do vestido, já imaginando o que faria no dia do baile. Uma voz a desviou dos seus pensamentos.

—Eu acho esse o lado mais complicado do espelho.

Carol olhou para o espelho e viu a figura de um homenzinho usando um paletó que devia ter a metade da sua altura. Achou estranho o reflexo falar com ela e sentou em cima do vestido que estava no chão para ficar na mesma altura que o homenzinho.

—Qual lado? O meu ou o seu? — Carol perguntou tentando olhar o homenzinho nos olhos.

—Desculpe. Você poderia se virar para o meu lado? Não gosto de conversar com o reflexo das pessoas, você sabe como é, fica mais difícil.

Só quando o homenzinho disse aquilo Carol se deu conta de que havia mesmo mais uma pessoa ali perto e virou-se para vê-lo. Na verdade o homem não era uma miniatura, apenas estava mais longe do espelho que ela, dessa forma, o reflexo dele ficava bem menor. Na imagem não havia notado o óculos de armação bem fina que o homem usava.

—Desculpe, não vi nem ouvi quando você se aproximou, nem imaginei que fosse encontrar alguém aqui, mas já estou indo embora.

O homem ajeitou os óculos no rosto antes de responder.

—Não precisa se preocupar comigo, você só não pode passar muito tempo aí em frente ao espelho. Uma vez eu fiz isso e quase enlouqueci.

—Eu sei. Também já passei por isso. Não pretendo ficar muito mais tempo mesmo. Já fiz o que eu precisava.

—Estava experimentando esse vestido? Ficou muito bem em você. Ainda bem quem não é um vestido de noiva.

—Por quê?

—Dizem que dá azar ver o vestido antes do casamento.

Carol deu uma risada e respondeu.

—Bem, só daria azar se você fosse o noivo.

O homem deu alguns passos na direção dela.

—Não vai me convidar para sentar?

—Fique à vontade, você disse alguma coisa sobre o lado do espelho, o que era?

—Disse que acho esse lado mais complicado, o lado do objeto e não do reflexo.

—Lado do objeto? Como assim?

—O lado do objeto é o mundo real, onde estamos. O lado do reflexo é onde nossa imagem é refletida, ou seja, um mundo imaginário.

—Entendi. Pensei que fosse algo mais complicado. E por que você disse que não gosta de conversar com o reflexo das pessoas?

—Puxa, você faz muitas perguntas. — Reclamou ele.

—Pelo menos faço uma de cada vez e não todas ao mesmo tempo.

—Tudo bem, obrigado por facilitar as coisas para mim, de certa forma estou acostumado a pensar sobre questões complicadas e também nas questões simples, mas de forma profunda.

—Como um filósofo?

—É como me chamam aqui.

—O fundo de uma caverna é o último lugar onde esperava encontrar um filósofo.

—Um filósofo não acharia isso estranho, nós temos uma ligação com cavernas. No começo da filosofia havia um mito muito interessante sobre uma.

—O que eu preciso fazer para me tornar uma filósofa? — Carol perguntou.

O Filósofo sorriu com a pergunta.

—Filosofia é simplesmente o amor pela sabedoria ou pelo conhecimento, então qualquer um que ame ou aprecie a sabedoria e o conhecimento pode se considerar um filósofo. Um curso apenas iria te dar ferramentas para aproveitar e explorar o conhecimento que você tem.

—Eu sou muito curiosa, adoro aprender coisas novas, devo ter um pouco de filósofa dentro de mim.

—Não basta conhecer e aprender, para a Filosofia também é preciso questionar.

—Assim fazendo muitas perguntas como eu faço?

—Assim também, mas algumas perguntas nós precisamos fazer a nós mesmos.

O Filósofo respirou fundo e ajeitou outra vez os óculos.

—Mas respondendo sua pergunta sobre porque não gosto de conversar olhando para o reflexo das pessoas, acho mais difícil mentir olhando para um espelho. Não que eu fosse mentir para você, mas é que diante do nosso reflexo ficamos muito vulneráveis.

Carol olhava para o Filósofo sem entender o que ele falava.

—Você não tem a sensação, quando está na frente do espelho, de que enxerga além do que está sendo mostrado?

—Não sei se consigo entender o que você está dizendo.

O Filósofo suspirou buscando uma forma mais apropriada para explicar o que pensava.

—Quando você está na frente de um espelho, mesmo que esteja maquiada ou com um lindo vestido preto, no fundo sabe exatamente quem você é de verdade, então é como se estivesse nua e sem maquiagem.

—Desculpe, mas quando olhei para espelho me vi vestida com esse vestido e não nua.

O Filósofo abriu um largo sorriso, ajeitou os óculos de novo e falou com a voz um pouco mais alta.

—É exatamente isso!

Carol olhou para os lados procurando alguma razão para que ele tivesse falado mais alto, mas continuavam apenas os dois ali.

—Se ao olhar para o espelho você se visse usando um vestido amarelo acharia muito estranho, não é mesmo?

—Claro que sim, não faria qualquer sentido.

—É assim também quando tentamos falar uma mentira na frente do espelho, nosso cérebro sabe que não é verdade, que não faz sentido e fica incomodado, então reage diferente ao que acabou de ouvir.

—Realmente, soa diferente quando dizemos uma mentira pra nós mesmos, às vezes até começamos a rir.

Com a concordância de Carol o Filósofo se animou e continuou sua teoria.

—Cada pessoa reage de uma forma diferente, mas a reação será perceptível, com certeza, é por isso que eu digo que ficamos vulneráveis, não porque fique difícil mentir, mas sim porque é difícil esconder as reações. Então, se estivermos conversando com alguém em um espelho ela pode ver claramente quando tentamos esconder alguma coisa.

—É por isso que nos filmes, nas salas de interrogatório, sempre tem um espelho?

O Filósofo lançou um olhar de admiração para Carol.

—Ótima observação. Não sei se é por isso, mas poderia ser uma boa explicação.

—Eu nunca pensei assim sobre eles antes.

—É difícil enganar um espelho, tanto que quando alguém precisa treinar uma mentira, treina em frente a ele, se essa pessoa conseguir enganá-lo, ou seja, a si mesma, vai conseguir enganar qualquer um.

—Acho que já ouvi alguma coisa sobre isso “uma mentira repetida até virar verdade”.

—Não até “virar verdade”, mas até parecer tanto com uma que ninguém consiga perceber a diferença.

—E você acha que isso funciona?

O Filósofo pensou antes de responder, lembrando de um caso que fugia a regra.

—Se você estiver usando um espelho plano, sim.

—Como assim plano?

—Você já deve ter visto em filmes aquelas casas dos espelhos, onde as pessoas aparecem refletidas com formas diferentes. Mais

altas, mais magras ou mais baixas e gordas. Esses espelhos não são planos, eles têm distorções. Para um desses, você pode mentir a vontade que seu cérebro não vai criar qualquer restrição.

—Ora, e por que não criaria?

—Lembra que eu falei sobre o lado da imagem? O mundo imaginário? O reflexo em um espelho desses é tão absurdo que caso você diga alguma mentira sua mente vai achar que é culpa do espelho e não sua.

—Vou me lembrar disso se precisar mentir para alguém. Usando o espelho certo ninguém vai perceber quando eu não disser a verdade.

O Filósofo ajeitou os óculos e lançou outro olhar de admiração para Carol.

—Estou admirado. Dessa vez sou eu quem não havia pensado nos espelhos dessa forma.

Foi a vez de Carol se sentir animada e continuar.

—Espelhos, roupas, astros e máscaras, o que não falta são meios para se contar mentiras.

—Por que você diz isso?

—É coisa minha. Não dê importância.

O Filósofo percebeu que poderia falar algo sobre o assunto então disse:

—Existe uma coisa importante para se saber sobre as mentiras.

Carol olhou para ele interessada e perguntou.

—Existe? E o que seria?

O Filósofo se ajeitou descruzando e cruzando as pernas que já estavam dormentes.

—No fundo, toda mentira gostaria de ser uma verdade, independente de ser uma mentira grande ou pequena, por que, provavelmente se ela fosse verdade resolveria o problema de quem contou a mentira.

Carol sorriu sugerindo que pensava como o Filósofo.

—Concordo com você, acho que as pessoas não saem por aí contando mentiras à toa.

—Não, claro que não. Com exceção de algumas pessoas que mentem apenas por que gostam e não porque precisam, todas as



outras têm alguma explicação para as mentiras que contam. Acredite, se essas mentiras fossem verdades acho que essas pessoas seriam mais felizes.

—Você acha que as pessoas precisam dizer mentiras para serem felizes?

—Exatamente o contrário. Elas precisam dizer verdades, mas nem todas têm a força necessária para fazer isso. Lembre-se que para mentir não é preciso muito esforço, então uma roupa, uma máscara ou um espelho acabam sendo instrumentos úteis às mentiras das pessoas.

—É como aquilo que eu disse sobre repetir a mentira.

—Acho que não exatamente. Entenda que uma mentira tem vida própria, e ela vai fazer de tudo para não morrer, vai querer ser repetida até que a verdade seja esquecida.

—Posso até imaginar a mentira tentando sobreviver, seria uma imagem muito engraçada, a mentira desesperada procurando um pouco de ar para viver.

O Filósofo olhou para Carol com um ar de reprovação e prosseguiu:

—Talvez você pense que é brincadeira, mas você consegue notar esse desespero de uma mentira quando ela precisa se multiplicar para continuar vivendo, então novas mentiras são colocadas juntas com a primeira, sustentando e dando mais vida a ela, como uma fogueira onde se colocam mais e mais gravetos para permanecer acesa.

—Então, se o fogo for tão grande que ninguém consiga apagar, a mentira vence?

O Filósofo pareceu concordar com Carol, mas replicou.

—Ou então só sobrarão cinzas da verdade, e ninguém vai dar muita atenção às cinzas.

Carol já esperava que o Filósofo concordasse e fez uma pergunta para contradizê-lo.

—Mas não é o fogo que tem o poder de iluminar as sombras e trazer a verdade à tona também?

O Filósofo olhou fixamente nos olhos de Carol por tanto tempo que ela ficou bastante sem graça.

—Eu disse alguma coisa errada? — Perguntou ela.

—Olhando assim nos seus olhos, e olhando o brilho deles eu diria que você parece um Prometeu prestes a roubar o fogo dos deuses e entregar aos homens.

—Prometeu?

—Ele era um deus da mitologia grega que pensava assim parecido com você.

—Ele me parece boa pessoa.

—Você devia ler a história dele qualquer hora.

Ela se levantou de repente como se tivesse lembrado alguma coisa.

—Acho que preciso ir agora, já deve estar tarde.

O Filósofo também se levantou e disse:

—Você está atrasada para algum encontro?

—Meu compromisso é à noite, mas não faço nem idéia de que horas sejam agora, preciso rever uma amiga antes do baile.

—Então o vestido era para o baile? Legal. E onde está sua amiga?

—Na verdade, não sei onde, mas tenho a esperança de que possa encontrá-la.

O Filósofo pareceu confuso com a resposta e perguntou.

—Você precisa de ajuda?

Carol olhou para o Filósofo pensando na oferta e respondeu:

—Você pode me fazer companhia por uma parte do caminho se quiser.

—Será um prazer, eu espero por você lá fora.

—Por que lá fora? — Quis saber Carol.

O Filósofo olhou para ela como se a resposta fosse muito óbvia para precisar ser dita, mesmo assim respondeu.

—Você precisa mudar de roupa, não?

Carol deu um tapinha na testa e disse:

—É claro, nos vemos daqui a pouco.

—Você vai quebrar o espelho antes de ir? — O Filósofo perguntou fazendo a pergunta soar da forma mais normal possível, mesmo assim Carol olhou para ele com um ar de surpresa antes de responder.

—Não! Claro que não. Quebrar? Por que eu faria isso? — Respondeu indignada com a pergunta.

—Eu sempre o quebro quando venho aqui.

Carol o olhou sem acreditar.

—Mas não dizem que quebrar um espelho dá azar? — Ironizou.

O Filósofo riu e respondeu.

—Nesse caso, só daria azar se você estivesse atrás dele, mas não se preocupe, sempre colocam um novo depois.

—Como você pretende quebrá-lo? — Carol perguntou meio irônica.

—Com uma pedra. Sempre trago uma quando venho aqui.

—Faça o que você quiser, eu não vou mexer nesse espelho. — Afirmou Carol.

O Filósofo pegou a pedra que havia trazido e a atirou contra o espelho que se partiu em muitos pedaços.

—É melhor você vir logo! — O Filósofo gritou já correndo para a saída.

Assim que viu os cacos de vidro no chão e o Filósofo correndo, Carol percebeu que precisava sair logo também. Tirou o vestido preto e recolocou o vestido consertado pela costureira, afinal não queria sujar o vestido novo antes do baile.

Não sabia como o Filósofo conhecia o caminho da saída, foi seguindo as marcas na parede e pouco tempo depois também estava do lado de fora. Como havia prometido, o Filósofo a esperava.

—Quem bom que você veio rápido! — O Filósofo a saudou.

Carol ainda passava a mão pelo vestido para acertá-lo no corpo.

—Não esperava ter que sair às pressas. — Respondeu

—Para onde vamos? — Quis saber o Filósofo.

—Eu vou até à mesa quadrada esperar pela minha amiga Astrônoma.

—E você acha que ela vai estar lá?

—A Professora me disse que a Astrônoma iria ver a lua azul hoje e o melhor lugar para fazer isso deve ser lá.

Eles se puseram a andar pela trilha na encosta montanha.

—E quanto ao baile? — Quis saber o Filósofo enquanto ajudava Carol a passar por algumas pedras que estavam no caminho.

—É só amanhã à noite, e até lá eu espero ter recuperado um objeto muito importante para mim.

—Um objeto que, imagino, você não irá me dizer o que é.

—Exatamente. Foi por eu ter dito o que ele era que eu o perdi da última vez.

—Eu não vou dizer que você pode confiar em mim porque provavelmente também já te disseram isso.

—Você é bem esperto.

—Obrigado pelo elogio.

—Eu fiquei curiosa quanto a uma coisa.

—Que coisa?

—Por que você quebrou o espelho lá dentro da caverna? Não vi muito sentido nem necessidade.

O Filósofo parou na trilha se abaixou e pegou algumas pedras no chão.

—Simplesmente porque quando eu faço isso meu coração acelera e nada nos faz sentir mais vivos do que sentir o coração acelerado, a respiração irregular, o sangue fluindo rápido nas veias.

O Filósofo seguia falando e jogando as pedras para cima e pegando em seguida. Carol admirava o controle dele.

—E o que mais acelera o seu coração? — Perguntou.

O Filósofo parou para responder.

—Algumas vezes coisa nenhuma, outras, qualquer coisa.

Eles haviam chegado à beira do lago e o Filósofo atirou as pedras na água, uma a uma. Então perguntou para Carol.

—Você não tem nada que te deixe assim, com o coração acelerado?

Carol abaixou na beira da água e também pegou algumas pedras. Atirou a primeira pedra no lago pensando na resposta. Ela se virou para responder ao Filósofo, mas ao invés disso fez uma pergunta que o deixou desconcertado.

—Por que você quer saber?

O Filósofo deu um passo para trás e respondeu titubeando.

—Ora, não é sobre isso o que estamos conversando?

Carol parecia meio aborrecida e respondeu asperamente ao Filósofo.

—Não. Foi você quem começou com esse assunto.

—Claro que não! Nós conversamos, você perguntou várias coisas e eu fui respondendo até chegar nesse assunto.

—Você poderia ter respondido qualquer coisa, mas parece ter escolhido as palavras com muito cuidado. Parecia querer levar a conversa para algum campo específico. Acho que você está querendo me manipular.

O Filósofo sentia-se acuado, mas continuou argumentando.

—Eu não tenho qualquer razão para enganar você ou para tentar manipular suas perguntas ou suas respostas. Nós só estamos conversando normalmente.

—Acho melhor nos despedirmos aqui. Você não disse que não fez, apenas que não tinha razão para fazê-lo.

—Ora, isso é apenas uma questão de semântica. O Filósofo tentava fazê-la voltar atrás.

Resoluta, Carol não deu ouvidos ao que ele dizia e continuou.

—Agora é meio tarde para discussões filosóficas ou de semântica. Estou indo embora e não quero que você me siga.

Saiu com passos firmes indo em direção ao caminho que a levaria até à mesa quadrada.

—Não faça seu coração bater mais rápido do que você pode agüentar! — Gritou o Filósofo, mas Carol não deu atenção.

Caminhava rápido, olhando para trás algumas vezes para ter certeza de que o filósofo não a estava seguindo. Em pouco tempo chegou ao seu destino. Pela posição do sol, faltava pouco para o anoitecer. Diferente do que fizera quando esperou pela Astrônoma na mesa redonda, dessa vez iria ficar sentada ali independente do que acontecesse. Não iria correr qualquer risco de não ver a Astrônoma caso ela realmente fosse até ali ver a lua ficar azul.

Carol lembrava que poderia ter economizado alguns dias se tivesse ficado parada onde estava ao invés de se embrenhar pela floresta atrás do papagaio. Isso não importava mais. Estava cada vez mais próximo o momento que poria em prática seu plano para recuperar o mapa.

Ficou sentada em uma das cadeiras em volta da mesa, trocando de posição de vez em quando. Viu o sol se por, as árvores assumirem um tom triste e os pássaros mudarem de melodia. Sentia a brisa passando, levando as nuvens e trazendo folhas de árvores para junto de si.

Já nem sabia mais quantos dias havia se passado, mas parecia cada vez mais perto a hora de ir embora. Não fossem alguns contratempos talvez já nem estivesse mais ali.

Adormeceu pensando nisso.

## Dia 17

Carol estava em um sono bem leve e o som de alguém quebrando pequenos galhos fez com que acordasse sobressaltada. Olhou para o caminho e viu que alguém se aproximava.

Era a Astrônoma. Ela veio devagar e quando chegou perto de Carol exclamou contente.

—Olá, não esperava encontrá-la aqui, faz tanto tempo que não nos vemos. Levante-se que eu quero um abraço.

O tom amistoso da Astrônoma desarmou Carol que pretendia acusá-la logo de ter ajudado o Pescador a roubar o seu mapa. Levantou da cadeira como a Astrônoma havia pedido e recebeu um abraço apertado.

—Você também veio ver a lua azul? — Quis saber a Astrônoma. Carol desviou o olhar da Astrônoma antes de responder.

—Na verdade eu vim falar com você. — Confessou.

A Astrônoma olhou intrigada e perguntou.

—Como você sabia que eu estaria aqui?

—A Professora me disse.

—Ah, bem.

A Astrônoma achou meio estranho, mas falou.

—Mas já que você está aqui, porque não paramos para olhar a lua e depois conversamos.

Carol deu um sorriso e disse.

—Tudo bem, estou muito curiosa para ver essa lua azul.

A Astrônoma a puxou pela mão e foram andando para a elevação que ficava ali perto. Quando chegaram deitaram-se uma ao lado da outra e passaram a admirar o céu. A lua já estava presente, mas as nuvens atrapalhavam a visão.

—Quando é que a lua vai ficar azul? — Perguntou Carol, ansiosa.

A Astrônoma soltou uma gargalhada e depois pediu desculpas.

—Não fique chateada, mas é que a lua não vai ficar azul, na verdade “lua azul” é apenas o nome que se dá a segunda lua cheia dentro de um mesmo mês.

—Quer dizer que eu não vou ver a lua ficar azul?

A Astrônoma olhou para ela e respondeu.

—Infelizmente não. Mas olhar a lua cheia sempre é bonito, mesmo quando não há um eclipse.

Carol olhou para o céu e disse.

—Lá está a lua, as nuvens passaram!

A Astrônoma suspirou e disse:

—Eu poderia passar a noite toda apenas olhando para ela. É um caso de amor de longa data.

Carol ia responder, mas uma estrela cadente passou cortando o céu tendo a lua cheia como pano de fundo.

—Que lindo! Uma estrela cadente!

A Astrônoma olhou para o céu novamente e reclamou.

—Que pena, eu não vi, mas você tem que fazer um pedido, rápido.

Carol fechou os olhos por alguns instantes e depois falou.

—Espero que esse se realize.

—O que você pediu? — Quis saber a Astrônoma.

—Se eu contar o desejo não se realiza.

A Astrônoma concordou e perguntou:

—Quer ouvir um poema sobre estrelas cadentes?

—Você declamando um poema deve ser bem legal, sou toda ouvidos.

A Astrônoma ficou em pé e Carol se sentou para ver a Astrônoma falando. Ela pigarreou e disse:

—Começa assim:

“Cai cadente estrela,  
cai aos meus pés luminosa  
de brilho intenso, efêmero,  
efeito especial, ilusão de ótica.”

O sorriso no rosto de Carol mostrava que ela havia gostado do primeiro verso, então fez um gesto para que a Astrônoma continuasse.



A Astrônoma se empolgou e começou a fazer gestos, interpretando o poema.

“Vai ardente estrela  
levar seu brilho, me trazer a luz,  
pisca esses olhos de estrela  
passa por mim e me seduz”

“Vem ardente estrela  
Aquecer minha cama esta noite  
Iluminar meu quarto  
Cair nos meus braços.”

“Atinja em cheio, estrela,  
O coração de quem tanto te quer  
Passa assim tão linda  
Deixa-me abraçar você.”

“Passa por mim cadente,  
Carente do meu amor  
Vamos viajar juntas  
Eu só vou se você for.”

A Astrônoma respirou fundo, enchendo os pulmões para declamar o último verso.

“Procuro um caminho a seguir.  
Procuro alguém como você.  
Neste mundo sem sentido,  
Neste céu de estrelas solitárias.”

Carol se levantou para aplaudir a Astrônoma. Batia palmas e assoviava enquanto a Astrônoma se curvava e agradecia como se estivesse fazendo uma apresentação em um teatro.

—Foi muito bonito seu poema, parabéns!

—Obrigada, mas o poema não é meu, foi o Poeta que fez para mim.

—Dê os parabéns a ele então quando o vir novamente.

—Darei sim. Você disse que veio aqui para conversar comigo, o que você queria me dizer?

Carol deu as costas para a Astrônoma, se afastou um pouco e falou serenamente:

—Eu quero o meu mapa de volta.

A Astrônoma respondeu vacilante.

—Mapa? Como assim?

—O Mapa que você pediu para o Pescador roubar para você.

—O seu mapa? Por que eu iria querer roubar o seu mapa? — A Astrônoma se defendeu.

Carol se virou novamente para a Astrônoma e disse:

—Eu também não imaginava o porquê até ver você aqui hoje, mas agora já sei.

—Você deve estar fazendo alguma confusão.

Ainda calma, Carol continuou.

—Confusão nenhuma, eu li a carta que você mandou para a Bailarina.

O semblante da Astrônoma se alterou imediatamente.

—Ora, como você pôde?

A Astrônoma pensou e mudou o tom de voz.

—Quer dizer, como você conseguiu a carta?

—Com muita paciência. — Respondeu sarcasticamente.

—Essa carta não quer dizer nada. — Minimizou a Astrônoma.

—Já está tudo pronto para você ir ao baile amanhã à noite?

A Astrônoma, recuperando a calma e controle da situação, respondeu com ironia.

—Hoje à noite você quer dizer? Já passa das duas da manhã. Sim, já estou com tudo pronto.

—Acho que a Bailarina não iria gostar de ver você sem o leque que ela te deu com tanto carinho.

—Isso não é problema, posso muito bem explicar que perdi o leque por aí.

Carol deu uma gargalhada e perguntou.

—Acho difícil você explicar por que deu o leque de presente para mim, já que eu vou usá-lo no baile. Minha roupa combina muito bem com ele.

A Astrônoma se deu por vencida e disse:

—Tudo bem. Acho que podemos chegar a um acordo. O que você quer?

—O seu leque em troca do meu mapa.

—O mapa não está comigo, mas eu posso dizer onde ele está e aí você me entrega o leque.

—Assim não. Você me diz onde está, eu vou até lá, pego o mapa e deixo o seu leque no lugar.

A Astrônoma negou com a cabeça.

—Não vai dar certo!

—Você escolhe. Eu estou ansiosa para conversar com a Bailarina.

A Astrônoma mordeu os lábios e respondeu.

—Está bem, vamos fazer do seu jeito, mas eu posso pedir outra coisa a você? Eu quis desde o momento que te vi.

Carol olhou nos olhos da Astrônoma e disse:

—Se você não tem outra coisa para oferecer, então não. E você não tem mais nada que eu queira ou precise, ou tem?

As duas ficaram por lá mais um tempo discutindo como seria feita a troca. A Astrônoma contou onde o mapa estava escondido e como Carol faria para pegá-lo. O lugar onde o mapa estava não surpreendeu Carol que se lamentou por não ter pensado nele antes. Até a hora do baile já estaria com seu mapa novamente.

\* \* \*

O baile havia começado há quase duas horas, mas Carol só ficara por lá durante uns quinze minutos, mesmo assim, graças ao seu vestido, passara quase despercebida. Tão logo chegou, confirmou a presença do Pescador, ele precisaria estar no baile para garantir que tudo daria certo. Como combinado, a Astrônoma havia conversado com ele o tempo necessário para que pegasse seu mapa de volta.

Agora que já estava de posse dele novamente, precisava fazer sua parte, ir até o Maestro e pedir que ele tocasse a música que a Astrônoma havia escolhido. Caso não tivesse conseguido pegar o mapa, a música escolhida seria diferente.

Não seria difícil chegar até o Maestro, ele estava em um pequeno palco montado para o baile. De onde estava, podia ver a Professora sentada bem próxima ao palco, de olhos fechados, imaginando sabe-se lá que cheiros, cores e sons. Quando chegasse lá bastaria entregar um dos dois bilhetes com o nome da música que a Astrônoma havia deixado com ela.

Os bilhetes estavam em um dos bolsos do vestido e no outro estava o lenço azul com a localização do tesouro. Carol apertava a mão sobre o bolso para sentir o volume que o mapa criava.

Andando por fora da área do baile, chegou à beira do palco e estendeu o bilhete para o Maestro. Ele veio até ela, pegou o bilhete e fez um sinal de positivo com o polegar. A música que estava tocando naquele momento era bastante conhecida, mas da música que estava escrita no bilhete Carol nunca ouvira falar.

Voltou passando novamente por fora do baile até parar em um ponto de onde conseguia ver a Astrônoma e o Pescador conversando. Pouco tempo depois outra música começou a tocar, devia ser a do bilhete, pois a Astrônoma falou alguma coisa com o Pescador e se afastou. Carol havia pedido que ela não dissesse nada sobre a troca.

Acompanhou com os olhos a Astrônoma passar pela entrada do baile e ir embora para buscar o leque. Ela também iria gastar quase duas horas para voltar e chegaria no horário que ela havia combinado com a Bailarina.

A fantasia de espanhola dela ficaria perfeita quando estivesse com o leque.

Agora podia aproveitar o baile sem outras preocupações. Saiu do lugar onde estava e resolveu passar no meio do salão, não conhecia quase ninguém ali, mas com certeza havia mais do que as trinta e oito pessoas que o Pescador havia falado naquele dia, provavelmente muitas haviam levado convidados. Havia menos pessoas fantasiadas do que achou que iria encontrar no baile, mas

os convidados talvez não estivessem vestindo fantasias. Pediu licença às pessoas que estavam no meio do salão e chegou ao outro lado.

Seu alvo era o pescador que estava de costas para a direção de onde ela vinha. Chegou perto dele por trás e disse:

—Dança a próxima canção comigo?

Ele não associou a voz com a pessoa, mas quando se virou a surpresa estampada no seu rosto não deixava dúvidas, ficou tão branco que poderiam achar que estava fantasiado de boneco de neve. O que quer que fosse o que estava bebendo, engoliu de uma vez só, quase se engasgando.

—Parece que viu um fantasma. — Carol falou com um sorriso maroto no rosto.

O Pescador se refez do susto e respondeu.

—Ora, claro que não. Estava com saudade, mas não tenho tido tempo para ir visitar você. Como você está?

—Que gentil você perguntar! Tenho andado por aí tentando recuperar o tempo perdido. Imagino que você tenha passado por mais uma das suas aventuras.

O Pescador, visivelmente pouco a vontade, desconversou.

—Que nada, tenho passado o tempo pensando na vida.

—Você disse que estava sem tempo para me ver, pensei que estivesse fazendo algo mais importante.

Ele não conseguia encontrar uma saída para aquela situação.

—Pois é, ando muito ocupado, muito trabalho, não tenho tempo de fazer nada e aproveito para pensar na vida, é isso.

Carol se virou para sair e disse:

—Aproveite bem o baile! Vou dar uma volta pelo salão.

Ela saiu de onde o Pescador estava e foi sentar em uma mesa vazia ali perto, depois de sentar viu o Pescador passar rápido pela entrada. Pela pressa não iria voltar mais ali.

Todas as mesas no salão estavam enfeitadas com pequenos buquês de flores e em vários pontos havia colunas floridas. Completando a decoração várias bolas de cores variadas flutuavam sobre o salão. O ambiente estava propositalmente pouco iluminado

para que as pessoas prestassem mais atenção ao palco e à área de dança.

Olhando para as pessoas no salão, finalmente conseguiu reconhecer algumas com quem tivera contato naqueles últimos dias. Além da Professora que estava próxima do palco, viu a Mulher-com-gaiola-vazia e o Cego-de-um-olho-só conversando em um dos cantos. Ela vestida como uma bruxa e ele aproveitando o tapa-olho para compor um visual de pirata.

A Astrônoma havia saído e o Pescador havia ido embora, as pessoas que restaram Carol não conhecia e nem fazia questão de conhecer, exceto na verdade uma, o Maestro. Desde que ouvira o ensaio das músicas do baile imaginou que seria interessante conversar com ele. Talvez a Professora os apresentasse, mas agora ele estava muito ocupado conduzindo as músicas, seria melhor esperar um momento mais oportuno perto do fim do baile.

Ficou por ali um longo tempo, quase invisível no seu vestido preto, às vezes fechava os olhos degustando notas musicais variadas ou apreciava quadros pintados pelas músicas no ambiente, tudo regado pelo sabor de ter conseguido o seu mapa do tesouro novamente.

Com o pensamento tão distante nem percebeu a aproximação da pessoa parada ao seu lado que perguntou.

—Posso sentar com você?

Carol olhou para a mulher desconhecida parada ao seu lado e fez um sinal para que ela sentasse, em seguida se levantou e foi em direção ao palco sem dar qualquer atenção a mulher que acabara de sentar.

Sua invisibilidade havia acabado.

O Maestro no palco parecia estar descansando durante o intervalo entre as músicas. Carol pegou um copo com água e foi até ele, chegando próxima fez-lhe um comentário para ser gentil.

—Obrigada por ter tocado minha música.

O Maestro não a havia reconhecido e se desculpou.

—Desculpe, não lembro qual foi o seu pedido.

Carol apontou para o outro lado do palco e disse.

—Eu te passei um bilhete ali do outro lado.

—Ah sim, agora lembro, aquela música é difícil, raramente alguém pede para que seja tocada.

Quando ele disse isso Carol entendeu por que a Astrônoma havia escolhido logo aquela. A música no outro bilhete também devia ser pouco conhecida. A Astrônoma era mais inteligente do que pensava.

Meio sem graça Carol falou.

—Eu trouxe água. Imagino que, depois de comandar todas essas músicas maravilhosas, você esteja com sede.

O Maestro respondeu lisonjeado.

—Obrigado, mas se você achou as músicas assim maravilhosas é por que tem um gosto musical bem apurado.

Carol sentiu seu rosto ruborizar.

O Maestro fez um convite.

—Quer andar um pouco pelo salão? Aqui no palco é muito quente.

—Adoraria, mas não quero atrapalhar.

—Não será incômodo algum, estou descansando e as próximas músicas estão gravadas.

O Maestro desceu os três degraus que levavam ao salão e ofereceu a mão para que Carol descesse em segurança. Ela desceu com cuidado para não correr o risco de tropeçar com aqueles sapatos de salto alto que estava usando.

Uma música lenta começou a tocar nos alto-falantes.

—Será que podíamos dançar essa música? — Carol perguntou.

O Maestro ficou desconcertado com o pedido, mas aceitou.

—Não vejo porque não.

O Maestro parecia alguns centímetros menor que Carol, principalmente devido a altura do salto. Fora bastante providencial ter conseguido o sapato com a Astrônoma. Ir ao baile descalça seria impensável.

—Talvez eu pise no seu pé, já faz muito tempo que não danço, principalmente com uma garota tão bonita.

Carol sorriu, sentia-se muito leve e totalmente à vontade ao lado dele, como se já o conhecesse há bastante tempo.

—Não se preocupe, talvez eu não pise no seu pé.

Os dois conseguiram dançar a música inteira sem machucar os pés um do outro. Carol havia ficado em silêncio durante a música toda, desfrutando um momento de tranquilidade e paz depois dos dias conturbados pelos quais havia passado, como se estivesse em um sonho.

O sonho acabou junto com a música.

—Parabéns! Você dança muito bem. — O Maestro elogiou.

—Fui muito bem conduzida.

—O Anjo havia dito para não ficar conversando com ninguém no baile, mas não vejo por que não falar com você. Quem te convidou para vir?

—A Astrônoma. — Respondeu sem titubear.

—Essa vive no mundo da lua. — Brincou o Maestro.

Carol soltou uma gargalhada e respondeu.

—Acho que é o mundo preferido dela.

O Maestro olhou para o palco confirmando se estava tudo em ordem.

—Você não me disse seu nome. — Ele perguntou.

—Nomes não são assim tão importantes. Você não teria dançado melhor nem pior se o soubesse.

—Acho que não faria mesmo diferença, então você é a Garota Misteriosa?

—Algum mistério não faz mal a ninguém, mas você pode se lembrar de mim como a Garota Solitária.

—Lembrar de você? Isso está parecendo uma despedida.

—Eu poderia simplesmente desaparecer em uma nuvem de fumaça, mas uma despedida me parece mais apropriado.

—E eu vejo você novamente, Garota Solitária? — Quis saber o Maestro.

—Infelizmente não sei prever o futuro, ando meio ocupada ultimamente, mas se eu quisesse encontrar você, seria difícil?

O Maestro falou como ela poderia encontrá-lo se quisesse e disse que gostaria realmente de vê-la novamente. Carol não fez qualquer promessa e apenas se despediu.

—Tenho que ir agora.

—Por quê? Sua carruagem vai virar abóbora?



Carol pensou por uns instantes e disse.

—Já que você tocou no assunto...

O Maestro a olhou com um ar curioso.

—Vou fazer um feitiço para que você sempre se lembre de mim.

—Um feitiço? Acho que tenho medo de feitiços.

—Desse você vai gostar. Olhe fixamente para os meus olhos sem piscar nenhuma vez.

Ele atendeu ao pedido e ela continuou.

—Toda vez que você vir uma abóbora irá se lembrar de mim, como a garota que foi embora sem te dizer o nome. Agora repita.

Ele quase riu, mas repetiu o que Carol havia dito.

—Toda vez que eu vir uma abóbora irei me lembrar de você, a garota que não me disse o nome.

—Agora pisque os olhos duas vezes. — Carol pediu.

Ele piscou.

—Pronto, agora você está enfeitado.

O Maestro sorriu.

—Tem certeza?

Por cima do ombro do Maestro Carol viu quando a Bailarina passou pela entrada, a roupa era inconfundível e em breve a Astrônoma também chegaria.

—Na verdade, só falta uma coisa para selar o feitiço.

Ela aproximou-se e deu-lhe um beijo rápido nos lábios, então virou e foi andando rápido para sair dali.

O Maestro ficou sem ação.

Já fora do salão do baile, Carol esperou até que a Astrônoma chegasse, e como havia imaginado não demorou muito para que ela passasse pela entrada com sua roupa de espanhola e com o leque na mão. Dera tudo certo. A Astrônoma foi em direção à Bailarina para dar um abraço de boas vindas.

Carol tirou os sapatos de salto alto e deixou ali mesmo, não precisaria mais deles. Preferia fazer o caminho até seu abrigo descalça, como sempre fizera antes. Pôs-se a andar lentamente de volta, desejando dormir em paz, estava precisando muito descansar. Também não via a hora de recolocar seu vestido que havia deixado

no abrigo antes de ir para o baile, era bem mais leve e confortável do que o que estava usando, embora pudesse ainda estar molhado.

O clima gostoso da madrugada era muito relaxante e deixava as lembranças daquele dia mais claras. Depois de ter conversado com a Astrônoma de madrugada, havia ido para seu abrigo e ficara lá durante todo o dia, até a hora de ir para o baile, então colocou o vestido, calçou o sapato e foi até lá conferir a presença do Pescador e da Astrônoma.

Como eles realmente estavam lá, voltou até o abrigo e recolocou o vestido antigo, pegou uma das sacolas de plástico e colocou o leque dentro, de lá foi andando o mais rápido possível até o lago. O Pescador escondia suas coisas dentro do lago. Bastante apropriado para um pescador e não chamava a atenção, quando precisava era só ir até lá com a vara e puxar sua sacola escondida.

A Astrônoma não sabia o lugar exato, mas deu algumas dicas, chegando ao lago Carol tirou a roupa e entrou como já fizera tantas vezes antes, e pensar que já havia passado perto do seu mapa várias vezes sem saber. Com as dicas da Astrônoma não teve dificuldade para encontrar a sacola.

No fim das contas, aquele papo de ensinar o peixinho dourado a pescar devia ser pura embromação, entre outras mentiras que o Pescador havia dito a ela.

Resgatou a sacola. Na verdade, havia várias delas, uma envolvendo a outra para evitar que a água molhasse os objetos lá dentro, pegou o que queria e colocou o leque dentro da sacola. Colocou uma marcação sobre a água para facilitar quando a Astrônoma fosse pegar o leque.

Saiu da água toda molhada, colocou o vestido e voltou também o mais rápido possível, depois foi só voltar ao baile e pedir a música ao Maestro. Tudo havia funcionado perfeitamente.

Estava de volta ao abrigo, havia estendido o vestido dentro da cabana e agora já estava seco. Apesar de tudo que havia feito naquele dia, só ficava triste de não poder ver a reação do Pescador quando pegasse sua sacola de dentro do lago e percebesse que não haviam levado só o lenço azul com a localização do tesouro.

Tirou o lenço do bolso do vestido preto e amarrou o cabelo com ele, depois trocou de vestido, recostou em um canto e dormiu com um enorme sorriso no rosto.

## Dia 18

Um longo acesso de tosse acordou Carol. Um cheiro de fumaça estava espalhado pelo ar. A manhã estava muito mais quente do que o habitual. Quando abriu os olhos viu um céu tomado por nuvens escuras de fumaça. Diversos pássaros passavam fugindo do calor. Pelo visto, uma parte da floresta estava pegando fogo.

Naquele momento ela se deu conta de que não estava no seu abrigo, aliás, não estava nem perto dele. Aquele lugar da floresta era desconhecido e não lembrava como havia chegado ali. Estava usando o vestido antigo e o lenço continuava amarrado ao seu cabelo. Desatou-o e viu que uma parte dele também estava queimada.

Em algum momento deve ter estado mais perto do incêndio. E conseguiu fugir até ali. Olhou em volta de onde estava sem conseguir precisar qual parte da floresta estava pegando fogo. A quantidade de fumaça no ar parecia aumentar a cada instante.

Tapou a boca e o nariz com o lenço para não respirar tanta fumaça. Começou a andar na mesma direção em que os pássaros estavam indo. Não conseguia andar muito rápido sem respirar direito.

Olhava assustada para os lados, podia ver algumas labaredas mais altas nas árvores ao longe. Estava em uma área que parecia uma pequena clareira, mas não podia ficar ali, se o fogo tomasse as árvores em volta dela, não conseguiria resistir ao calor e a fumaça.

Entrou no meio das árvores procurando um caminho para sair dali, o chão cheio de folhas secas era preocupante, se o fogo atingisse as folhas, rapidamente atingiria qualquer um que estivesse ali. Não sabia o que fazer, apenas procurava alguma trilha com menos folhas para passar.

Outro acesso de tosse fez com que parasse no meio da trilha, chegou a se abaixar de tanto tossir. De repente, uma voz conhecida chamou sua atenção.

—Carol caiu no buraco! — O papagaio passou por onde estava e seguiu adiante.

Se conseguisse segui-lo, talvez fosse para algum lugar mais seguro. Precisava andar mais rápido se quisesse encontrar um lugar com menos fumaça. Foi na mesma direção que o papagaio, andando o mais rápido que conseguia.

Mais a frente, a trilha ficava mais larga e outra pequena clareira surgia. Foi rápido até lá e se colocou bem no meio daquela abertura. Seus olhos estavam irritados, mas se ficasse ali por algum tempo eles deveriam melhorar um pouco. Estava bastante suada e o vestido já ficava colando no corpo.

Abriu o lenço para olhar novamente a posição onde estava a cruz que marcava seu tesouro, mas que tesouro seria aquele pelo qual estava se arriscando tanto? Olhou o mapa e viu que nele também havia uma grande área queimada em um dos lados, se fosse o lado de onde estava vindo então precisava continuar na mesma direção para chegar ao local com a cruz.

Colocou o mapa no bolso, depois se abaixou e começou a rasgar uma faixa da barra do vestido, pegou a faixa de pano e enrolou entorno da boca e do nariz, dessa forma não precisava ficar com uma das mãos ocupadas segurando o lenço.

Seguiu em frente saindo daquela área vazia. As chamas não deixavam muitas opções de caminhos para ela seguir. Andou por pouco tempo naquele caminho e finalmente viu um lugar conhecido, a entrada da caverna onde ficava o espelho, seria um bom esconderijo, afinal, não havia nada que pudesse pegar fogo lá dentro.

Entrou só para constatar que fora uma péssima idéia, em pouco tempo, além de estar assada, também estaria defumada, saiu o mais rápido que pôde, lembrando que perto dali estaria o lago, onde poderia ficar a salvo dentro da água.

Precisou descer correndo bastante, o fogo se alastrava rápido em sua direção, queimando o mato rasteiro que estava bem seco. Seus pulmões mal conseguiam absorver o ar quente e seco que estava ao seu redor.

Quando avistou o lago fez um grande esforço para chegar até ele. O nível da água estava tão baixo que pôde ver a sacola do

Pescador ali no meio do lago, esquecida ou deixada na pressa de sair dali.

Pretendia dar um mergulho para se refrescar do calor, mas com aquela quantidade de água isso não seria possível, pegou o seu lenço no bolso e voltou a amarrar o cabelo com ele, retirou o vestido e o encharcou na água, depois o torceu sobre o seu corpo como se fosse uma esponja.

A água fria era tão relaxante que Carol pensou em ficar ali mesmo, talvez conseguisse resistir ao calor, apenas se molhando enquanto as árvores ao redor pegassem fogo.

Esse plano deixou de parecer bom quando viu uma das árvores que estavam pegando fogo ali perto cair espalhando brasas por uma boa área do chão. Não era uma boa idéia ficar ali, precisava continuar em frente tentando encontrar um ponto que fosse realmente seguro.

Molhou o vestido uma última vez e o vestiu mesmo molhado, assim ficaria protegida do fogo por algum tempo ainda. Saiu do lago e foi andando em direção ao caminho que a levaria até o seu abrigo, de alguma forma, o fogo a estava levando de volta para lá.

O vento forte fazia o fogo se espalhar fácil de uma árvore para outra. Havia fogo nos dois lados do caminho por onde estava andando. Logo a frente seria a pior parte para se passar. No ponto onde o caminho ficava mais estreito, o fogo queimava em ambos os lados e parecia estar mais forte exatamente naquele ponto.

Respirou fundo e passou correndo por lá, teria passado sem qualquer problema se não tivesse tropeçado em alguma coisa deixada ali no meio do caminho. Levantou-se rápido e olhou para trás, havia tropeçado na gaiola vazia da mulher que havia batido nela há tanto tempo. A gaiola de madeira estava chamuscada, como se alguém a tivesse tirado das chamas, mas a deixado ali na beira do caminho.

Será que a Mulher-com-a-gaiola-vazia estaria perto? — Pensou.

Sabia que os atalhos para a mesa quadrada e para a mesa redonda ficavam ali naquela direção, eram dois caminhos pelos quais não poderia passar.

Só restava seguir em frente e torcer para que o caminho até o seu abrigo estivesse em melhores condições.

Surpreendentemente, o restante do caminho já não estava em chamas, na verdade, parecia que o fogo já havia passado por ali mais cedo e se expandido pelo outros lugares da floresta, à beira do caminho apenas algumas touceiras de mato fumegavam aqui e ali. Talvez Carol estivesse daquele lado quando o incêndio começou e fugiu procurando um lugar onde o fogo não a alcançasse.

Sem sobressaltos ou dificuldades o caminho estava sendo tranqüilo. Até o ar estava praticamente sem fumaça, embora ainda um pouco seco. O cenário era desolador, tudo queimado. O preto sobrepondo a imagem verde de que lembrava tão bem.

Apenas um temor tomava conta dos pensamentos dela naquele momento e quando andou um pouco mais viu que esse temor havia se concretizado.

Mesmo de longe pôde ver a Goiabeira, sem folhas, com o tronco e os galhos pretos. Totalmente queimada.

Correu ao encontro dela. Ainda havia fumaça saindo do seu tronco, mas nenhuma folha, nenhuma goiaba, nada. Apenas lembranças. Mal olhou para o lugar onde era seu abrigo que também havia sido consumido pelas chamas. O choque de ver sua amiga naquele estado era mais forte.

Sentou-se próxima a ela esperando que a fumaça acabasse para poder chegar mais perto, o chão recoberto de fuligem, restos de tantas árvores queimadas. Vez por outra um galho queimado da Goiabeira caía, produzindo uma pequena nuvem de cinzas, era como se estivessem arrancando um pedaço do corpo de Carol.

Não havia nada que pudesse fazer, além de assistir o sofrimento silencioso da árvore. Os últimos instantes da Goiabeira duraram um longo tempo.

\* \* \*

—Por que isso precisava acontecer logo com ela? — Perguntou com voz triste, mas não se assustou quando ouviu a resposta.

—Porque mesmo as melhores intenções podem produzir resultados que não desejamos, ou que não podemos controlar.

A voz do Anjo procurava trazer algum alento para a garota.

—Eu sempre acreditei que o fogo pudesse iluminar as sombras e trazer a verdade à tona, não posso aceitar que a verdade seja a Goiabeira ter ido embora. — Disse ela.

—Carol não acha que a Goiabeira foi para um lugar melhor? — Questionou a voz do Anjo.

—Não poderia dizer, ela não sabia em que a Goiabeira acreditava.

O Anjo pensou um pouco antes de fazer a próxima pergunta.

—Se ela soubesse que a Goiabeira tinha certeza de ir para um lugar melhor, se sentiria melhor?

—Acho que não faria qualquer diferença para a Goiabeira Carol se sentir melhor ou pior.

—Mas faria diferença para Carol? — O Anjo perguntou dando ênfase na pergunta.

Não houve resposta.

—Se Carol acreditasse que a Goiabeira iria para um lugar melhor, ela a ajudaria a ir para lá? Independente de a Goiabeira pedir ou não?

—Acredito que Carol não faria nada contra a vontade de quem quer que seja.

O Anjo escolheu bem as palavras que usaria em seguida.

—Eu acredito que Carol não gosta de ser contrariada, e não mediria esforços para fazer tudo de bom que estivesse ao seu alcance por alguém de quem ela gostasse, embora nem sempre seja capaz de entender as conseqüências.

—Você acha que Carol é incapaz de entender essas tais conseqüências?

—Talvez seja incapaz apenas de se importar com elas. Ela corre bem rápido, pode se afastar das conseqüências sem muito esforço.

—Entendo. A propósito, você não disse como Carol foi parar do outro lado da floresta se antes ela estava no seu abrigo dormindo.



—Eu não sei como aconteceu, quando a vi estava caída na floresta e tudo em volta estava pegando fogo, então ela fez todo esse caminho até chegar aqui.

—Você acha que pode ter sido Carol quem colocou fogo na floresta?

—Isso é impossível, não é? Eles não têm como fazer fogo lá.

—Pelo que você contou parece que havia uma possibilidade.

Havia um desconforto na resposta.

—Eu só posso contar o que vejo e não a vi mexendo com fogo em momento algum. Você me ouviu falar dela usando fogo? — Foi a resposta irritada.

O Anjo tentou acalmá-la.

—Desculpe, foi só uma suposição, porque se tivesse sido ela a colocar o fogo na floresta, então a culpa da Goiabeira ter pegado fogo também seria dela, você entende isso?

—Não foi Carol quem colocou fogo na Goiabeira, ela estava lá e o fogo a consumiu, como consumiu tudo mais em volta.

O Anjo continuava sua teoria.

—Mas a Goiabeira não tinha como sair de onde estava. Ela estava presa.

—Você se preocupa demais com a Goiabeira, porque não planta uma para você? Ela não está mais aqui, não há nada que possa ser feito. Ela estava presa? Sim, estava. Mas você vê algum sentido em tirá-la de onde estava? Para onde Carol iria levá-la? Como iria cuidar dela?

—Tudo bem. No fim das contas Carol acha que foi melhor para a Goiabeira o que aconteceu com ela? — O Anjo perguntou.

—Deve ter sido melhor.

—Mais uma pergunta. Se Carol pudesse ter salvado a Goiabeira do fogo, você acha que ela faria isso?

—Carol acredita sobretudo no destino, se a Goiabeira foi levada pelas chamas é por que era seu destino, você não acredita em destino?

—Acredito sim e temo muito pelo destino de Carol.

—O que irá acontecer com ela agora?

—Ela ainda tem o mapa, não tem?

—Sim. Continua amarrando seus cabelos.

—Ela precisa seguir o mapa para encontrar o tesouro e desvendar o segredo.

—E você acha que ele estará aqui por perto?

—Certamente não está além da capacidade de Carol. Você pode continuar me dizendo o que vê?

—Claro.

A voz do Anjo silenciou.

\* \* \*

Carol retirou o lenço do cabelo e passou a olhá-lo com atenção. Ele estava todo chamuscado e apenas em volta do lugar com a cruz que marcava seu tesouro o terreno parecia não estar queimado. Entendeu aquilo como um recado para procurar um lugar que não tivesse sido queimado.

Onde procuraria um lugar daqueles? Levantou-se da beira da Goiabeira reduzida a cinzas e olhou com atenção em volta. Embora tudo estivesse queimado, parecia haver uma longa faixa seguindo pelo meio da floresta em que a vegetação era baixa e traçava um caminho repleto de cinzas.

Mesmo de onde estava pôde ver ao longe o que pareceu ser um agrupamento de árvores ainda verdes. Aquele deveria ser o lugar. Seguiu pelo meio da floresta, andando sobre as cinzas.

Não demorou a chegar ao lugar que havia visto de longe. Uma área verde em meio a destruição, só podia ser ali, uma ilha verde com formato igual ao espaço não queimado no mapa. No meio daquela área, em uma pequena elevação no terreno, uma cabana branca com grades nas janelas parecia não ter sido atingida pelas chamas.

Finalmente encontrara a cabana com a qual havia sonhado tanto tempo atrás. Não conseguia ver a porta que, provavelmente, ficava do outro lado.

Andou na beira da grama ainda verde, havia um limite bem definido entre a área queimada e a outra que parecia ter ficado

imune a tudo que ocorreu em volta. Finalmente viu a porta da frente da cabana, também havia uma grade na porta.

Será que os moradores se sentiam mais livres sabendo onde as grades acabavam? Carol pensou.

Não teve mais dúvidas de que era o lugar do seu tesouro quando viu a cruz colocada quase em frente à porta.

Lembrou das palavras do Pirata.

“O tesouro está marcado com uma cruz.”

Um pequeno jardim, muito agradável, decorava o caminho que levava à porta.

\* \* \*

—Você acha que Carol está preparada para entrar na cabana?  
A voz do Anjo foi ouvida.

—Por que não estaria?

—Ela não sabe o que vai encontrar lá dentro, talvez o choque seja muito grande, quase insuportável. Só preciso lembrar que caso ela entre na cabana e reveja o que aconteceu lá dentro, será o passo decisivo para ir embora da floresta.

—A única forma de saber é entrando.

—Então está bem, mas não vamos fazer isso hoje, nosso tempo já está esgotando. Por ora eu quero que Carol deite no jardim e durma, assim retomamos exatamente de onde tivermos parado.

—Entendido.

\* \* \*

Carol parou próxima ao jardim e se abaixou com muito sono, não lembrava tudo que havia passado para chegar até ali, mas estava muito cansada.

O perfume das flores era muito agradável e logo Carol estava dormindo.

\* \* \*

- Tudo bem, agora eu vou contar até três e você irá despertar.
- Um.
- Dois.
- Três.

## Dia 19

A secretária abriu a porta e Carla entrou na sala, uma espécie de consultório improvisado. O médico que a atendia possuía vários títulos, certificados e diplomas pendurados nas paredes daquela pequena sala.

Hoje ele não estava sozinho, outro homem o acompanhava. Não sabia se devia continuar ou voltar outra hora, mas o Dr. abriu um sorriso e fez um sinal para que se deitasse no divã próximo à mesa. O lugar estava sempre impecável, papéis alinhados e lápis e canetas colocados dentro de copos coloridos. A plaquinha também estava lá. Sempre estava.

“Dr. Lourival Anjo da Costa” a placa dizia, mas todos ali sempre o chamaram de Dr. Anjo, ou simplesmente Anjo. Carla deitou no divã de uma forma já programada, conhecia a rotina.

O Dr. Anjo sentou na cadeira próxima a cabeça de Carla enquanto o outro homem ficou em uma cadeira mais afastada.

—Bom dia, Carla! Antes de tudo, gostaria de apresentar o Dr. Deusenir Antônio. Normalmente nossas sessões são individuais, mas como acredito que esse possa ser nosso último encontro, então achei apropriado que ele participasse conosco. Não há nada para você temer, a presença dele aqui não muda nossa rotina.

Carla sorriu para o Dr. Deusenir, ele também se vestia todo de branco como o Anjo, não sabia qual era a especialidade dele, mas andava com um estetoscópio pendurado no peito.

O Dr. Anjo continuou.

—Eu não disse nada importante sobre você para o Dr. Deusenir e acho que isso nem é mesmo necessário, ele não irá interferir na nossa conversa, nem na sua história, entendido?

Carla balançou a cabeça afirmativamente.

—Está preparada para começarmos?

Carla respirou fundo e assentiu com a cabeça novamente, sempre ficava um pouco nervosa antes de começar o procedimento.

—Antes de começar, vou lembrar a você que com base em tudo que você me disse nas últimas sessões, esse deve ser nosso último encontro, diferentemente das outras dezoito sessões, eu vou precisar deixar você se lembrar de tudo o que me contar dessa vez.

Carla assentiu mais uma vez com a cabeça enquanto o Dr. Deusenir apenas a olhava com um olhar de curiosidade.

—Desde que eu assumi o seu tratamento, acredito que esse é o dia em que você está mais próxima de receber alta. Todos ficaram muito felizes, mas ainda é preciso o aval de um médico como eu para garantir que você está curada dos seus traumas e que pode voltar a viver em comunidade, se tudo der certo, você recebe alta hoje.

Carla continuava deitada como se o médico nem estivesse falando com ela.

—Bem, nós já fizemos dezoito dessas sessões de regressão hipnótica, é um número alto para os padrões adotados, mas o resultado está sendo bom, embora você talvez nem saiba o que está acontecendo.

Ele continuava falando, enquanto explicava o procedimento para Carla também colocava o Dr. Deusenir a par do que estava acontecendo.

—Nesse procedimento você foi transportada por muitos lugares dos quais não se lembra agora, mas eles não eram importantes, apenas o lugar que você vai ver hoje tem um significado especial e é por isso que vamos ficar o tempo que for preciso para esclarecer tudo. Então vamos começar.

O Dr. Deusenir acompanhava os procedimentos do Dr. Anjo para fazer Carla dormir, ele havia sido convidado para assistir o que seu amigo esperava ser a sessão definitiva no tratamento dela. O Dr. Anjo estava usando uma técnica experimental que ele mesmo havia criado para tentar fazer o paciente entender o seu trauma e dessa forma poder se libertar dele.

Carla havia sido internada com um caso grave de alteração de realidade, ela pensava viver em uma floresta, podia ver grandes árvores onde havia apenas arbustos, via pequenos espaços como

grandes clareiras. Exagerava e trazia para sua floresta particular elementos do mundo real.

O Anjo não disse por qual trauma ela havia passado, iria deixar que o Dr. Deusenir acompanhasse os acontecimentos ali no consultório. Caso ele fosse bem sucedido com a Carla, poderia expor seu método em uma das conferências anuais e certamente ganharia uma enorme notoriedade. Caso não fosse, ninguém poderia reclamar.

O Dr. Anjo já havia passado pela fase de hipnose e agora começaria os procedimentos de acompanhamento.

—Você consegue ver onde Carol está? — O Anjo perguntou.

—Sim. Está deitada, dormindo na beira do jardim em frente à cabana.

—Isso mesmo, foi onde a deixamos na sessão anterior. Quero que você continue a partir daí.

\* \* \*

Carol acordou lentamente, a princípio sem saber onde estava, quando olhou em volta e viu a grama verde e a cabana com grades pensou se tratar de um sonho. Apenas quando notou a cruz ali ao lado foi que se lembrou do dia anterior, do incêndio, do mapa e da caminhada até ali.

\* \* \*

—Muito bem, agora Carol precisa entrar na cabana. — O Anjo falou.

—Mas a porta está trancada e ela não tem a chave.

—Sim. Carol não tem a chave, mas você tem, lembra? — O Anjo conduzia a conversa com cuidado.

—Eu devo ir até lá entregar a chave a ela?

—Imagino que isso não seja necessário.

—Por que não? Ela vai vir pegar a chave de mim?

—Não. Isso também não. Ela não precisa da chave porque quem vai abrir a porta não será ela, será você.

—Ela não pode abrir a porta? — Um tom de nervosismo fazia a voz soar trêmula.

De certo modo, o Anjo já esperava alguma reação desse tipo e explicou a situação.

—Não. Carol não pode abrir a porta porque ela não existe. É apenas uma sombra de você mesma e sombras não podem fazer nada. Se você olhar agora, verá a sombra desaparecendo.

As pálpebras dos olhos de Carla, ali deitada, se moviam rápido, gotas de suor escorriam pela sua frente e suas mãos se fecharam devido à tensão do momento.

—Carla, eu preciso que você, e não Carol, entre dentro dessa cabana. Dentro dela está guardado o seu segredo mais íntimo. A resposta para a pergunta mais difícil de responder: quem você é de verdade. A resposta para essa pergunta é mais preciosa que qualquer tesouro com o qual você já tenha sonhado. Se você não for capaz de atravessar essa porta, então não haverá nada que eu possa fazer por você.

Carla relutava em aceitar aquela tarefa, parecia estar em conflito consigo mesma. O Anjo não fez mais qualquer comentário até que ela quebrasse o silêncio.

—Está bem, eu vou entrar. Você disse que eu tenho a chave, onde está?

—Onde sempre estive, pendurada no cordão que está em volta do seu pescoço.

—Estou indo, então.

\* \* \*

Eu retirei o cordão que estava pendurado no meu pescoço e fui andando na direção da cabana. Carol já não estava mais lá. Cheguei em frente à porta e limpei os pés no tapete de boas vindas. No cordão havia duas chaves, uma pequena para a grade e outra maior para a porta.

Coloquei a chave menor na fechadura da grade. Dei a primeira volta com a chave que fez o percurso sem dificuldade, minhas mãos tremiam um pouco. A segunda volta da chave também não teve



qualquer problema. Girei a maçaneta e puxei a grade que se deslocou com um rangido.

Dei alguns passos para trás, agora só faltava abrir a porta e me defrontar com o que quer que estivesse lá dentro. Voltei a ficar em cima do tapete. Antes de colocar a chave na fechadura da porta, coloquei o ouvido na porta para tentar ouvir alguma coisa lá de dentro, apenas silêncio.

Eu tinha a chave, não precisava bater antes de entrar, ainda assim sentia medo. Mal conseguia colocar a chave grande na fechadura, minhas mãos tremiam muito, respirei fundo e dei as duas voltas com a chave de uma vez, girei a maçaneta e empurrei a porta.

Peguei o cordão com a chave e coloquei de volta no pescoço. A cabana estava completamente vazia, não havia divisão de cômodos. Em um dos cantos um pia pingava, feixes de luz entravam pelas frestas. Dei alguns passos entrando na casa, a porta atrás de mim bateu com força, parecendo um tiro.

Foi o bastante para que me lembrasse de tudo. Aquele som me levou de volta no tempo, até o pior dia da minha vida. Quando me virei de volta minha memória havia recriado o cenário daquele dia fatídico.

Uma visão do inferno.

Em câmera lenta.

Ainda via a bala que acabara de atravessar a cabeça do meu pai voar bem devagar até atingir o quadro na parede quebrando o vidro e espalhando cacos por todo o chão. O corpo dele descendo bem lentamente, como se não quisesse cair de verdade. Um tiro certo.

Eu já havia brincado com aquela arma antes, uma pistola automática com capacidade para sete balas. Naquele dia ele só precisou usar três.

Meu pai sempre foi um homem muito forte, passou por muitos problemas na vida. Lutou contra doenças, a fome, a pobreza e sobretudo contra o medo. O medo de não poder nos dar condições de viver em meio àquele mundo de realidade tão difícil, nem sempre a roça era o suficiente para alimentar a família.

Sei que muitas vezes, quando a seca castigava a lavoura, ele deixava de comer para que eu não sentisse falta de alguma refeição.

Era um homem muito decente, muito direito, aquela atitude de tirar a própria vida foi um gesto desesperado, de alguém que se via, não encurralado, mas sem nenhuma razão para seguir em frente. Ainda assim, eu acho que ele nunca teria feito isso se mamãe não estivesse morta.

Antes de disparar contra si mesmo, havia ficado abaixado ao lado dela, acariciando o seu rosto, falando palavras ternas que ela nunca poderia retribuir. Ele havia disparado contra ela há apenas alguns minutos. O disparo foi a sangue-frio, minha mãe estava bem perto dele, ameaçando entregá-lo a polícia. Não sei se ele chegou a pensar antes de puxar o gatilho.

Minha mãe, assim como meu pai, sempre fez de tudo para cuidar da nossa família. Quando a chuva faltava, ela ia até a vila próxima para lavar roupas para as madames, nunca fugiu do trabalho, quando não havia roupas para lavar, limpava casas, cozinhava ou ajudava nas costuras das madames.

Às vezes passava dias sem poder voltar para casa, quando eu mesma cuidava do meu pai. Sempre que conseguia, ela me trazia um mimo. De tanto falar sobre mim para as patroas, elas pediram que me levasse um dia.

Passei um dia inteiro sendo paparicada pelas patroas e pelas filhas delas, muitas com a mesma idade que eu. Uma delas me deu o vestido florido que eu estava sempre usando e era meu preferido.

Aquele foi o dia de pagamento dela e nós voltamos brincando pelo caminho. Ela parou no mercado e me comprou um picolé, eu juntava os palitos para fazer casinhas de boneca. Às vezes eu andava até ali na beira do mercado para catar os palitos que os outros jogavam.

Mamãe também fazia todas as minhas bonecas, aproveitava as sobras de pano das costuras e de vez em quando produzia uma nova boneca. Eu dava nomes a todas elas e era eu também que fazia a maquiagem em cada uma delas.

Assim era minha mãe, sempre preocupada para que eu pudesse brincar como as outras garotas da minha idade, sempre

preocupada em que eu pudesse estudar nas épocas em que não ficava em casa cuidando do meu pai.

Ela nunca havia enfrentado papai antes, mas nesse dia, seu instinto de proteção materno temeu pelo meu pior. Por isso o ameaçava de ir à polícia denunciá-lo. Eu deitada no sofá e o meu irmão morto do outro lado, perto da porta, baleado depois de tentar evitar que ela apanhasse do papai.

Meu irmão era mais velho do que eu e quase não ficava conosco, estudava e morava na cidade com uns amigos, havia ganhado uma bolsa de estudos e não podia desperdiçá-la. Vinha em casa apenas nas férias e em alguns feriados longos. Dessa vez, coincidiu dele chegar justo na hora em que papai e mamãe discutiam, se não tivesse se colocado entre os dois, papai teria atirado primeiro em minha mãe.

Na época em que meu irmão ainda morava com a gente a vida era ainda mais difícil, uma boca a mais para sustentar e não havia trabalho para ele ali. Quando a colheita na roça era boa ele ajudava bastante, mas quando as coisas iam mal, não podia ajudar em nada. Por isso, estudou bastante para tentar a bolsa de estudos na cidade.

Ele não era muito inteligente, mas sempre foi bastante esforçado, ficava estudando até altas horas nos livros que mamãe havia conseguido para ele e se fosse preciso, no outro dia acordava cedo para ajudar nas tarefas da roça ou da casa.

Quando podia, ele sempre me levava para passear, mesmo que fosse perto da nossa casa. Na volta, apostávamos corrida e eu sempre chegava antes dele.

Um dia, pouco antes da viagem dele, passamos a tarde toda conversando em cima do pé de manga, era uma árvore enorme, que diziam ter mais de cem anos. Nós havíamos acabado de almoçar e fomos lá pra cima chupar mangas como sobremesa. Ele contava seus planos para quando fosse pra cidade e ainda falava do futuro, de quando terminasse os estudos e pudesse voltar para nos ajudar.

Mesmo depois daquele dia em que caí da mangueira e ele precisou me fazer um curativo nós não deixamos de ir até lá.

Aquela mangueira se transformou em nosso ponto de encontro e sempre que ele vinha para as férias era lá que ele me contava as

novidades do que havia acontecido com ele na cidade. As brigas, as namoradas, as notas baixas e outras coisas que ele não queria que papai e mamãe soubessem.

Naquele dia ele deve ter ouvido os dois brigando ainda do lado de fora, entrou correndo e viu os dois discutindo, papai segurando minha mãe enquanto ela tentava bater nele. Até que mamãe deu um chute bem dado no meio das pernas dele. Papai a largou meio sem respiração e meu irmão entrou no meio dos dois, puxando minha mãe para levá-la para fora de casa.

Foi nesse meio tempo que papai pegou a arma que ficava na parte de cima da estante e disparou contra meu irmão, ele nem chegou a ver papai atirar, depois do barulho do tiro, caiu morto no chão, antes de poder virar para ver de onde o tiro viera. Morreu perto da porta sem nem saber por que os dois estavam brigando.

Quando mamãe viu meu irmão caído partiu para cima de papai porque não podia acreditar que ele havia sido capaz de uma barbárie daquelas, mas os dois estavam brigando antes por que ela também não acreditou quando chegou em casa mais cedo e o viu em cima de mim, com a calça baixada, no sofá da sala. Eu com meu vestido levantado, sem nenhuma roupa por baixo.

Não sei por que ela ficou tão nervosa naquela hora, ele não estava me fazendo mal algum, já estava acostumada a ficar daquele jeito com meu pai. Eu o chamava de pai apenas por consideração, ele havia casado com mamãe quando eu ainda era bem nova, na verdade era meu padrasto.

Quando mamãe estava trabalhando para as madames e meu irmão estudando na cidade, eu e ele ficávamos muito tempo juntos e ele fazia questão de me dar banho. Era muito carinhoso comigo e sempre dizia que eu podia retribuir o carinho dele. Com o tempo ele me ensinou como.

Dizia que mamãe não fazia mais isso por ele, que ela passava muito tempo fora e que se sentia muito sozinho e inútil quando a roça estava seca. O que eu fazia o deixava muito feliz, tanto que ele não brigava nem batia na minha mãe quando ficávamos juntos.

“É o nosso segredo, enquanto você o mantiver nossa família vai ser uma família feliz”, ele dizia. Eu acreditava nele.

Se mamãe tivesse me perguntado eu poderia ter explicado tudo a ela, sobre como eu ajudava a deixá-lo feliz e tranqüilo para que ele não a machucasse. Não sei se ela teria entendido.

O que sei é que quando meu pai terminou de se despedir da minha mãe morta no chão, se levantou, olhou para mim deitada no sofá, acenou com a mão direita e com a mão esquerda puxou o gatilho. Com três balas minha família feliz estava destruída.

A garota deitada no sofá era eu. Eu era a garota deitada no sofá. Eu sou a garota deitada no sofá.

Virei para o lado chorando por tudo que vi acontecer. O que mais queria naquele momento era ir para uma floresta me esconder de tudo e de todos. Chorava profundamente, muito mais por dentro do que por fora. Lágrimas contidas, soluços abafados, eu não queria incomodar minha família deitada pela casa.

\* \* \*

O Dr. Deusenir olhava preocupado para Carla, ela estava deitada de lado, chorando copiosamente, com os braços cruzados, cravando as unhas na pele. Soluçava e tinha convulsões de tanto chorar. Ele olhou para o Anjo e disse:

—Você precisa tirar ela de lá agora!

O Anjo olhou para ele sem saber ao certo o que fazer.

—Ela precisa sair de lá agora.

Carla chorava sem controle sobre o divã.

—Carla, me escute. — Começou o Anjo.

—Você vai sair desse sofá agora, atravessar a casa e sair pela porta, quando você já estiver saindo, puxe a porta com bastante força para fechá-la. Do lado de fora não vá para o lado da floresta, há um portão logo depois do jardim onde eu vou esperar por você. Assim que você atravessá-lo estará fora da floresta e vou abraçá-la, te recebendo no meu consultório para conversarmos.

Carla continuava chorando no divã.

—Venha agora! — O Anjo chamou.

Pouco tempo depois o choro de Carla parou de repente, ela abriu os olhos, respirando fundo como se tivesse ficado sem ar,

olhou para o Anjo, o abraçou e aí voltou a chorar.

Dr. Deusenir observava a tudo em silêncio, parecia que a experiência havia dado certo, afinal.

Carla ainda ficou abraçada um longo tempo ao Anjo, ele parecia ser o seu porto seguro naquele momento. Depois, recuperada daquela descarga de emoções, disse:

—Então eu sou a garotinha que quer viver na floresta para sempre, como um *Peter pan* que não quer envelhecer, para não ter que enfrentar os problemas?

O Dr. riu da colocação de Carla.

—Exatamente, mas você era assim, agora espero que você possa lidar melhor com isso.

—Só espero que todas essas lembranças não me atrapalhem.

—Pense que todas elas ficaram fechadas dentro daquela cabana, lá longe, na nossa floresta imaginária e que você não precisa voltar mais lá.

Carla deu um suspiro de satisfação.

—Eu me sinto tão leve que poderia até flutuar.

—Então vá flutuando até o seu alojamento. Já está tarde, conversamos amanhã.

Carla saiu da sala do Anjo e foi para o alojamento.

Sentia-se outra. Sentia-se livre.

O Dr. Deusenir fechou a porta para conversar com o Anjo, mas quando se virou viu o Anjo caído no chão, ele parecia ter dificuldade para respirar. Gritou para a secretária do Dr. Anjo chamar os médicos e correu até ele para iniciar uma massagem respiratória.

Pelo que conhecia do Dr. Anjo, tanto podia ser um ataque cardíaco causado pela emoção do momento quanto alguma complicação pulmonar devido a grande quantidade de cigarros que ele fumava.

Finalmente a equipe de médicos chegou e levou o Anjo para ser tratado.

## Dia 20

O Dr. Deusenir andava pelo corredor do hospital na manhã seguinte em direção ao quarto onde o Dr. Anjo estava internado. Havia ficado impressionado com o trabalho do colega, se fosse possível tentaria aplicar a mesma técnica que ele em um caso com o qual estava tendo dificuldades no hospital onde trabalhava. O Anjo iria embora naquele dia, estava apenas esperando o fim do tratamento da Carla para poder voltar a trabalhar no caso das gêmeas que pensavam estar na idade média e foram acusadas de bruxaria.

Como relator da comissão de indicação para o prêmio quinquenal de melhores práticas em psicologia e psiquiatria, havia acompanhado de perto o trabalho do Dr. Anjo. A técnica que ele havia criado era muito instigante e se bem aplicada poderia abrir novas possibilidades para os pacientes mais graves.

Ainda era cedo e o hospital trabalhava em ritmo lento. Pelo que ficara sabendo o Anjo passara a noite bem.

A porta do quarto estava aberta e ele chamou pelo nome do médico para avisar que havia chegado.

—Fique a vontade, Deusenir. Já estou acordado.

Embora tivesse sido amável, parecia afoito e consternado por alguma coisa.

—Tudo bem? Passei aqui para devolver suas fitas das sessões da Carla, obrigado por ter me deixado ouvi-las. Embora não conheça o prontuário dela, só posso parabenizar você pelo ótimo trabalho, e desde já vou avisando que pretendo indicar seu nome para o prêmio.

O Anjo nem olhou para o Dr. Deusenir, apenas balançou a cabeça fazendo um gesto de negação, então falou baixinho.

—Acho que não será possível concorrer ao prêmio, não usando esse trabalho como referência.

—Ora, não estou entendendo, foi tudo um sucesso, a garota conseguiu sair da floresta, não era esse o objetivo?

O Anjo olhou para ele com certa tristeza

—Você ouviu todas as fitas?

—Sim, ouvi. Algumas vezes não entendia muito bem o objetivo da sessão, mas de forma geral, todas me pareceram muito bem conduzidas.

—Qual foi seu diagnóstico? — O Anjo perguntou.

O Dr. Deusenir ficou surpreso com a pergunta, achando-a um pouco indelicada, mas fez questão de responder.

—Ela é um caso meio complexo. No começo imaginei se tratar de síndrome do pânico, devido às manias de perseguição, depois pensei que poderia ser algum transtorno bipolar, às vezes ela estava eufórica, outras triste, características marcantes desse tipo de transtorno, mas por fim cheguei a conclusão de que se trata de um caso de bloqueio psicológico auto-induzido. Ela estava na floresta porque preferia estar lá, mas isso só é possível deduzir nessa última sessão.

O Dr. Anjo ignorou o comentário. Pigarreou e disse:

—A minha experiência consistia em fazer sessões de regressão hipnótica, em um ambiente controlado, no caso, a floresta onde ela pensava estar. Como você deve ter notado nas fitas, muitos dos lugares e personagens eu mesmo criava para induzi-la a me dar as respostas que eu procurava.

O Dr. Deusenir se mexeu na cadeira mostrando algum desconforto, depois comentou.

—Eu pude perceber sim. Isso é um efeito negativo do tratamento, alguns dos nossos companheiros podem pensar que se trata de uma questão ética com grandes implicações para o paciente, afinal, você estava manipulando as memórias dela para favorecer você. Na sua indicação ao prêmio vou tentar minimizar esse lado do tratamento.

—Bobagem, essa não é a minha preocupação, não me importo em manipular todas as situações para chegar ao resultado, e o único resultado que importava era conseguir a verdade.

O Anjo deu uma pausa, respirou e continuou.

—Mas no caso dela, as situações que eu criava eram mescladas a outras que ela havia vivido de verdade, talvez na infância ou na adolescência, e outras até lá dentro da instituição.



O Dr. Deusenir riu do colega e comentou.

—Não entendo porque você está tão preocupado, era natural que ela misturasse realidade e fantasia, afinal, estava em uma floresta. Quanto a acontecimentos reais eu pude perceber isso em algumas sessões, principalmente na de ontem. Enquanto ela se lembrava do trauma que havia com que preferisse ficar em uma floresta fictícia a se deparar com a realidade, muitos dos detalhes bateram em algum grau com os eventos que ela havia narrado durante as outras sessões da regressão.

O Anjo ficou visivelmente alterado.

—Esse é o problema! Havia muitas coisas batendo. Se eu estava conduzindo a regressão de forma controlada, não deveria haver espaço para que tantas coisas batessem.

—Isso não quer dizer nada. — Minimizou o Dr. Deusenir.

—Quer dizer sim. Muitas vezes ela criava personagens novos, como se estivesse inventando uma história junto comigo e não lembrando acontecimentos anteriores. Em uma sessão inclusive, pareceu que ela sabia o que estava acontecendo.

—O que você quer dizer com isso?

—Você deve ter ficado bastante chocado com tudo que ela revelou ontem, não foi?

—Quem não ficaria? A garota passou por um stress intenso, ver a família ser morta, o pai se suicidar e isso sem contar todo o abuso que já vinha sofrendo antes. Eu também iria querer fugir para uma floresta e não sair mais de lá. Por isso eu acho que seu trabalho foi tão importante. Conseguir livrar aquela jovem de um estado de perturbação desses, realmente merece um prêmio, e acredito que se não fosse por essa técnica que você usou, dificilmente teria sido possível.

O Anjo sentou na beira da cama, estava vermelho de raiva e respirava com dificuldade.

—Será que você não entende? — Falou alto.

Um acesso de tosse do Anjo fez com que o Dr. Deusenir levantasse e fosse até ele.

—Você precisa de um pouco de ar. Vamos lá para fora.

Segurou o Anjo e o levou para fora do quarto. Pararam no corredor com o Anjo apoiando-se na mureta. Finalmente com o fôlego recuperado, ele conseguiu dizer em voz baixa.

—Era tudo mentira.

—Mentira? Como assim? O que era mentira? — O Dr. Deusenir pareceu não entender.

—Tudo que ela disse ontem. Não foi o padrasto quem matou a mãe e o irmão dela, ela nem mesmo tinha um padrasto, sempre morou com o pai e mãe biológicos.

O Anjo tossiu algumas vezes e prosseguiu.

—Ela também nunca sofreu abuso algum, quando chegou aqui ainda era virgem. Os exames vaginais, anais e orais não encontraram qualquer vestígio que pudesse estabelecer algum nível de abuso sexual. Os exames foram feitos exatamente para se tentar estabelecer a motivação para o crime.

—Crime? Não estou entendendo, você acabou de dizer que não houve crime algum.

—Eu não te contei o prontuário dela, não foi?

—Não, não contou.

—Antes de ser internada, Carla foi encontrada em estado de choque, havia acabado de colocar fogo na casa onde sua família morava. Havia trancado todos dentro da casa e saído levando as cópias da chave. A casa era de madeira com grades nas portas e janelas. Os corpos carbonizados foram encontrados perto das saídas.

O Dr. Deusenir ouvia sem conseguir acreditar.

—Carla havia ficado do lado de fora, observando tudo pegar fogo, com as chaves penduradas no pescoço. Parecia estar em choque e foi trazida para cá, só falava da tal floresta, dizia coisas desconexas. Era impossível dizer se ela sabia ou não que a família estava morta.

O Dr. Deusenir tentava enxergar algum motivo para aquilo tudo.

—E a família, alguma pista para o que motivo?

—O pai era um fazendeiro muito rico, não negava nenhuma das vontades dela. A mãe fazia parte de círculos sociais bem

conhecidos e o irmão, assim como ela, ganhava prêmios todo ano por desempenho escolar excelente.

O Anjo respirava mais facilmente e continuou a conversa.

—O objetivo maior dessa experiência era manipular a realidade em volta da Carla para que ela desse pistas dos motivos que a levaram a fazer aquilo, mas foi em vão. Desse ponto de vista, o resultado da experiência já estava sendo ruim, mas depois de ontem percebi que havia fracassado completamente.

—Ora, eu não entendo. — Estranhou o Dr. Deusenir.

—Eu ainda tinha alguma esperança de salvar a Carla daquela floresta, então a conduzi até a cabana e entreguei a chave a ela.

—E o que foi que deu errado? — Perguntou o Dr. Deusenir.

—Quando ela entrasse lá teria duas opções. Na primeira poderia salvar sua família, já que, diferente do dia do incêndio, dessa vez havia aberto a porta e todos eles poderiam sair. Nesse caso ela estaria fazendo as pazes consigo mesma e pedindo perdão à sua família. Na segunda, entraria e encontraria os corpos queimados da sua família e nesse caso estaria reconhecendo sua culpa, talvez fosse difícil conviver com a culpa, mas com essa segunda opção ela também teria saído da floresta, só que deixando os fantasmas do passado para trás.

O Anjo parecia prestes a chorar e o Dr. Deusenir o convidou a voltar para o quarto.

—Vamos entrar. Você já está melhor.

Conduziu o Anjo para dentro enquanto ele ainda se lamentava.

—Você entende o que eu ofereci a ela usando meu método de regressão hipnótica controlada? Eu dei a ela a chance de salvar sua alma e de todos da sua família, mas ela preferiu matar todos eles novamente. Um por um.

—Estou chocado. — Disse o Dr. Deusenir.

—Ela é incapaz de sentir remorso pelo que fez ou então acredita que era o destino deles queimarem no incêndio e não tem mesmo culpa alguma.

O Dr. Deusenir pensou por um instante e depois comentou.

—Ela disse algo parecido em uma das fitas que você me emprestou.

O Anjo deu um sorriso sarcástico.

—E você acha que não percebi? Relembrando as outras sessões encontrei muitos pontos que pareciam dicas sobre quem ela realmente é.

O Dr. Deussenir olhou para o Anjo com um ar preocupado.

—Mas se isso for verdade, ela teve controle da regressão o tempo todo e só falou o que quis.

O Anjo respirou fundo.

—Exatamente. É impossível saber quando ela falou a verdade, se é que falou alguma.

—Há um tipo de patologia que levaria alguém a se comportar assim. Afirmou o Dr. Deussenir.

—Sim. Meu diagnóstico depois de rever todas as minhas anotações foi que ela é uma piromaníaca.

O Dr. Deussenir ficou surpreso com a resposta, esperava um diagnóstico diferente.

—Piromaníaca? Alguém que sente prazer em colocar fogo em objetos? Pensei que você fosse dizer que ela é uma sociopata. Imaginei outra possibilidade. — Disse o Dr. Deussenir.

—Qual? — Perguntou o Anjo.

—Não seria talvez um caso de dupla personalidade? Talvez a história que ela contou seja real desse ponto de vista. Ela pode ter criado uma segunda personalidade para lidar com a morte dos pais e nem sabe que foi ela mesma que ateou fogo neles.

—Poderia ser. Mas se isso for verdade, então acredito que salvei a personalidade errada e a outra ainda precisa de tratamento. Não podemos dar alta para uma piromaníaca nem para uma sociopata. De toda forma, resolvo isso outra hora. Preciso ir embora, tenho um vôo marcado para antes do almoço.

—Mas e a alta dela?

—Alta? Eu não poderia dar alta a alguém com tantos problemas. O Dr. Deussenir fez uma cara preocupada já prevendo problemas. Respirou fundo e disse:

—Acho que vamos ter um problema então.

—Como assim?

O Dr. Deusenir baixou a cabeça antes e responder.

—Eu dei alta para a Carla antes de vir para cá?

—Você está ficando louco? Porque você fez isso?

—Você disse que iria dar alta a ela ontem, mas como você passou mal, pensei que não havia porque deixá-la internada por mais tempo.

O Anjo levantou de um salto e foi correndo até a recepção do andar. Pegou o telefone e ligou para a clínica onde Carla estava. Quando a mulher que estava no plantão atendeu, ele perguntou:

—Rose, você viu se a Carla já levantou? Ela gosta de tomar café perto da goiabeira.

—Claro que vi, vocês fizeram um trabalho maravilhoso com ela. Pelo menos foi o que ela me disse. Antes ela olhava pra gente como se a gente nem existisse. Hoje, antes de ir embora, passou aqui e cumprimentou todo mundo, até brincou comigo e com a Lurdes, parecia outra.

—E você deixou que ela fosse embora? — Perguntou apreensivo.

—Claro, ela mostrou a alta assinada pelo Dr. Deusenir. Ela também deixou um envelope para o senhor.

—Um envelope? O que tem nesse envelope?

A Recepcionista abriu o envelope, retirou um pedaço de pano que estava lá dentro e respondeu:

—É só um lenço azul, com três iniciais bordadas.

—Droga! — O Anjo exclamou e desligou o telefone.

Carla Scodiego Dantes já havia deixado o hospital.

# Epílogo

O jovem fechou rapidamente a porta da geladeira quando o telefone tocou, não gostava de deixar o telefone tocar muitas vezes e o aparelho estava na sala, era melhor se apressar, pois não gostaria de deixar um possível cliente esperando.

—Alô. — Disse o jovem com uma voz cordial.

Uma voz feminina respondeu do outro lado.

—Olá. Como vai meu maestro preferido? Espero que ainda se lembre de mim.

O jovem respondeu quase instantaneamente:

—Ora se não é a Garota Solitária? A mulher que gosta de lançar feitiços. Acredita que sempre que vejo uma abóbora realmente me lembro de você?

—Bem, o objetivo era mesmo esse. Que bom que funcionou.

O jovem deu um sorriso e perguntou:

—A que devo a honra desta ligação tão ilustre? Afinal, já se passou um bom tempo desde aquele baile.

—É verdade. Estive um pouco ocupada, mas agora estou de volta, achei que podíamos combinar alguma coisa pra fazermos juntos.

—Seria ótimo. Estou livre na terça, o que você acha?

—Para mim está bem.

O jovem continuou a conversa informando a ela como poderia chegar até a casa dele, marcaram o horário e depois desligaram o telefone.

\* \* \*

O Dr. Deusenir estava acompanhando os últimos trabalhos da reforma do banheiro masculino. Havia sido colocada uma enorme placa de aço onde ficava o espelho, o reflexo não seria tão bom, mas pelo menos não seria quebrado por um dos internos que insistia em jogar pedras contra o espelho de vidro.

A pintura das paredes também havia terminado. Os desenhos espalhados por todas as paredes haviam sido apagados, embora isso não resolvesse o problema, depois de algum tempo as paredes estariam todas riscadas novamente.

Ele saiu do banheiro indo em direção à fonte que ficava no centro da clínica, no caminho ficou satisfeito ao perceber que a goiabeira voltaria a florescer mesmo depois de ter sido bastante queimada durante o incêndio que ocorrera na clínica, a grama seca havia levado o fogo por várias áreas.

O celular do Dr. Deusenir tocou e quando viu o nome de quem estava chamando mal pôde acreditar.

—Carlos Gomes, que surpresa receber essa sua ligação. O que aconteceu?

—Como você havia dito, aquela garota Carol ou Carla, já nem sei, ligou para mim hoje.

O Dr. Deusenir parou no meio do caminho apreensivo e perguntou:

—O que você disse a ela?

—Não disse nada, mas nós marcamos de nos encontrar na próxima terça.

—Ótimo, não deixe que ela desconfie de nada até lá e quando estiver com você nós finalmente iremos pegá-la de novo.

—O que vai acontecer com ela?

—Nada de ruim, pode ter certeza, mas ela precisa terminar o tratamento.

—Está bem, vou fazer como combinado. Só mais uma pergunta. Como você sabia que ela ligaria para mim?

O Dr. Deusenir deu um sorriso e respondeu:

—Não sabia. Foi apenas um palpite.

\* \* \*

Carla sorriu ao desligar o telefone. A parte mais divertida viria agora que sabia que tentariam levá-la de volta.



Comentários, sugestões e críticas serão bem vindas pelo e-mail [autor@osegredodecarol.com.br](mailto:autor@osegredodecarol.com.br)

Novidades sobre este livro e futuras obras do autor podem ser conseguidas em [www.osegredodecarol.com.br](http://www.osegredodecarol.com.br)